



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JOÃO DAVI AVELAR PIRES

**A VIOLÊNCIA NO REGIME MILITAR BRASILEIRO E NA
ESCOLA NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO – BELA VISTA DO PARAÍSO/PR**

Londrina
2015

JOÃO DAVI AVELAR PIRES

**A VIOLÊNCIA NO REGIME MILITAR BRASILEIRO E NA
ESCOLA NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO – BELA VISTA DO PARAÍSO/PR**

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado em História Social, da Universidade Estadual de Londrina, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em História Social, na Linha de História e Ensino.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Heloísa Molina

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P667v Pires, João Davi Avelar.

A violência no regime militar brasileiro e na escola na perspectiva de estudantes do ensino médio : Bela Vista do Paraíso/PR / João Davi Avelar Pires. – Londrina, 2015.
242 f. : il.

Orientador: Ana Heloísa Molina.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015.

Inclui bibliografia

A VIOLÊNCIA NO REGIME MILITAR BRASILEIRO E NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO – BELA VISTA DO PARAÍSO/PR

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado em História Social, da Universidade Estadual de Londrina, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em História Social, na Linha de História e Ensino.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Ana Heloísa Molina
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a. Dr^a Regina Célia Alegro
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a. Dr^a Maria Aparecida Lima dos Santos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 11 de maio de 2015.

“...A violência está estampada na cara da sociedade.”

Estudante da 3ª Série do Ensino Médio

Colégio Estadual Jayme Canet

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, pois sem Ele nada seria possível.

À minha família, por todo o apoio, incentivo e compreensão.

À Prof.^a Ana Heloísa Molina, minha orientadora, pela forma competente com que tem me orientado, por toda a dedicação e atenção prestada. Também pela paciência e compreensão.

Ao Colégio Estadual Jayme Canet e ao Colégio Estadual Brasília de Araújo, que gentilmente permitiram a realização da aplicação do instrumento de pesquisa e da coleta dos dados.

Aos estudantes dos colégios acima citados, que aceitaram participar desta pesquisa.

À Leilane Patrícia de Lima, pela disposição e por toda a ajuda prestada.

À todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa se concretizasse e um sonho se realizasse.

PIRES, João Davi A. **Os sentidos da violência no Regime Militar brasileiro e na escola em escritos de estudantes do Ensino Médio – Bela Vista do Paraíso/PR.** 2015. 221 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo a análise dos escritos dos estudantes de duas turmas de 3ª Série do Ensino Médio, uma do período matutino, outra do período noturno, da cidade de Bela Vista do Paraíso, no Paraná. Tais escritos se referem à documentos históricos interpretados e analisados pelos estudantes, que tratam das práticas de violência ocorridas no Regime Militar brasileiro e na escola. A categorização e análise dos escritos será feita a partir dos pressupostos da análise textual qualitativa, onde não buscamos testar teorias, hipóteses ou conceitos, mas sim formulá-los em uma constante revisão dos focos de investigação, partindo de uma abordagem fenomenológica e empática.

Palavras-chave: Violência. Regime Militar Brasileiro. Escola. Escritos dos Estudantes. Ensino Médio. História e Ensino.

PIRES, João Davi A. **Os sentidos da violência no Regime Militar brasileiro e na escola em escritos de estudantes do Ensino Médio – Bela Vista do Paraíso/PR.** 2015. 221 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

This research aims to analyze the writings of the students from two classes of 3rd high school series, a morning period, the other night, the city of Bela Vista do Paraíso, in Paraná. Such writings refer to historical documents interpreted and analyzed by the students, dealing with practices of violence occurring in the Brazilian Military Regime and school. The classification and analysis of the writings will be made from the assumptions of qualitative textual analysis, where we seek not test theories, hypotheses or concepts, but to formulate them in a constant review of the research focuses, starting from a phenomenological and empathetic approach.

Keywords: Violence. Brazilian Military Regime. School. Writings of the students. High School. History and Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos alunos	77
Gráfico 2 – Pessoas com quem habita	77
Gráfico 3 – Renda mensal familiar	78
Gráfico 4 – Contribuição com a renda familiar	79
Gráfico 5 – Atividades que realiza no tempo livre	80
Gráfico 6 – O que assiste na TV	81
Gráfico 7 – Jogos eletrônicos	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações gerais e de participação (Turma M)	85
Quadro 2 – Informações gerais e de participação (Turma N)	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Incidência geral das categorias em relação à questão 1 (Turma M e N)	87
Tabela 2 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 1 (Turma M)	88
Tabela 3 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 1 (Turma N)	88
Tabela 4 – Incidência geral das categorias em relação à questão 2 (Turma M e N)	90
Tabela 5 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 2 (Turma M)	91
Tabela 6 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 2 (Turma N)	91
Tabela 7 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 2:Violência física e suas manifestações (Turma M)	92
Tabela 8 - Categoria I e subcategorias inerentes à questão 2:Violência física e suas manifestações (Turma N)	93
Tabela 9 - Categoria II e subcategorias inerentes à questão 2:Violência verbal e suas manifestações (Turma M)	95
Tabela 10 - Categoria II e subcategorias inerentes à questão 2:Violência verbal e suas manifestações (Turma N)	95
Tabela 11 - Categoria III e subcategorias inerentes à questão 2:Violência psicológica e suas manifestações (Turma M)	95
Tabela 12 - - Categoria III e subcategorias inerentes à questão 2:Violência psicológica e suas manifestações (Turma N)	96
Tabela 13 - Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 2:Violência moral e suas manifestações (Turma M)	97
Tabela 14 - - Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 2:Violência moral e suas manifestações (Turma N)	97
Tabela 15 - Categoria V e subcategorias inerentes à questão 2:Violência contra a liberdade individual, de imprensa e suas manifestações (Turma M)	99
Tabela 16 - Categoria V e subcategorias inerentes à questão 2:Violência contra a liberdade individual, de imprensa e suas manifestações (Turma N)	99

Tabela 17 - Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 2:Outros (Turma M).....	100
Tabela 18 - Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 2:Outros (Turma N).	101
Tabela 19 - Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 2:Exceções (Turma M)	102
Tabela 20 - Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 2:Exceções (Turma N).....	102
Tabela 21 – Incidência geral das categorias em relação à questão 3 (Turma M e N).....	103
Tabela 22 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 3 (Turma M)	104
Tabela 23 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 3 (Turma N).....	104
Tabela 24 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 3: Violência física e suas manifestações (Turma M)	105
Tabela 25 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 3: Violência física e suas manifestações (Turma N)	106
Tabela 26 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 3: Violência verbal e suas manifestações (Turma M)	107
Tabela 27 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 3: Violência verbal e suas manifestações (Turma N)	107
Tabela 28 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 3: Violência psicológica e suas manifestações (Turma M)	108
Tabela 29 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 3: Violência psicológica e suas manifestações (Turma N)	109
Tabela 30 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 3: Violência moral e suas manifestações (Turma M)	109
Tabela 31 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 3: Violência moral e suas manifestações (Turma N)	110
Tabela 32 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 3: Violência contra o patrimônio da escola e suas manifestações (Turma M)	112
Tabela 33 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 3: Violência contra o patrimônio da escola e suas manifestações (Turma N)	112
Tabela 34 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 3: Violência contra o professor e suas manifestações (Turma M)	113

Tabela 35 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 3: Violência contra o professor e suas manifestações (Turma N)	113
Tabela 36 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 3: Violência sexual e suas manifestações (Turma M)	114
Tabela 37 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 3: Violência sexual e suas manifestações (Turma N)	115
Tabela 38 – Categoria VIII e subcategorias inerentes à questão 3: Outros tipos de violência e suas manifestações (Turma M)	115
Tabela 39 – Categoria VIII e subcategorias inerentes à questão 3: Outros tipos de violência e suas manifestações (Turma N)	116
Tabela 40 – Categoria IX e subcategorias inerentes à questão 3: Exceções (Turma M)	116
Tabela 41 – Categoria IX e subcategorias inerentes à questão 3: Exceções (Turma N).....	117
Tabela 42 – Incidência geral das categorias em relação à questão 4 (Turma M e N).....	118
Tabela 43 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 4 (Turma M)	119
Tabela 44 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 4 (Turma N)	120
Tabela 45 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 4: Violência física e suas manifestações (Turma M)	120
Tabela 46 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 4: Violência física e suas manifestações (Turma N)	121
Tabela 47 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 4: Violência verbal e suas manifestações (Turma M)	123
Tabela 48 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 4: Violência verbal e suas manifestações (Turma N)	124
Tabela 49 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 4: Violência contra a oposição e suas manifestações (Turma M)	124
Tabela 50 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 4: Violência contra a oposição e suas manifestações (Turma N)	126
Tabela 51 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 4: Violência contra a liberdade individual e suas manifestações (Turma M)	127

Tabela 52 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 4: Violência contra a liberdade individual e suas manifestações (Turma N)	128
Tabela 53 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 4: Reconhecimento da violência enquanto relato e do texto como um documento histórico (Turma M)	128
Tabela 54 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 4: Reconhecimento da violência enquanto relato e do texto como um documento histórico (Turma N).....	129
Tabela 55 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 4: Resistência e luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma M)	130
Tabela 56 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 4: Resistência e luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma N).....	130
Tabela 57 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 4: Exceções (Turma M)	131
Tabela 58 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 4: Exceções (Turma N).....	132
Tabela 59 – Incidência geral das categorias em relação à questão 5 (Turma M e N)	133
Tabela 60 – Incidência da percepção de relações entre os documentos inerentes à questão 5 (Turma M e N)	134
Tabela 61 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 5 (Turma M)	134
Tabela 62 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 5 (Turma N)	135
Tabela 63 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 5: Tortura e suas manifestações (Turma M)	135
Tabela 64 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 5: Tortura e suas manifestações (Turma N).....	137
Tabela 65 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 5: Outras formas de violência física (Turma M)..	138
Tabela 66 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 5: Outras formas de violência física (Turma N)	139
Tabela 67 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 5: Violência contra a oposição e suas manifestações (Turma M)	141

Tabela 68 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 5: Violência contra oposição e suas manifestações (Turma N).....	142
Tabela 69 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 5: Violência contra a população e suas manifestações (Turma M)	142
Tabela 70 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 5: Violência contra a população e suas manifestações (Turma N).....	143
Tabela 71 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 5: Crítica ao documento (Turma M).....	144
Tabela 72 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 5: Crítica ao documento (Turma N).....	144
Tabela 73 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 5: Não foram percebidas semelhanças entre os documentos (Turma M)	145
Tabela 74 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 5: Não foram percebidas semelhanças entre os documentos (Turma N)	145
Tabela 75 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 5: Exceções (Turma M)	145
Tabela 76 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 5: Exceções (Turma N).....	146
Tabela 77 – Incidência geral das categorias em relação à questão 6 (Turma M e N)	147
Tabela 78 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 6 (Turma M).....	148
Tabela 79 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 6 (Turma N)	149
Tabela 80 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 6: Luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma M)	149
Tabela 81 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 6: Luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma N)	150
Tabela 82 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 6: Violência contra oposição e suas manifestações (Turma M)	151
Tabela 83 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 6: Violência contra oposição e suas manifestações (Turma N)	153
Tabela 84 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 6: Violência física e suas manifestações (Turma M)	154

Tabela 85 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 6: Violência física e suas manifestações (Turma N)	154
Tabela 86 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 6: Afronta à lei (Turma M)	155
Tabela 87 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 6: Afronta à lei (Turma N)	155
Tabela 88 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 6: Violência contra a liberdade individual e suas manifestações (Turma M)	156
Tabela 89 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 6: Violência contra a liberdade individual e suas manifestações (Turma N)	156
Tabela 90 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 6: Exceções (Turma M)	157
Tabela 91 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 6: Exceções (Turma M).....	157
Tabela 92 – Incidência geral das categorias em relação à questão 6 (Turma M e N)	158
Tabela 93 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 6 (Turma M)	159
Tabela 94 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 6 (Turma N)	159
Tabela 95 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 6: Tortura (Turma M).....	160
Tabela 96 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 6: Tortura (Turma N).....	162
Tabela 97 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 6: Violência (Turma M).....	163
Tabela 98 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 6: Violência (Turma MN)	163
Tabela 99 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 6: Aplicação da lei (Turma M)	164
Tabela 100 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 6: Aplicação da lei (Turma N).....	165
Tabela 101 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 6: Exceções (Turma M)	165

Tabela 102 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 6: Exceções (Turma N).....	166
Tabela 103 – Incidência geral das categorias em relação à questão 6 (Turma M e N)	167
Tabela 104 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 6 (Turma M)	168
Tabela 105 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 6 (Turma N)	168
Tabela 106 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 6: Relação entre governo, população e oposição(Turma M).....	169
Tabela 107 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 6: Relação entre governo, população e oposição(Turma N)	169
Tabela 108 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 6: Luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma M).....	170
Tabela 109 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 6: Luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma N)	171
Tabela 110 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 6: Exceções (Turma M)	172
Tabela 111 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 6: Exceções (Turma N)	172
Tabela 112 – Incidência geral das categorias em relação à questão 7 (Turma M e N)	173
Tabela 113 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 7 (Turma M)	174
Tabela 114 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 7 (Turma N)	174
Tabela 115 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 7: Repressão (Turma M)	175
Tabela 116 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 7: Repressão (Turma N).....	177
Tabela 117 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 7: Tortura (Turma M).....	178
Tabela 118 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 7: Tortura (Turma N)	179

Tabela 119 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 7: Outras formas de violência física (Turma M)	180
Tabela 120 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 7: Outras formas de violência física (Turma N)	181
Tabela 121 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 7: Outras formas de violência (Turma M)	182
Tabela 122 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 7: Outras formas de violência (Turma N).....	182
Tabela 123 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 7: Luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma M).....	183
Tabela 124 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 7: Luta contra o Regime Militar brasileiro (Turma N)	183
Tabela 125 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 7: Desacato à polícia (Turma M).....	184
Tabela 126 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 7: Desacato à polícia (Turma N)	184
Tabela 127 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 7: Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente (Turma M)	184
Tabela 128 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 7: Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente (Turma N).....	185
Tabela 129 – Categoria VIII e subcategorias inerentes à questão 7: Exceções (Turma M)	185
Tabela 130 – Categoria VIII e subcategorias inerentes à questão 7: Exceções (Turma N).....	186
Tabela 131 – Incidência geral das categorias em relação à questão 8 (Turma M e N)	187
Tabela 132 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 8 (Turma M)	187
Tabela 133 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 8 (Turma N)	188
Tabela 134 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 8: Violência não especificada (Turma M)	189

Tabela 135 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 8: Violência não especificada (Turma N).....	190
Tabela 136 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 8: Violência entre e contra os estudantes (Turma M).....	191
Tabela 137 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 8: Violência entre e contra os estudantes (Turma N)	191
Tabela 138 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 8: Violência contra o patrimônio (Turma M).....	192
Tabela 139 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 8: Violência contra o patrimônio (Turma N).....	192
Tabela 140 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 8: Outras formas de violência (Turma M)	193
Tabela 141 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 8: Outras formas de violência (Turma N).....	194
Tabela 142 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 8: Crime (Turma M).....	194
Tabela 143 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 8: Crime(Turma N).....	195
Tabela 144 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 8: Exceções (Turma M)	196
Tabela 145 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 8: Exceções (Turma N).....	196
Tabela 146 – Incidência geral das categorias em relação à questão 8 (Turma M e N)	197
Tabela 147 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 8 (Turma M)	198
Tabela 148 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 8 (Turma N)	198
Tabela 149 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 8: Violência física (Turma M)	199
Tabela 150 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 8: Violência física (Turma N).....	200
Tabela 151 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 8: Violência contra o professor (Turma M)	202

Tabela 152 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 8: Violência contra o professor (Turma N).....	203
Tabela 153 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 8: Porte de arma (Turma M)	204
Tabela 154 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 8: Porte de arma (Turma N).....	204
Tabela 155 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 8: Violência contra o patrimônio (Turma M).....	205
Tabela 156 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 8: Violência contra o patrimônio (Turma N)	206
Tabela 157 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 8: Outras formas de violência (Turma M)	207
Tabela 158 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 8: Outras formas de violência (Turma N).....	207
Tabela 159 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 8: Exceção (Turma M)	208
Tabela 160 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 8: Exceção (Turma N).....	208
Tabela 161 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 8: Não presenciou casos de violência (Turma M)	209
Tabela 162 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 8: Não presenciou casos de violência (Turma N)	209
Tabela 163 – Incidência geral das categorias em relação à questão 9 (Turma M e N)	210
Tabela 164 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 9 (Turma M)	211
Tabela 165 – Incidência geral e quantidade nas categorias construídas em relação à questão 9 (Turma N)	211
Tabela 166 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 9: Violência na escola (Turma M).....	212
Tabela 167 – Categoria I e subcategorias inerentes à questão 9: Violência na escola (Turma N)	214
Tabela 168 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 9: Aumento da violência nas escolas (Turma M)	217

Tabela 169 – Categoria II e subcategorias inerentes à questão 9: Aumento da violência nas escolas (Turma N).....	217
Tabela 170 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 9: Violência contra professores (Turma M).....	218
Tabela 171 – Categoria III e subcategorias inerentes à questão 9: Violência contra professores (Turma N).....	218
Tabela 172 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 9: Violência contra o patrimônio da escola (Turma M)	219
Tabela 173 – Categoria IV e subcategorias inerentes à questão 9: Violência contra o patrimônio da escola (Turma N).....	220
Tabela 174 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 9: Outras formas de violência (Turma M)	221
Tabela 175 – Categoria V e subcategorias inerentes à questão 9: Outras formas de violência (Turma N).....	222
Tabela 176 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 9: Sugestão (Turma M)	224
Tabela 177 – Categoria VI e subcategorias inerentes à questão 9: Sugestão (Turma N).....	225
Tabela 178 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 9: Exceções (Turma M)	227
Tabela 179 – Categoria VII e subcategorias inerentes à questão 9: Exceções (Turma N).....	227

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Instrumento de pesquisa: página 1	239
Anexo 2 – Instrumento de pesquisa: página 2	240
Anexo 3 – Instrumento de pesquisa: página 3	241
Anexo 4 – Ata de defesa de dissertação	242

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO I – O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA: ABORDAGENS CONCEITUAIS	26
1. Violência: definições	27
2. A violência escolar e a violência na escola	36
3. Pierre Bourdieu e a violência simbólica	46
4. Regime Militar brasileiro	50
CAPÍTULO II – ESCRITOS DOS ESTUDANTES: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA O PROFESSOR	61
1. O conhecimento prévio e as representações sociais	61
CAPÍTULO III – OS ESCRITOS DOS ESTUDANTES	70
1. Pressupostos da Análise Textual Qualitativa	70
2. O contexto da pesquisa	74
3. O perfil dos estudantes participantes	76
4. O instrumento de pesquisa	83
5. A categorização	84
6. Os escritos dos estudantes	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	230

INTRODUÇÃO

Nossa experiência como professor e no Ensino de História teve início ainda na graduação, nas disciplinas específicas e nos estágios supervisionados numa escola da periferia da cidade de Londrina, onde começamos, pela primeira vez, a trabalhar com os conhecimentos prévios dos estudantes. A partir de então, cresceu em nós o interesse por temas relacionados ao ensino e a aprendizagem em História. Na especialização, nos voltamos para a pesquisa dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema da “tortura”, e agora no mestrado, novamente nos voltamos aos conhecimentos dos estudantes, resultado de aprendizagens tanto ocorridas na escola como fora dela.

É corriqueira no senso comum a ideia de que as crianças e os adolescentes estão cada vez mais próximos da violência. Não nos referimos apenas à aquela violência direta, sofrida ou perpetrada – apesar de que isso ocorra em muitos casos, na família, na rua ou na escola – mas também à violência apresentada pela mídia, pelos veículos de comunicação de massa, cinema, Internet, vídeo games, Internet, entre outros.

Em nossa ainda pequena experiência enquanto professor de História do Ensino Fundamental e Médio, em escolas públicas e particulares, percebemos que a relação que os alunos estabelecem com a violência vai além do simples contato através dos meios e veículos nos quais ela aparece representada. Os estudantes, principalmente os do Ensino Médio, nutrem um grande interesse por temáticas relacionadas à violência, como as guerras, as colonizações, os regimes totalitários, a Inquisição, o Regime Militar brasileiro, entre outros eventos históricos.

Constatamos também que, além desse interesse manifesto pelos estudantes, muitos acreditam e defendem que a violência se justifica em alguns casos, principalmente na punição de criminosos que não foram punidos adequadamente pela legislação penal, como estupradores, pedófilos, assassinos, entre outros.

Partindo destas constatações, nos dispomos a investigar os conceitos, definições e concepções sobre o fenômeno da violência mantidas pelos estudantes. Optamos por trabalhar com duas turmas de 3ª Série do Ensino Médio, matutina e noturna. Tal escolha

não foi arbitrária, mas sim pelo fato de a 3ª série representar o fim do ciclo da Educação Básica, e também, para que se perceba possíveis semelhanças, diferenças, permanências e rupturas nos escritos referentes aos dois grupos, visto que pertencem a turnos e escolas diferentes.

Feitas estas seleções, nos deparamos com o problema do recorte temporal com o qual trabalharíamos. Em outras palavras, devido ao fato de a violência assumir muitíssimas formas, manifestações e objetivos ao longo da História, seria necessário selecionar um ou mais períodos históricos para que os estudantes se remetessem ao escrever sobre o tema da violência. Em uma grande parte dos casos, onde espontaneamente os estudantes manifestam seu interesse pela violência, o Regime Civil Militar brasileiro (1964-1985) aparece com bastante frequência. Lembremo-nos, também, que o ano de 2014 marca os 50 anos do golpe ou o início do Regime Militar no Brasil. Ao mesmo tempo, a violência ocorre com certa frequência em nossas escolas, seja física, entre membros do espaço escolar, ou contra o patrimônio, ou seja, o prédio da escola. Por estas motivações, escolhemos tais períodos e espaços, o Regime Militar brasileiro e a escola pública, como referências.

É importante, nesse sentido, que se leve em consideração os escritos produzidos pelos estudantes, pois eles são mediadores importantes no processo de aprendizagem. Tais escritos favorecem a organização do pensamento para se lidar com as exigências do mundo imediato. A organização, ordenação e relação entre os pensamentos e os conhecimentos existentes na estrutura cognitiva do estudante e sua explicitação escrita, oral, em forma de desenhos, são importantes para que identifiquemos seus conhecimentos prévios sobre determinados conteúdos com os quais queremos trabalhar. Para que possamos considerar e ensinar a partir destes conhecimentos prévios, é necessário identifica-los, e tal identificação acontece através da escrita ou oralidade, entre outras formas. Neste trabalho, optamos por trabalhar com a forma escrita. A maioria dos trabalhos dentro da linha de História e Ensino situam-se na perspectiva do Ensino da História, das teorias da aprendizagem e no próprio processo de se ensinar História. O trabalho que aqui desenvolvemos, situa-se numa outra abordagem, a da aprendizagem em História, na medida em que não nos detemos no processo de ensino, mas sim no

resultado da aprendizagem e do processo de construção do conhecimento, explicitado a nós através dos escritos dos estudantes.

Ao propor um trabalho que trate dos escritos de estudantes sobre um fenômeno tão complexo quanto o da violência, é necessário que definamos os conceitos com os quais trabalharemos. Tal tarefa, ou seja, a apresentação dos conceitos de violência, será feita no primeiro capítulo, baseando-nos em diversas áreas, partindo de dicionários de Língua Portuguesa, Sociologia, Direito e Religião. Abordamos também o conceito para a Psicologia, sendo que para alguns autores a violência é um elemento intrínseco ao ser humano, bem como uma oposição a esta perspectiva, caracterizada pela violência como um fenômeno social e aprendido.

Discutimos também a violência que ocorre com frequência nas escolas, através de diferentes formas e manifestações. Pierre Bourdieu e o conceito de violência simbólica também são abordados, na medida em que demonstram outras formas de violência que ocorrem no espaço escolar, que não são físicas, mas, tão agressivas quanto ela.

Os dois momentos históricos que nos servirão como referência para os escritos dos estudantes também são abordados, tendo como enfoque as práticas de violência presentes nestes contextos.

No segundo capítulo, tentamos discutir a importância dos conhecimentos prévios e das representações sociais na construção dos escritos dos estudantes. Tais escritos – através dos quais é possível identificar quais concepções e relações os alunos estabelecem com o conteúdo em análise – são construídos tendo como base diversos meios com os quais os estudantes mantêm contato e a partir dos quais recebem informações e constroem conhecimento. Neste processo de construção, são, então, de suma importância os conhecimentos prévios e as representações sociais que os estudantes possuem. Ademais, exercem influência e determinam, em grande medida, nossas atitudes e visões de mundo, e também o que é pensado e explicitado através da escrita.

No terceiro capítulo, faremos a categorização e análise dos escritos dos estudantes, buscando compreender o que entendem por violência e como se relacionam com ela nos dois espaços e momentos que tomamos por referência. Como no ano de

2014 trabalhávamos em duas escolas da cidade de Bela Vista do Paraíso, e as duas ofereciam Ensino Médio, optamos por trabalhar com estas escolas, que possuem públicos e estruturas quase que totalmente diferenciadas uma da outra. Bela Vista do Paraíso fica no Norte do Paraná, próxima a cidade de Londrina. Conta com aproximadamente quinze mil habitantes, considerando-se a área urbana e rural.

CAPÍTULO I – O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA: ABORDAGENS CONCEITUAIS

“...Ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas, e à primeira vista é bastante surpreendente que a violência tão raramente tenha sido objeto de consideração...”
(ARENDETT, 2009, p. 7)

A violência é um fenômeno tão complexo quanto o é a humanidade. Pensando nas dificuldades e problemas de se trabalhar com conceitos sem conhecê-los bem, optamos por fazer neste capítulo algumas tentativas de definição e conceituação do termo violência.

Partindo do mais simples ao mais complexo, começamos situando a discussão sobre o tema a partir de dicionários de diversas áreas, entre elas as da História, Sociologia, Direito e Religião, tentando identificar como cada área trata do conceito de violência. Em seguida, apresentamos alguns autores das já referidas Ciências Humanas e também da Psicologia, tratando da violência como intrínseca ao ser humano.

Trabalhamos também com a ideia da violência na escola, que ocorre com certa frequência e se apresenta de formas mais variadas possíveis, como, por exemplo, a depredação do ambiente escolar e entre os indivíduos que dela participam.

As ideias de Pierre Bourdieu em relação à violência simbólica também são consideradas, pois nos dão aporte ao entendimento do sistema escolar e do processo de aprendizado. Diz o autor que o sistema de ensino escolar é baseado na imposição de valores da cultura dominante, de forma geralmente eficiente, de maneira que não percebemos tal imposição.

Em seguida, discorreremos sinteticamente sobre os dois momentos e espaços que serão referência para os questionários aplicados aos alunos, o Regime Militar brasileiro (1964-1985) e a escola. Procuramos destacar as especificidades das práticas de violência

ocorridas em cada um destes espaços. Estas discussões são importantes pois servirão de fundamento teórico para a posterior análise dos escritos sobre o conceito de violência apresentado pelos estudantes.

Assim como nos disse Ana Maria F.C. Monteiro (2011), consideramos o a História e o Ensino de História como um lugar de fronteira. Não no sentido de que os conhecimentos de cada ciência devem estar totalmente delineados e dentro de um espaço definido, mas sim como um lugar onde se articulam trocas, contribuições e discussões provenientes de diversas áreas, que enriquecem em muito as pesquisas em Ensino de História. Nesse sentido é que articulamos as discussões em relação às definições de violência, a partir de contribuições de autores e áreas distintas, mas, que se cruzam e se entrelaçam.

1. Violência: definições

Tratar do fenômeno da violência é o mesmo que pensar a história da humanidade. Os indivíduos sempre se viram às voltas com conflitos, desde as tribos nômades até a contemporaneidade, sejam por territórios, tentativas de escravização do inimigo ou simples dominação (PALMA, 2008). Dessa forma, devido à abrangência e polissemia do termo, torna-se difícil e inexata sua conceituação. Outra questão subjacente às dificuldades de definição é que a conceituação do fenômeno da violência é dirigida pelo julgamento social e por normas social e historicamente construídas, e não por padrões atemporais, o que torna difícil o consenso. Tendo essas problemáticas em mente, abordamos a violência a partir de diferentes níveis e perspectivas, dos dicionários, da História, do Direito, da Sociologia e da Psicologia.

Mas, é possível definir violência? É possível diferenciar os diversos tipos e conceitos deste fenômeno? A violência se refere a um desvio da conduta humana ou é inerente à conduta humana? Essas são algumas questões que não responderemos, mas apontaremos alguns indícios para sua discussão.

Levando em consideração a referida polissemia do conceito, optamos por apresentar um amplo panorama de sua significação e construção pelas áreas citadas, para em seguida incorrer numa análise das práticas e manifestações da violência

ocorridas em dois momentos e espaços distintos, o Regime Militar brasileiro, iniciado em 1964 e que perdurou até 1985; e a escola, local de vivência cotidiana dos estudantes.

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2011), a violência liga-se ao uso da força física ou moral e também a coação. *“Qualidade de violento; ato violento, ato de violentar, constrangimento físico ou moral; uso da força; coação”* (FERREIRA, 2011, p. 908). É possível perceber que o termo neste dicionário não denota caráter negativo, mas sim ambivalente, dando margem a diversas interpretações. É possível dizer, então, que a violência não se define por si, mas pelo seu significado em determinado contexto.

Segundo o Dicionário do Pensamento Marxista (1988), violência significa *“intervenção física voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo, cuja finalidade seja destruir, ofender e coagir”* (BOTTOMORE, 2001). A violência descrita pode ser direta, quando atinge o corpo do indivíduo e, segundo Célia Marra (2004, p. 28), pode ser indireta, na medida em que pode operar através da *“alteração do ambiente físico na qual a pessoa se encontra, ou também quando se subtrai, destrói ou danifica os recursos materiais”*.

No Dicionário de Direito Canônico (1993) a violência se apresenta como a força externa que age sobre o corpo, no sentido de violação sexual. Esta violência implica a falta de consentimento, e justamente por este motivo, não pode ocorrer no campo matrimonial (SALVADOR, EMBIL, 1993, p. 755). A prática violenta seria realizada, portanto, pelo perpetrador do ato sexual, enquanto força externa ao corpo e contra a vontade da vítima, que é forçosamente subjugada.

O Dicionário Jurídico (2005) divide o conceito em diversas categorias, indo de princípios mais gerais aos mais específicos. Por violência, entende a:

...intervenção física voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro, com o escopo de torturar, ofender ou destruir... ato de constranger, física ou moralmente, uma pessoa para obrigá-la a efetuar algo contra sua vontade... alteração do estado físico da pessoa ou do grupo... coação física ou moral... (DINIZ, 2005, p. 891).

É interessante notar que a definição de violência não é válida somente a indivíduos isolados, seja como vítima ou agressor. Grupos também podem ser perseguidos e sofrer agressão por, por exemplo, não se enquadrarem aos padrões

sociais ou comportamentais de outros grupos. A própria heterogeneidade dos grupos sociais e, por vezes, o desejo de dominação ou uma maior homogeneidade pode influenciar práticas violentas.

O mesmo dicionário apresenta também, entre outros, os conceitos de violência efetiva física, cuja prática *“consiste no emprego de força ou de meios materiais para sujeitar alguém a efetuar o que não quer* (DINIZ, 2005, p. 891); violência efetiva psíquica, que significa *“o emprego de recursos que afetam as faculdades mentais da vítima, como escopo de retirar-lhe a capacidade de defender-se* (DINIZ, 2005, p. 891); violência indireta, aquela que *“altera o ambiente físico em que a vítima se encontra, para forçá-la a realizar algo”* (DINIZ, 2005, p. 891); violência sexual, todo *“ato violento, físico ou psíquico... para constrangê-la à conjunção carnal, dando origem, se consumado, ao estupro, ou ao atentado violento ao pudor...”* (DINIZ, 2005, p. 891); e violência simbólica, que se refere a um:

... poder capaz de impor significações como legítimas, dissimulando as relações de força. Não se trata de coação, pois pelo poder de violência simbólica o emissor não coage... Como o poder é controle, para que ele ocorra, o receptor precisa conservar suas possibilidades de ação, agindo conforme o sentido ou esquema de ação do emissor. Por isso, o emissor, ao controlar, não elimina as alterações de ação do receptor, mas as neutraliza... (DINIZ, 2005, p. 892).

Estas considerações sobre a violência simbólica – que será tratada posteriormente – foi proposta inicialmente por Pierre Bourdieu (1989), e se apresenta com um caráter aparentemente não violento, que não causa morte ou danos físicos, mas concorre para outras possíveis mortes, quer sejam mais ou menos prolongadas, até mesmo com maior grau de danos invisíveis (MARRA, 2004).

É interessante notar que, a violência possui representações particulares no imaginário dos indivíduos, dependendo do lugar que ocupam, e também pontos de vista diferenciados se tomados a vítima e o agressor. Para Gilberto Velho (Apud: MARRA, 2004), violência significa aquilo que é indesejado por outrem e que lhe é imposto por força física ou simbólica, colocando-se dessa forma ao inverso do desejo, solapado pela diferença.

Ao tentar demonstrar os variados sentidos e definições inerentes ao conceito de violência, Yves Michaud (1989) nos aponta aspectos interessantes. Etimologicamente, violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. De acordo com Michaud (1986), tais termos devem ser relacionados à *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Aprofundando o significado da palavra, ela se refere à força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto a potência, o valor, a força vital. A passagem da palavra do latim para o grego reafirma esse sentido, tratando o termo como violência, emprego da força, o que coage e pratica violência.

Ainda para Michaud (1989), o conceito diz respeito a uma força não qualificada, sem consideração de valor, inerente ao ser humano. Ela se torna violência quando ultrapassa seu limite ou perturba uma determinada ordem social. Em outras palavras, essa força só assume a qualificação de violência em função das normas, regras e princípios estabelecidos. Assim, quanto mais variáveis forem os conjuntos de normas, mais definições de violência podemos encontrar.

Numa caracterização feita por Saúl Franco Agudelo (1989), a violência é vista como um processo dirigido a certos fins, tendo diferentes causas, assumindo formas variadas e produzindo certos danos, alterações e consequências, tanto imediatas quanto a longo prazo. Segundo Maria Cecília de Souza Minayo e Edinilsa Ramos de Souza:

... a violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual... (Minayo e Souza, 1997/1998, p. 514)

Ambas as definições acima são um tanto quanto abrangentes, na medida em que poderiam abrigar uma ampla volubilidade de ações humanas, ou então dão ênfase mais nas consequências da violência do que em seu sentido e nas ações que as produziram. Entretanto, as autoras reconhecem as dificuldades do tratamento do conceito, e acrescenta que não podemos falar numa definição estrita de violência, mas sim em violências, na medida em que a realidade é plural, diferenciada, apresentando-se como

um devir constante. Logo, a violência é tão diversa quanto o é a realidade, mas suas especificidades devem ser conhecidas e entendidas (Minayo e Souza, 1997/1998).

Michaud (1989) corrobora a ideia das dificuldades do conceito, e o divide em “sentidos da violência”, “etimologia”, “definições do Direito”, “definições da violência” e sua relação com o caos. Ao tratar das definições do Direito, Michaud cita R. Merle e A. Vitu, que vêem a violência como:

... atos através dos quais se exprimem a agressividade e brutalidade do homem, dirigidas contra seus semelhantes e causando-lhes lesões ou traumatismos mais ou menos graves... (MERLE e VITU, 1982, p. 1395. Apud: MICHAUD, 1989, p. 9).

Esta definição enfatiza as relações entre violência e o emprego da força física, bem como as consequências produzidas. Posteriormente, foram ampliadas para abranger também outros tipos de agressões, como doenças provocadas ou danos físicos que não exigem violência física contra o corpo da vítima. Para o Direito Civil, a violência pode ser considerada uma forma de coerção exercida sobre a vontade de uma pessoa para forçá-la a concordar com algo de que início lhe era contrário. Dessa forma, a violência pode se caracterizar como processo gerador de danos físicos e coerção da vontade, mas também como danos vinculados às ordens normativas.

É interessante também o critério de intencionalidade destacado por alguns autores:

... a violência, compreendida como um problema de saúde pública, foi definida como qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo ou instituição, dirigida a outrem, que cause prejuízo, danos físicos e/ou sociais e/ou psicológicos... (CHAVES, RISTUM e NORONHA, 1997, p. 1)

Consideramos esta definição problemática, pois aplica uma restrição um tanto quanto questionável às práticas violentas. Tomando a intencionalidade como um pressuposto da violência, inúmeras ações humanas que *a priori* seriam consideradas violentas e que produzem efeitos e danos seriam desqualificadas. Por exemplo, se um pai acredita que agressões físicas são uma forma de se educar os filhos, mesmo que tal agressão beire ao espancamento, dentro dessa perspectiva o pai não estaria cometendo um ato de violência, pois não existe a intenção de ferir ou fazer sofrer, e sim de educar.

Outra dificuldade que se apresenta quando nos propomos a discutir o conceito de violência, são as controvérsias quanto a sua natureza. Estas controvérsias podem ser sintetizadas na seguinte questão: a violência é inerente à natureza humana? Diversos autores se empenham em aproximar ou separar a agressividade da condição humana. Konrad Lorenz (1979) aponta que existe um instinto geral de agressão na espécie humana, fator que está na gênese da violência.

Roger Dadoun (1998), a partir de influências freudianas, refere-se à violência como essencial ao homem. Segundo ele:

... consideramos como primordial, essencial, e até mesmo constitutivo de seu ser, a saber: a violência. Homo violens é o ser humano definido, estruturado, intrínseca e fundamentalmente pela violência... (DADOUN, 1998, p. 8)

Palma (2008) concorda com Dadoun ao dizer que a natureza do homem está fundada num caráter instintivo e impulsivo, que em determinadas situações o leva a realizar atos de violência e crueldade contra outros indivíduos. Quando o homem passa a ser conduzido e governado pela razão, este instinto não desaparece, podendo vir à tona em quaisquer momentos, com manifestações descontroladas de violência.

Sigmund Freud (1980) pensa a violência como parte constitutiva do humano e fundante da sua cultura. Para ele, a agressividade possui ordem libidinal. Em *Narcisismo: uma introdução* (1914), Freud relaciona a violência ao caráter narcisista do homem. Para o narcisista, a diferença e o outro são insuportáveis, assim surge o aniquilamento do outro. De acordo com Ilka Franco Ferraril (2006), a base da crueldade em Freud está no egoísmo, não havendo a possibilidade de consideração do outro.

Contraopondo-se às visões inatistas da violência, existe na Sociologia a Teoria da Aprendizagem Social (DADOUN, 1977. Apud: CASIQUE, 2004). Sabendo que o homem é um animal social e influenciado pelo meio e grupo social a que pertence crenças, tradições, representações e experiência pessoal podem influenciar em seu comportamento e relações sociais. A Teoria Social Cognitiva de Alberto Bandura (2008) se refere ao comportamento como algo dinâmico e influenciável pelas características do ambiente, do próprio indivíduo e dos indivíduos ao redor, condicionando, dessa forma, seu comportamento. Conclui-se, assim, que indivíduos que crescem mantendo contatos

com outros indivíduos violentos tendem a imitar suas atitudes. Esta vertente concede papel principal ao meio social e às relações sociais através das quais os indivíduos constroem suas identidades.

Hanna Arendt (2009) se opõe à defesa de uma essencialidade da violência humana, na medida em que a considera como não instintiva, mas instrumental. Em outras palavras, a violência serve a um fim bem específico, garantir a coesão social, servindo para a manutenção dos pactos. Para Arendt (2009), as sociedades mantêm a coesão social através da violência nos seus mais variados aspectos. É ela quem garante que as regras e as normas sociais estabelecidas sejam consideradas e levadas em conta. Dessa forma, Arendt (2009) nega que a violência seja inerente à condição humana, mas lhe concede o caráter de um instrumento utilizado sempre para se controlar, manter, subjugar e fazer obedecer. Questiona Arendt “...Pactos, sem as medidas coercitivas, nada mais são do que palavras?...” (ARENDR, 2009, p. 5).

Costa (1986) também argumenta que o comportamento do indivíduo, inclusive o violento, é um padrão culturalmente aprendido no qual se estabelece o verdadeiro e o falso, prescrevendo condutas, valores, sentimentos e atitudes. Segundo Costa, o caráter específico da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer. Desta forma, todo ato violento tem a marca de um desejo, uma intenção, o emprego deliberado da agressividade. Para Costa, não há violência instintiva, pois falar de violência é o mesmo que falar de uma intenção de destruir.

Na Sociologia, temos ainda as ideias de Michel Maffesoli (1981, Apud: MARRA, 2004), que estuda a sociedade e seus processos de socialização. Para ele, a violência se coloca na gênese da existência, e destaca três modalidades inerentes a este fenômeno e suas diversas formas de expressão (MARRA, 2004). A primeira chamada por ele de *violência dos poderes instituídos* ou *violência totalitária*, realizada pelos órgãos burocráticos do Estado e do serviço público. Essa manifestação da violência decorre do monopólio de uma estrutura dominante, institucionalizada, quer seja o Estado ou outros tipos de organização que impõem uma massificação dos desejos e um controle monopolizado das ações. Dentro desta perspectiva, a norma se manifesta como a antítese da diferença, e por isso bloqueia um dos pólos, seja a ordem ou a desordem, que fundamenta a estrutura social. Este bloqueio gera tensões constantes entre poder e

potência, até que converge ao confronto (MAFFESOLI, 1981, APUD: MARRA, 2004, p. 36).

Este confronto, resultado da negação da ordem e das normas sociais estabelecidas caracteriza a segunda forma de violência postulada pelo autor, a *violência anômica* (MAFFESOLI, 1991, APUD: MARRA, 2004, p. 37). Esta categoria diz respeito a uma reação à violência e dominação dos poderes instituídos. Pode manifestar-se sob diversas formas de ilegalidade e diversos atos de resistência à dominação, como por exemplos as revoltas. Maffesoli considera a violência anômica como construtiva, na medida em que ela é *“afirmação individual em que, na contestação da ordem estabelecida, existe um apelo por sua melhor racionalização ou um retorno às suas origens. A energia dessa contestação cria ou renova a estrutura social”* (MARRA, 2004, p. 39). Ela é sempre antecipatória, seu desejo e prazer em destruir é também uma garantia de desejo de construção.

A terceira forma de violência, a *banal* (MAFFESOLI, 1991, APUD: MARRA, 2004, p. 40), é usada pela coletividade na contra-dominação. Apresenta-se na contestação silenciosa, pelo distanciamento dos valores estabelecidos, sem, no entanto ocorrer uma luta explícita. Alguns dos exemplos deste tipo de violência são: os grafites e pichações, o silêncio, a comicidade e a ironia¹.

Nas três formas de violência é possível encontrar um movimento recursivo de destruição e reconstrução. Ou seja, destruir o que existe e que é negado, para a construção de novos elementos. Entretanto, Maffesoli (MAFFESOLI, 1991, APUD: MARRA, 2004, p. 41) ressalta que a violência é inaceitável, pois é sempre incompreensível e imprevisível. É a parte sombria da teia social, mas que, de toda e qualquer forma, é um dos elementos ativadores da sociedade.

Mauro Pergaminik Meiches (2000) afirma que para que seja possível a convivência em sociedade, o homem deve controlar tal agressividade e violência, submetendo-se a regras e proibições. Nesse sentido, os impulsos e os instintos devem ser controlados para que não se sobreponham aos desejos da coletividade. Segundo

¹ De acordo com suas especificidades e contextos, grafites e pichações também podem ser considerados como manifestações artísticas e culturais, inclusive por seu caráter de comicidade e contestação social.

Dadoun (1998), existem diversos mecanismos para conter a violência, entre eles a educação, que tem por tarefa transformar o potencial de violência em força e energia para sustentação e desenvolvimento da sociedade. Em outras palavras, incute no indivíduo modelos de comportamento, sensibilidade e compreensão, através dos quais se dá sua integração à sociedade. Para ele, diversas instituições têm por função controlar e canalizar a violência, entre elas a igreja. Dadoun enfatiza o fato de que estas estratégias também são violentas, tratando-as como instrumento de dominação.

Para Luiza Yshiguro M. Camacho (2001), o homem, devido à sua condição antropológica, é obrigado a ser homem, ou seja, a própria ideia de ser homem ou mulher não é inata, não é natural, mas antes passa por diversas construções sociais e históricas, do que seria aceitável, necessário e reprovável. Já que os indivíduos nascem imaturos, eles só conseguem se humanizar se forem capazes de se apropriar e reproduzir o que a espécie cria no curso da sua história. Dessa forma, a sociedade é responsável pela canalização e contenção dos instintos, pela humanização do animal.

Na Idade Média e Moderna, por exemplo – período no qual vigorou a Inquisição – a violência se devia principalmente às práticas institucionalizadas, se pensarmos todas as formas de punição exercidas pela legislação eclesiástica e civil da época (PAIVA, 2002). Desta forma, é possível dizer que havia a aceitação de certas práticas judiciais violentas, a partir de sua inserção na lógica dentro destes contextos históricos.

Além das fogueiras da Inquisição, diversos métodos do sistema penal, tanto eclesiástico quanto secular, eram violentos e cruéis, utilizando a dor, o sofrimento e o suplício como práticas legais. A violência é demonstrada na tipologia dos métodos de interrogatórios e execução, como a roda, o pelourinho, a forca, o cadafalso, o esquartejamento, entre outros. Estas práticas eram utilizadas tanto para execução como durante os interrogatórios, onde os suspeitos eram submetidos a longas sessões para que confessassem os crimes e pecados dos quais eram acusados.

No Regime Militar brasileiro (1964-1985), governo que alcançou o poder através de um golpe de estado, a violência foi aplicada aos que, de todas as formas, representassem oposição ou uma ameaça à ordem estabelecida. Os que eram presos, denunciados ou acusados de pertencerem a grupos heterodoxos, como a partidos

comunistas e de esquerda, eram levados a locais específicos, onde eram encarcerados e submetidos a interrogatório por longos períodos.

É interessante notar que, no Brasil, além da violência, houve também a repressão preventiva, que em alguns casos demonstrou ser mais eficiente e produtiva. Esta tipologia da repressão consistia na vigilância e controle cotidiano sobre a sociedade, através de diversos órgãos de inteligência. Na Inquisição europeia, por exemplo, a violência, principalmente a das execuções públicas, também era preventiva e de caráter pedagógico. Simbolizava a comemoração da Igreja contra o mal, mas também funcionava como um aviso aos que desrespeitavam e contradiziam os dogmas religiosos.

2. A violência escolar e a violência na escola

A problemática da violência nas escolas começa a aparecer em estudos brasileiros a partir da década de 1990. Estas pesquisas eram produzidas por algumas organizações não-governamentais e entidades de profissionais da educação, como sindicatos docentes e associações de diretores de escolas, seguidos de longe por alguns estudos realizados por órgãos públicos. Estes estudos se voltam para as relações entre a violência e a escola e as relações entre os estudantes. A partir de 1997 surgem trabalhos, entre eles da UNESCO, preocupados em decifrar certas condutas violentas dos jovens, aparecendo inclusive algumas questões dirigidas aos jovens e aos educadores (SPOSITO, 2001).

De acordo com Sposito (2001), no primeiro levantamento nacional sobre a violência escolar, realizado em 1998, exclusivamente com professores, foram identificados três manifestações principais de violência: depredações, furtos e roubos contra a escola, as agressões físicas entre os alunos e as agressões de alunos contra os professores. Surge também neste período, diversos trabalhos nas universidades, na área de Educação, sobre a violência escolar. Parte importante destes estudos examinaram as relações entre a violência que ocorre nos bairros periféricos de alguns centros urbanos, principalmente em regiões onde domina o crime organizado e o narcotráfico, e a vida escolar.

Estes trabalhos apontam a influência da criminalidade e da insegurança sobre os alunos, o que deteriora o clima escolar. Maria Heloisa Guimarães (1995, APUD: SPOSITO, 2001), num estudo referente à cidade do Rio de Janeiro, descreve a escola como refém do crime organizado, e ao mesmo tempo, um espaço de disputa entre grupos de jovens pertencentes a gangues rivais. De acordo com a autora, a lógica do tráfico, que busca a ampliação de seu domínio territorial invade a instituição escolar impedindo sua ação educativa. Isso frustra as expectativas dos que acreditam na escola como instrumento de democratização social.

Nanci Cardia (1997, APUD: SPOSITO, 2001), examina as relações existentes entre a violência nos bairros e seus reflexos na vida escolar. A autora percebe que em áreas marcadas por ocorrência de homicídios, o clima de medo e insegurança invade o ambiente escolar. Em áreas onde este tipo de violência ocorre com menos intensidade, mas outras, principalmente aquelas que ocorrem no interior da família, verificam-se o fenômeno da normalização e banalização da violência.

Entretanto, como salienta Alba Zaluar (1994, APUD: SPOSITO, 2001), o aumento da criminalidade e a ausência de segurança não representam na totalidade a violência nas escolas. Devem ser considerados também elementos como a ausência de dispositivos institucionais democráticos no interior de algumas instituições públicas. Entretanto, a autora reitera que diversas formas de violência estão presentes nas escolas, como as agressões ao patrimônio ou vandalismo, e também um padrão de socialização entre os alunos marcados por práticas violentas, físicas e não físicas. Também existe, com bastante frequência, o problema da indisciplina, que dependendo da intensidade com que ocorre, pode ser ou resultar em violência.

Para Júlio R. Groppa Aquino (1996), a indisciplina é um fenômeno que não existe por si só, e nem está ligada exclusivamente às relações que se estabelecem no interior da escola, apesar de nela ocorrerem. Isso porque a escola não é uma instituição alheia ao contexto sócio econômico e histórico no qual se situa, a cidade, o bairro, a vizinhança, entre outros. O que ocorre dentro da escola, em grande medida está relacionado ao que ocorre fora dela. Dessa forma, é possível dizer que a indisciplina ocorre em função do entrelaçamento de duas ordens, a interior e a exterior à escola. Em outras palavras, os

acontecimentos e as relações que se estabelecem no entorno da escola vão influenciar, em grande medida, o que ocorre dentro da escola.

Completa Aquino (1996) que a indisciplina:

... pode estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-la plenamente. Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações do perfil de sua clientela (AQUINO, 1996, p. 45).

Aquino se refere à abertura e “democratização” do acesso à escola ocorrido nas últimas décadas. Se pensarmos a escola antes dessa abertura, seu caráter era elitista e conservador. Após a abertura da escola às demais camadas sociais, a clientela, como chama o autor, tornou-se de amplamente diversa e com demandas diferenciadas das da elite e até mesmo entre os próprios grupos agora contemplados pela escola. Ao mesmo tempo em que a organização escolar permaneceu nos moldes de quando era direcionada apenas à elite. Ou seja, para o autor, existe uma discrepância entre aquilo que é demandado pelos estudantes, os novos segmentos que adentraram à escola, e o que realmente é ensinado e realizado por ela. A escola, na perspectiva de Aquino, não tem sabido lidar com esse novo público, nem contemplar suas demandas e necessidades. Devido à essa rejeição, no sentido de não oferecer suporte às necessárias demandas, a indisciplina surge como a contestação à essa rejeição operada pela escola. Ou como diz Aquino, “a confrontação deste novo sujeito histórico a velhas foras institucionais cristalizadas” (AQUINO, 1996, p. 45).

Numa perspectiva psicológica, Aquino (1996) relaciona a indisciplina ocorrida nas escolas como um sintoma de relações familiares problemáticas, que não conseguem realizar sua função em relação ao processo de educação dos filhos, entendida num âmbito maior, que embora o âmbito familiar e o escolar. Dessa forma, uma das principais queixas dos professores, constatações da nossa experiência nas escolas, é que elas vêm se tornando cada vez mais apenas locais de socialização dos jovens, onde os professores são encarregados apenas de administrar os conflitos e ensinar valores que não foram devidamente tratados dentro de casa pela família.

Em ambas as abordagens, tanto numa visão sócio histórica, onde existe um confronto entre as formas estruturais cristalizadas e as forças de resistência, como na abordagem psicológica, onde a indisciplina é resultado de uma carência psicológica por parte do estudante, a indisciplina é sintoma de problemas exteriores à escola. Para Aquino (2006), a gênese da indisciplina não pode ser relegada apenas à esses dois elementos, mas se trata de um dos efeitos das relações de ensino e aprendizagem que ocorrem entre aluno e professor. Ou seja, a indisciplina é um dos elementos presentes no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Nildo Viana (2002), muitos trabalhos que se dedicam ao tema confundem violência na escola com violência escolar. Para o autor, a violência escolar se dá de duas formas específicas:

...é uma forma específica de violência. Ela é gerada pela instituição escolar, ou seja, é a escola que gera esta forma específica de violência. A violência escolar é realizada tanto por aqueles que detém o poder quanto pelos que estão submetidos à ele. No primeiro caso, temos a violência institucional, e, no segundo, a violência contestadora, realizada pelas vítimas da violência original, fundadora, que é justamente a primeira... (VIANA, 2002, p. 115)

Portanto, na perspectiva adotada pelo autor, existem diferenças entre a violência escolar e a violência na escola. A violência escolar, por sua vez, ocorre de duas formas distintas, a institucional e a contestadora.

A violência institucional é exercida pela própria instituição escolar, mesmo que ela ocorra de forma mais discreta e velada. Esta modalidade de violência ocorre devido ao fato de a escola ser, em sua essência, uma instituição que tem por finalidade moldar os indivíduos para que vivam e reproduzam certas relações sociais da sociedade capitalista, e, portanto, tal socialização é coercitiva e violenta (VIANA, 2002).

De acordo com Áurea Guimarães (2006), todas as instituições, incluindo-se a escola, estão planejadas para que todos os indivíduos apareçam como iguais. Tal homogeneização se dá através de mecanismos disciplinares diversos, que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, entre outros. Na perspectiva da autora, a escola deve ser entendida como um espaço onde se expressa um extrema tensão entre forças antagônicas, devido à grande diversidade dos sujeitos que estão presentes e fazem parte do universo da escola.

Devido a essa socialização coercitiva e repressiva realizada pela escola, na tentativa de produção de comportamentos e ideias condizentes com o sistema capitalista e a disciplina, surgem duas formas distintas de violência institucional, chamadas por Viana (2002) de violência disciplinar e violência cultural, conceito adaptado da violência simbólica de Pierre Bourdieu, da qual trataremos mais adiante. Para o autor:

...A violência disciplinar busca garantir a ordem e a disciplina institucional, o que significa simultaneamente produzir um indivíduo disciplinado e, portanto, preparado para atuar em qualquer outra instituição disciplinar (empresa, estado, etc.)... (VIANA, 2002, p. 116).

Para que o indivíduo consiga conviver num mundo que, para o autor é disciplinado, o indivíduo necessita adequar seus comportamentos e até mesmos suas ideias e conhecimentos. Nesse sentido, tal é a função das instituições escolares. Para Michel Foucault:

...O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor... “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais... A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de um exercício.. (FOUCAULT, 1983, p. 153).

Na perspectiva defendida por Foucault (1983) e também por Viana (2002), a escola se utiliza da violência ou do poder disciplinar para que seus objetivos, sempre relacionados à lógica capitalista, possam ser atingidos. São recursos utilizados pela violência disciplinar, a vigilância hierárquica, que se expressa através de um olhar atento e disciplinador, que vigia a tudo e a todos de um ponto central; a sanção normatizadora, que pune tudo o que se afasta e se desvia das regras estabelecidas, possuindo também papel corretivo, com o objetivo de diminuir os desvios e provoca o arrependimento. Por vezes, a violência disciplinar utiliza, além da sanção, a gratificação. Enquanto a primeira possui caráter repressivo, a segunda tem papel coercitivo (VIANA, 2002). O terceiro recurso da violência disciplinar, o exame, constitui-se como:

...um controle normatizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado... (FOUCAULT, 1983, p. 164).

Para Viana (2002), a violência disciplinar na escola é exercida pelos próprios dirigentes da instituição, a quem ele chama de burocracia. Entretanto, apesar dos perpetradores deste tipo de violência serem, geralmente, os dirigentes, algumas de suas vítimas podem passar por um processo de introjeção da disciplina, passando a cobra-la de seus iguais, o que é o mesmo que pratica-la.

Mas, qual o objetivo da violência disciplinar? De acordo com Viana (2002), o objetivo imediato é a garantia da ordem dentro das instituições escolares, sua hierarquia e suas regras, pois estes são os interesses de seus dirigentes. Entretanto, há um objetivo mais profundo, que é o de *“reproduzir a sociabilidade e as relações de produção capitalistas”*, ela *“prepara o indivíduo para atuar disciplinadamente na empresa ou qualquer outra instituição capitalista”* (VIANA, 2002, p. 121-122).

A segunda forma da violência institucional, a contestadora, significa para Viana:

... a violência daqueles que se recusam à violência disciplinar e cultural. Iremos chamar esta de violência contestadora, que é um tipo de violência reativa, pois ela nasce em resposta a uma violência que lhe é anterior... (VIANA, 2002, p. 124).

Neste sentido, a violência contestadora seria aquela que se opõe a violência disciplinar exercida pela instituição escolar. Nesta perspectiva, a violência praticada por estudantes seria uma reação à primeira violência, a violência original praticada contra eles pela instituição escolar. Ainda para Viana (2002), a violência contestadora:

...é uma relação social na qual um grupo/indivíduo impõe, momentaneamente, algo a outro grupo/indivíduo contra sua vontade/natureza em resposta a uma violência anterior provocada por este mesmo grupo/indivíduo... (VIANA, 2002, p. 124)

Partindo dessas premissas, reafirma-se, segundo o autor, o caráter de reação pertinente à violência contestadora, contra algo que foi primeiramente imposto sob a forma de violência disciplinar ou simbólica, como a disciplina exigida pelas escolas e até mesmo os próprios saberes escolares. Guimarães (2006) concorda com Viana (2002), na medida em que afirma que o próprio princípio da homogeneização imposto pela escola

não se dá se forma tranquila e harmônica e acaba por criar a indisciplina, num sentido mais amplo, englobando também as diversas formas de violência:

...Na sua ambiguidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões de controle homogeneizador imposto pela escola... (GUIMARÃES, 1999, p. 4)

A disciplina homogênea e imposta desconsidera a pluralidade dos grupos e as formas como acontecem as relações entre os alunos, a partilha dos espaços, entre outros, se tornando ela própria, a imposição da disciplina, como causa da violência, chamada por Viana (2002) de violência contestadora.

Diferentemente da violência escolar, a violência na escola pode ser definida como *“toda e qualquer forma de violência que ocorre na escola mas que não é produzida por ela. Sua fonte é extra-escolar”* (VIANA, 2002, p. 126).

Pela definição de violência na escola definida por Viana (2002) percebe-se as dificuldades em se diferenciar, na prática, dentro do espaço escolar, quais violências são contestadoras e quais são originadas fora da escola e não são causadas por ela.

Para Viana (2002), uma das formas de violência na escola ocorre devido à interferência de grupos externos responsáveis pelo tráfico de drogas, inclusive dentro da escola. Outros grupos como ex-estudantes, jovens e policiais quando entram na escola também podem provocar atos de violência.

Para Teresa Cristina R. Rego (1996), para que possamos viver em sociedade é necessário a estipulação e cumprimento de certas regras. Tais regras norteiam as relações, possibilitam e facilitam o diálogo, entre outras coisas. Na escola não é diferente. Para que a estrutura escolar funcione e ocorra a boa convivência entre os estudantes, as normas estabelecidas também devem ser cumpridas. Para Rego:

...a disciplina não é compreendida como mecanismo de repressão e controle, mas como um conjunto de parâmetros (elaborados pelos adultos ou em conjunto com os alunos, mas principalmente internalizado por todos), que devem ser obedecidos no contexto educativo, visando a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade... (REGO, 1996, p. 87).

Assim, a disciplina deve ser entendida a partir de seus pontos positivos, como os limites e a consciência de posição ocupada dentro de um espaço social. Nesse sentido, a indisciplina é o desrespeito, a intolerância aos acordos firmados e o descumprimento das regras que pautam a conduta dos indivíduos dentro do espaço escolar.

Outro aspecto que já foi indicado e que consideramos de extrema importância para a ocorrência da violência na escola é a violência ocorrida na esfera familiar. Em nossa experiência enquanto docente observamos que existe certa banalização da violência no âmbito familiar e privado. Muitas famílias encontram-se num verdadeiro caos econômico, social e emocional. Nessas condições a violência frequentemente se manifesta e acaba por ter consequências no espaço escolar. A ausência de estrutura familiar, seja ela qual for, interfere nas relações sociais experimentados pelos jovens e isso os leva, muitas vezes, a marginalidade, que também tem suas consequências dentro do espaço escolar.

Segundo Viana (2002), problemas psíquicos, situação social de pobreza e dificuldade de acesso e permanência na escola também podem contribuir para que a violência ocorra. Dessa forma, diversos são os fatores que fazem que com a violência possa ocorrer na escola, tendo ou não como determinação fundamental a própria escola.

Portanto, assim como as motivações para a violência são diversas, também o são as formas e manifestações através das quais ela ocorre. Algumas delas não ocorrem contra ou entre os estudantes, mas sim contra o patrimônio escolar, como por exemplo o vandalismo.

Etimologicamente, a palavra vandalismo diz respeito a um estado de espírito que impele à destruição, ao comportamento destruidor e aos vestígios resultantes (COSLIN, 1989, APUD: COSTA, VALE, 1998), entretanto atualmente sua delimitação é mais abrangente, podendo significar destruição ou degradação gratuita de objetos (COSTA, VALE, 1998). São atos que não possuem um objetivo ou uma finalidade, não trazem benefício para seus autores nem para terceiros, pelo contrário, degradam o próprio ambiente em que vivem, sendo possível a inspiração proveniente da indiferença em relação a esse meio. Apesar desta aparente gratuidade dos atos de vandalismo, existem

autores que não compartilham desta ideia, defendendo que em cada ato de vandalismo existe uma finalidade relativamente compreensível (COSTA, VALE, 1998).

Reconhecendo a intencionalidade e objetivo nos atos de vandalismo, Baker e Waddon (1989, APUD: COSTA, VALE, 1998, p. 12), propõem seis categorias de vandalismo: *atos ideológicos*, que se destinam a chamar a atenção para causas importantes; *atos aquisitivos*, que se destina a aquisição de bens ou de dinheiro; *graffiti*, procura transmitir uma mensagem ou exprimir a própria identidade; *expressão de divertimento*, se apresenta como parte de um jogo; *expressão de problemas*, como uma expressão pública de raiva, frustração, medo, ansiedade; *atos não intencionais*, atos erradamente apelidados de vandalismo, já que não houve essa intenção. Salientam que estas tipologias não são completas e podem coexistir em determinados casos.

Clinard (1978, APUD: COSTA, VALE, 1998, p. 12) propõe que se categorize os atos de vandalismo em três modalidades: *vandalismo predador*, aquele traz vantagens materiais ao autor, como vender, sendo difícil de identificar pois geralmente é percebido como um roubo comum; *vandalismo reivindicativo*, motivado pela hostilidade a uma pessoa, a um grupo ou instituição; *vandalismo lúdico*, grande abrangência de atividades, que vão desde degradações que se assemelham a brincadeiras até ações destruidoras espontâneas. Neste terceiro caso, raramente o autor tem consciência clara das consequências.

Apesar das divergências de definições do conceito, parece ser consenso que todo ato de vandalismo possui uma intencionalidade, sendo impossível ou um equívoco falar em vandalismo quando a intencionalidade está ausente.

As investigações, dissertações e teses que abordam a questão da violência escolar, também tomam o *bullying* como um dos objetos primordiais de suas análises. Segundo Costa e Vale (1998), o termo significa, geralmente, “implicar com as pessoas”, geralmente alguém mais novo. As autoras salientam que a maioria das estatísticas e pesquisas enfatiza principalmente a tendência de ver o *bullying* como apenas físico, subestimando, assim, as diversas manifestações do fenômeno. Segundo elas, é necessário distinguir o grave do não grave, o físico do psicológico.

A partir de definições recolhidas em diversos trabalhos, Costa e Vale reúnem alguns aspectos interessantes sobre o *bullying*, que são: causa sofrimento podendo ser dor física ou perturbação emocional; uso deliberado da agressão, ou seja, há intenção de provocar sofrimento; a agressão pode ser física, verbal ou psicológica; pode ser esporádica ou repetitiva; existe desigualdade de poder a favor do agressor ou dos agressores. Ressaltam também que, quando ocorre uma briga ou discussão entre crianças ou jovens de aproximadamente a mesma força ou idade, essa situação não se caracteriza como *bullying* (COSTA, VALE, 1998, p. 13,14).

As autoras relacionam também com *bullying* os atos de:

... chamar nomes, dizer coisas, espalhar rumores ou enviar recados, desagradáveis ou insultuosos; fechar numa sala; excluir ou isolar socialmente, agredir fisicamente; violentar sexualmente; danificar bens. O agredir... surge paralelamente ao ameaçar, atormentar, incomodar ou perseguir... (COSTA, VALE, 1998, p. 14)

O excerto demonstra a diversidade de comportamentos e atitudes que podem ser localizadas dentro da categoria *bullying*, sendo que, todos estes elementos concorrem para uma agressão, real ou implícita.

Algumas pesquisas demonstram também o que chamam de *perturbações do comportamento*, que se caracterizam como repetições de comportamentos levados a cabo por crianças ou adolescentes e considerados inaceitáveis pelos familiares ou por membros de uma comunidade, como por exemplo, a escola. Alguns desses comportamentos são os roubos, o consumo de drogas, a agressão física ou verbal, os acessos de raiva ou mau humor, a desobediência às figuras de autoridade, a negligência no desempenho do aluno, problemas de comportamento na sala de aula ou a recusa em realizar trabalhos da escola ou tarefas de casa. Geralmente, os jovens caracterizados por esta designação combinam vários destes elementos (COSTA, VALE, 1998, p. 15).

É interessante notar que muitos dos comportamentos acima podem ocorrer em grupo, sendo que algumas vezes os membros são pressionados a se enquadrarem nas normas do grupo, pois em caso contrário, poderiam sofrer determinadas sanções, como a exclusão e o isolamento do grupo. Muitas das condutas dos jovens podem ser explicadas

pela importância que o grupo exerce na construção da identidade do sujeito, da necessidade de aprovação ou de adquirir determinado *status* dentro do grupo.

A ausência de empatia – o entendimento dos pontos de vista e perspectivas do outro sem juízos de valor – competência ainda em formação nos jovens, pode ser determinante ou ter forte influência em certos comportamentos dos jovens, entre eles os violentos.

3. Pierre Bourdieu e a violência simbólica

Tentando elaborar uma teoria do sistema de ensino, Pierre Bourdieu (1992) pressupõe que todo sistema de ensino se fundamenta na reprodução de arbitrários culturais das camadas sociais dominantes, seja o ensino formal, como na escola, seja o informal, como a família. Pensando desta forma, o autor cria dentro da Sociologia o conceito de violência simbólica, hoje largamente utilizada pelas diversas ciências humanas e ligada à educação.

Para Bourdieu, a escola, enquanto um sistema formal de ensino está fadado a reproduzir, através de sua organização, hierarquia e até mesmo dos professores, as representações sociais das classes dominantes, chamadas pelo autor de arbitrário cultural. Entendemos por arbitrário cultural, as concepções, valores e delimitações culturais das classes dominantes, não naturais, mas que, através do sistema de ensino escolar, são inculcados nas crianças e nos jovens, de maneira que reproduzam, de maneira mesmo inconsciente, estes arbitrários culturais. Sobre esta seleção, o autor diz :

... A seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrário na medida em que a estrutura e as funções desta cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando unidas por nenhuma espécie de relação interna à 'natureza das coisas' ou a uma 'natureza humana...' (BOURDIEU, 1992, p. 23)

Em outras palavras, não existe uma cultura homogênea, que seja inerente à natureza humana e, portanto, universal. Cada uma das classes ou segmentos sociais possui sua própria delimitação cultural, marcado por suas crenças, valores e códigos.

Mas, apesar destas particularidades, através de uma ação pedagógica que se caracteriza, na prática, como uma violência simbólica, as classes dominantes pretendem inculcar, impor e fazer com que as outras classes reproduzam aspectos culturais que não fazem parte de seu próprio arcabouço cultural, e estas imposições, pela maneira dissimulada de aprendizagem que a opera, torna naturalizadas as práticas culturais alheias.

Neste sistema de ensino, a escola seria por definição, o local onde as relações sociais e de força são perpetuadas, através da dissimulação das relações de força, de maneira que a inculcação do arbitrário cultural não seja percebida como tal (BOURDIEU, 1992, p. 20).

Segundo Bourdieu, o poder da violência simbólica “*se manifesta sob a forma de um direito de imposição legítima, reforça o arbitrário que a estabelece e que ela dissimula*” (BOURDIEU, 1992, p. 27). Este reconhecimento da legitimidade de uma dominação constitui uma força, variada e diversa, que reforça a relação de força estabelecida, pois entendida a dominação como legítima, os grupos ou classes dominadas tendem a serem impedidos de compreender a força que teriam caso tomassem consciência de sua própria força. Esta legitimidade se dá pelo desconhecimento da verdade objetiva presente nas práticas da violência simbólica.

A esta inculcação arbitrária de valores pertencentes às classes dominantes, cuja função seria a de perpetuar as desigualdades sociais e culturais, através da legitimação da cultura imposta – mesmo que de forma implícita – Bourdieu dá o nome de violência simbólica. Uma violência que não é física, não agride o corpo, mas que gera – bem como a violência física – inúmeras perdas e sanções aos indivíduos.

A violência simbólica acontece sempre através de uma ação pedagógica, que se fundamenta numa relação de comunicação, num ambiente onde existam as condições sociais para a imposição ou inculcação de determinados arbitrários culturais. É necessário, primeiramente, para que a ação pedagógica obtenha os resultados que se espera dela, o modo de imposição apropriado, uma delimitação daquilo que se quer impor, bem como de a quem se deseja impor. O autor ressalta que, na medida em que estas delimitações são feitas, a partir de seleções e exclusões arbitrárias de quais significações se quer inculcar, como dignas de serem reproduzidas por ações

pedagógicas, defina o modo como determinada classe dominante opera através de seu arbitrário cultural (BOURDIEU, 1992, p. 22).

Tendo por base que a violência simbólica se dá através da combinação de determinados instrumentos, entre eles o modo de inculcação, imposição e as ferramentas de dissimulação (legitimação), é possível que o arbitrário cultural seja revelado em determinadas situações. Por exemplo, quando a seleção arbitrária da cultura e das concepções das classes dominantes está muito afastada do arbitrário cultural da classe a qual se quer operar a imposição (BOURDIEU, 1992, p. 29).

Apesar de Bourdieu tratar da violência simbólica dentro do espaço escolar e ligado à sua organização enquanto instituição que possui uma finalidade específica consideramos possível expandir a ideia de violência simbólica a outras instituições sociais ou até mesmo à ação do Estado. Bourdieu aponta que diversos universos sociais como a igreja, a escola, a família, o hospital psiquiátrico, ou mesmo empresas privadas e o exército, substituíram a violência, os castigos e as sanções físicas, que ele chama de “maneira forte”, pela “maneira suave”, caracterizada entre outros modos, pelo diálogo (BOURDIEU, 1992, p. 31). Considerando, segundo o autor, que a violência simbólica e a imposição de elementos culturais arbitrários se dão através da ação pedagógica, ou seja, de um processo de ensino e aprendizagem, ressaltamos que a escola não detém o monopólio do ensino e não é o único local onde se aprende. Ou seja, a ação pedagógica descrita por Bourdieu acontece também nas relações sociais existentes fora da escola, numa imensa variedade de aspectos, formas e sentidos, onde arbitrários culturais são ensinados e aprendidos num movimento dinâmico.

Para que os efeitos da imposição promovam uma transformação profunda e durável, a inculcação deve se prolongar e ser contínua. A educação, considerada pelo autor como instrumento fundamental da continuidade histórica, é responsável pela reprodução do arbitrário cultural, pela mediação do hábito como produtor de práticas de acordo com o arbitrário cultural selecionado (BOURDIEU, 1992, p. 44). Em outras palavras, a transmissão ocorrida através da educação forma seres reprodutores. Estes, posteriormente, poderão formar novos reprodutores através da comunicação. Segundo Bourdieu, para que seja efetiva a imposição do arbitrário cultural através da ação pedagógica e esta seja entendida como violência simbólica é necessário:

... além de uma delimitação do conteúdo inculcado, uma definição do modo de inculcação (modo de inculcação legítima) e da duração da inculcação (tempo de formação legítima) que definem o grau de realização do TP considerado como necessário e sendo suficiente para reproduzir a forma realizada do habitus, isto é, o grau de realização cultural (grau de competência legítima) pelo qual um grupo ou uma classe reconhece o homem realizado... (BOURDIEU, 1992, p. 46)

A abreviação TP significa trabalho pedagógico, que para Bourdieu é a ação pedagógica prolongada, que tem as maiores probabilidades de inculcação e imposição dos arbítrios culturais. Este trabalho pedagógico é entendido por Bourdieu como um substituto da coerção física, consegue inculcar ao conjunto de destinatários esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Em relação ao processo de inculcação do arbitrário cultural, Bourdieu ainda diz que o trabalho pedagógico através do qual se realiza a ação pedagógica “*consegue tanto melhor impor a legitimidade da cultura dominante quanto está mais realizado, isto é, quanto consegue mais completamente impor o desconhecimento do arbitrário dominante como tal*”. Visto dessa forma, a probabilidade de uma imposição de um arbítrio cultural obter sucesso e alcançar os objetivos a que se dispõe, é maior se estes objetivos e metodologias forem desconhecidas. Ou seja, a inculcação acontece de forma natural, sem que este processo seja conhecido por uma ou ambas a partes envolvidas. A cultura que se almeja inculcar com vistas à reprodução é pretensamente universal e única legítima. (BOURDIEU, 1992, p. 51).

A ação pedagógica enquanto violência simbólica, seja realizada pela escola ou por outras instâncias, pode se realizar tanto por inculcação e imposição quanto por exclusão. As relações de força entre as classes e os grupos sociais tende a impor o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, e lhes fazem interiorizar, de maneira variável, disciplinas e censuras que servem aos interesses materiais e/ou simbólicos dos grupos dominantes, tornando-se autodisciplina ou autocensura. A exclusão possui grande força simbólica, parecendo aos que lhe são renegados como uma sanção de sua indignidade cultural (BORDIEU, 1992, p. 53).

Pensando nestas questões conceituais e nas muitas especificidades do fenômeno da violência, pretendemos identificar, categorizar e analisar as visões de que os alunos

dispõem sobre este fenômeno ocorrido no âmbito da escola e no Regime Militar brasileiro. Desta forma, faz-se necessário uma breve exposição sobre estes períodos históricos.

4. Regime Militar brasileiro

O período que vai de 1964 a 1985 é bastante traumático para a recente história política brasileira. É nele que acontecem a derrubada de João Goulart e a instauração do governo militar, que se estendeu até 1985. Estes elementos estão relacionados a um longo processo e a certa variedade de fatores, dos quais tentaremos esboçar algumas considerações.

De acordo com Soares (SOARES; D'ARAÚJO; PINTO, 1994, p. 18) a credibilidade de que gozava o político e a política brasileira antes do golpe era baixíssima, a grande preocupação era a corrupção, que chamava mais atenção do que a eficiência ou ineficiência do governo. Alguns fatores contribuíram para essa desvalorização, tanto da política como da figura dos políticos, entre eles a impunidade da qual gozavam os corruptos, que não estavam sujeitos às mesmas penas que o cidadão comum. Muitos partidos e políticos começaram a utilizar a corrupção como tema e ferramenta de campanha, para prejudicar adversários. Entretanto, a maior consequência dessa nova forma de fazer política, foi sua ainda maior desvalorização. Entre os motivos alegados para o golpe de 1964, a corrupção está presente como uma das principais justificativas.

Havia também o problema da instabilidade do governo Goulart (1961-1964), nas questões administrativas cotidianas, nas grandes decisões, entre outros. Goulart não gozava de todo o apoio de que necessitava para manter o governo estável, tanto no Legislativo quanto na sociedade civil. Dessa forma, passou a usar a nomeação de altos cargos, como por exemplo, os ministérios. Estas estratégias visavam angariar parte do apoio que lhe faltava. O resultado foi um total caos administrativo, passando o governo de mão em mão durante todo o governo Goulart. Havia grande rotatividade nos ministérios e o mesmo se passava com as grandes empresas públicas. A troca dos ministros e dos dirigentes das empresas públicas ocasionava a substituição de outros cargos subsequentes. Todos esses problemas administrativos gerados pelas ações de

Goulart deixavam clara a instabilidade do governo e pesava sobre o presidente, criando uma opinião negativa em vários setores sociais, entre eles a classe militar, que particularmente, é mais sensível à desordem.

O caos, a desordem, a anarquia, o perigo comunista são os motivos que mais aparecem nas justificativas do golpe, em entrevistas feitas com militares (SOARES; D'ARAÚJO; PINTO, 1994, p. 34). O golpe de 1964 não foi a primeira vez em que saíram dos quartéis e se envolverem na política. Isso já havia acontecido em outras ocasiões, sempre com o objetivo de devolver a ordem ao país, e logo em seguida retornavam aos quartéis. Mas, em 1964, militares acompanhados de alguns setores civis, assumiram de fato o poder e o controlaram por mais de duas décadas.

Os militares assumiram o poder sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e afastaram os civis da participação e das decisões políticas. A DSN foi criada nos Estados Unidos e adaptada pelos militares brasileiros. Através dela, o Regime Militar brasileiro foi voltado para a segurança, contra inimigos internos e externos, pretensamente relacionados ao comunismo. Criou-se no Brasil um estado de crise e de ameaça permanente, mesmo que fictício, para assim serem legitimados o governo e sua política repressiva.

Ao longo deste governo foram emitidos diversos Atos Institucionais, que segundo Soares (SOARES; D'ARAÚJO; PINTO, 1994, p. 67), concederam maior poder e autonomia aos governantes. Optamos por apresentar apenas os cinco primeiros, com o intuito de apenas demonstrar os rumos repressivos e autoritários que foram sendo dados à política brasileira durante o período de 1964 a 1985.

O primeiro deles data de abril de 1964, do governo de Castelo Branco (1964-1967), através do qual foram caçados os direitos políticos de um grande número de indivíduos envolvidos com a política, sindicatos, dos intelectuais e também militares. Muitos sindicatos e órgãos do movimento operário foram fechados. O perigo comunista era a justificativa para a repressão.

O 2º Ato Institucional foi criado em 1965, e aboliu as eleições diretas para presidente da República, dissolveu os partidos políticos criados a partir de 1945 e estabeleceu um sistema bipartidário. O AI-2 aumentou o poder do presidente, dando-lhe, por exemplo, a possibilidade de intervir nos estados, decretar estado de sítio, entre

outras ações.

O 3º Ato Institucional foi criado em fevereiro de 1966, e determinou que as eleições para governadores e vice-governadores fossem indiretas, executada por colégio eleitoral estadual, os prefeitos das capitais e das cidades consideradas de segurança nacional não seriam mais eleitos e sim indicados por nomeação, pelos governadores.

O 4º Ato Institucional é de dezembro de 1966, e Castelo Branco, por meio do AI-4, convocou o Congresso Nacional para a votação e promulgação do projeto de Constituição, que revogava definitivamente a Constituição de 1946.

O 5º Ato Institucional, de dezembro de 1968, caracterizou-se como o mais radical e que mais atingiu os direitos políticos e civis. O Congresso foi fechado, passando o presidente, general Costa e Silva (1967-1969), a governar com poderes ainda mais discricionários.

Foi durante a vigência do AI-5 que aconteceu o mais grave episódio de repressão ao Movimento Estudantil. Durante um encontro de estudantes na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, em 1977, o secretário de Segurança Pública do Estado, coronel Erasmo Dias, ordenou que a tropa de choque atacasse os universitários, com fuzis e cassetetes de aço (SOARES; D'ARAÚJO; PINTO, 1994, p. 90).

Durante estes 21 anos de repressão à liberdade de opinião e de conduta ocorreu uma infinidade de casos de tortura que até hoje não foram revelados em sua totalidade. Centenas de homens e mulheres foram torturadas sob a acusação de serem comunistas e de se oporem ao tipo de ordem exigida. Através dos Atos Institucionais, todas as liberdades individuais, coletivas e políticas foram cassadas e deixaram de existir. Qualquer manifestação individual ou coletiva contra o governo era considerada crime.

Entendemos a tortura como uma das manifestações da violência, que foi apropriada, desenvolvida, encorajada e institucionalizada pelo Regime Militar brasileiro, tornando sua presença corriqueira nos interrogatórios, como uma ferramenta quase que infalível para a obtenção de confissões e delações, mesmo que forjadas.

Dentro desta perspectiva, apresentaremos alguns depoimentos de homens e mulheres que foram torturados durante a vigência do Regime Militar brasileiro, retirados do livro “Brasil Nunca Mais²”, organizado por Paulo Evaristo Arns, onde está localizada uma grande quantidade de depoimentos de pessoas que foram torturadas durante este período, e também explicações detalhadas sobre os métodos de tortura utilizados pelos militares.

A partir dos depoimentos estudados, é possível entender que as sessões de tortura realizadas contra os homens priorizavam a dor e o sofrimento físico; já a tortura contra as mulheres geralmente estava relacionada à sexualidade e aos tormentos psicológicos que ela causava. Segue abaixo, para o início dessa análise, os depoimentos de José Milton Ferreira de Almeida e Lúcia Maria Murat Vasconcelos, respectivamente, que demonstram o que foi dito acima:

... sentou-se numa cadeira conhecida como cadeira do dragão, que é uma cadeira extremamente pesada, cujo assento é de zinco, e que na parte posterior tem uma proeminência para ser introduzido um dos terminais da máquina de choque chamado magneto; que, além disso, a cadeira apresentava uma travessa de madeira que empurrava as suas pernas para trás, de modo que a cada espasmo de descarga as suas pernas batessen na travessa citada, provocando ferimentos profundos...(ARNS, 1985, p. 36).

... a interrogada quer ainda declarar que durante a primeira fase do interrogatório foram colocadas baratas sobre o seu corpo, e introduzida uma no seu ânus...(ARNS, 1985, p. 39).

É interessante, no primeiro depoimento, perceber a maneira como a cadeira é construída, para ser nela introduzida uma máquina de choque. Esta estrutura e adaptação visavam à eficácia do processo e da tortura a ser realizada, que além do tormento pelos choques elétricos, também submetia o prisioneiro ao atrito violento das pernas contra travessa de madeira, que provocava ferimentos graves. No segundo depoimento percebemos que a vítima teve baratas colocadas sobre seu corpo e uma introduzida em seu ânus. Aqui, além da tortura física existe também a tortura psicológica.

² O livro “Brasil: nunca mais”, de Paulo Evaristo Arns originou-se do “Projeto Brasil: nunca mais”, realizado clandestinamente entre os anos de 1979 e 1985, que visava coletar e organizar o maior número de informações sobre as pessoas que sofreram ação violenta durante o Regime Militar brasileiro.

Percebe-se que um ritual estava presente nas torturas realizadas durante o Regime Militar brasileiro, assim como nas realizadas pela Inquisição. Primeiro devido ao fato de a tortura não se tratar de violência pura e simples. Os militares assistiam aulas que ensinavam lhes maneiras corretas de se torturar. Segundo, por todos os detalhes relacionados, a realização dos interrogatórios e da tortura com uso de instrumentos muito bem planejados para provocarem dor e sofrimento. Eram precedidos por seqüências de palavras e frases que tentavam persuadir o acusado a confessar os crimes (antes de ser submetido aos instrumentos de tortura). Essa seqüência ordenada de palavras e ações, ou seja, as tentativas de persuasão e a subsequente tortura às quais os acusados eram submetidos, depois, novamente, a persuasão e a tortura, por se tratarem de procedimentos que possuem uma ordem específica e um caráter de redundância ou repetição, permitem considerarmos a violência e a tortura adotadas no período aqui estudado como ritualísticas.

Acompanhemos os depoimentos de Apio Costa Rosa e José Afonso de Alencar:

...em outra oportunidade essas mesmas autoridades determinaram que o interrogado permanecesse em pé sobre latas... vez por outra recebia além de murros, queimaduras de cigarros; que a isto as autoridades davam o nome de Vietnan; que o interrogado mostrou a este Conselho uma marca a altura do abdômen como tendo sido lesão que fora produzida pelas autoridades policiais (gilete)... (ARNS, 1985, p. 40).

...o interrogado sofreu espancamento com um cassetete de alumínio nas nádegas, até deixá-lo, naquele local, em carne viva... o colocaram sobre duas latas abertas, que se recorda bem, eram de massa de tomates, pra que ali se equilibrasse, descalço, e, toda vez em que ia perdendo o equilíbrio acionavam uma máquina que produzia choque elétricos, o que obrigava ao interrogado à recuperação do equilíbrio... (ARNS, 1985, p. 40).

Nos depoimentos acima percebemos como os interrogatórios se tornavam verdadeiras sessões de tortura e o objetivo não era verificar a plausibilidade da culpa do acusado, mas sim arrancar uma confissão e o nome de outras pessoas envolvidas nos supostos crimes. Se a persuasão dos militares ou dos torturadores não fosse suficiente para fazer a pessoa falar, partia-se para a tortura propriamente dita.

A tortura, enquanto uma das diversas formas possíveis de violência, não pode ser realizada de qualquer forma ou com qualquer pessoa. Possui uma seqüência ordenada

de falas e atos que podem até mesmo serem vistos como performáticos. Geralmente são escolhidas pessoas que pertencem a um determinado grupo social ou político, que no momento caracteriza a oposição No Regime Militar brasileiro o alvo eram homens e mulheres que de forma direta ou indireta desafiavam as leis e as normas de conduta estabelecidas pelos militares. Toda manifestação política contrária ao governo era tida como subversão e seus participantes tidos como comunistas ou subversivos. Era sob essas acusações que os militares legitimavam a violência e as mortes que ocorreram em suas prisões e salas de interrogatório, por um sentimento de dever com a ordem e com a moral, psicologicamente distorcida.

Abaixo segue o depoimento de Ângelo Pezzuti da Silva, na época estudante:

... na PE (Polícia do Exército) da GB (Guanabara), verificaram o interrogado e seus companheiros que as torturas são uma instituição, vez que, o interrogado foi o instrumento de demonstrações práticas desse sistema, em uma aula de que participaram mais de 100 (cem) sargentos e cujo professor era um oficial da PE, chamado Tenente Ayton que, nessa sala, ao tempo em que se projetavam “slides” sobre tortura, mostrava-se na prática para a qual serviram o interrogado, MAURÍCIO PAIVA, AFONSO CELSO, MURILO PINTO, P. PAULO BRETAS, e, outros presos que estavam n PE-GB, de cobaias... (ARNS, 1985, p. 31).

Essa denúncia é confirmada no mesmo processo, pelo estudante citado acima, Maurício Paiva:

... o método de torturas foi institucionalizado em nosso país e, que a prova deste fato não está na aplicação das torturas pura e simplesmente, mas, no fato de se ministrarem aulas a este respeito, sendo que, em uma delas o Interrogado e alguns dos seus companheiros, serviram de cobaias, aula esta que se realizou na PE da GB, foi ministrada para cem (100) militares das Forças Armadas, sendo seu instrutor um ten. HAYTON, daquela U.M.; que, à concomitância da projeção dos “slides” sobre torturas elas eram demonstradas na prática, nos acusados, como o interrogado e seus companheiros, para toda a plateia... (ARNS, 1985, p. 31).

Nos depoimentos acima, nos quais dois estudantes narram sua experiência, percebemos a importância que a tortura assumiu durante o Regime Militar no Brasil, a ponto de ser institucionalizada e transformada em uma forma de combate à oposição. Um elemento que demonstra a institucionalização é o fato de se ministrarem aulas sobre como torturar da maneira correta um acusado. Um aprendizado prático, onde se aplicavam nos presos cobaias, os métodos de tortura vistos nos *slides*.

A tortura segue normas e padrões convencionais para determinado grupo, neste caso os militares. Era realizada sob regras muito rígidas, praticada exatamente como foi aprendida, com poucas variações que dependiam de cada caso.

Pode não ter chegado ao conhecimento público a existência de manuais impressos sobre como realizar as torturas durante o Regime Militar brasileiro, mas as aulas possuíam essa função.³

A “boa tortura” não mata, a não ser quando esta é a intenção do torturador. Assim, nestas aulas, os militares aprendiam a maneira correta de como torturar um indivíduo, homem ou mulher. Assim, a tortura não era somente uma agressão ou o simples uso da violência, mas sim algo planejado, pensado, organizado e aprendido de forma detalhada.

De acordo com Paulo Evaristo Arns (1985), de abusos cometidos pelos interrogadores sobre o preso, a tortura no Brasil passou com o Regime Militar, à condição de “método”, incluído nos currículos de formação dos militares. Sabe-se que um dos primeiros a introduzir tal pragmatismo no Brasil, foi o policial norte-americano Dan Mitrone, posteriormente transferido para Montevidéu, onde acabou seqüestrado e morto. Quando instrutor em Belo Horizonte, nos primeiros anos do Regime Militar brasileiro, ele utilizou mendigos recolhidos nas ruas para adestrar a polícia local. Seviciados em salas de aula, aqueles pobres homens permitiam que os alunos aprendessem as várias modalidades de criar, no preso, a suprema contradição entre o corpo e o espírito, atingindo-lhe os pontos vulneráveis (ARNS, 1985, p. 32).

A estudante Dulce Chaves Pandolfi foi obrigada também a servir de cobaia para as aulas de tortura:

... Na Polícia do Exército, a supte. foi submetida a espancamento inteiramente despida, bem como choques elétricos e outros suplícios, com o “pau-de-arara”. Depois de conduzida à cela, onde foi assistida por médico, a supte. foi, após algum tempo, novamente seviciada com requintes de crueldade numa demonstração de como deveria ser feita a tortura... que no dia 14 de outubro foi retirada da cela e levada sobre onde estavam presentes mais de vinte oficiais e fizeram demonstração de tortura com a depoente... (ARNS, 1985, p. 32).

³ Já durante a Inquisição, por exemplo, foram criados manuais que descreviam exatamente como proceder em todos os casos, como por exemplo o *Malleus Malleficarum* e o *Manual dos Inquisidores*.

Em outro depoimento, o professor José Antônio Gonçalves Duarte, narra que foi torturado, inclusive, por um aluno do Colégio Militar:

... que foi torturado e espancado pelo Encarregado do Inquérito Cap. João Alcântara Gomes, pelo Escrivão do mesmo Inquérito, Marcelo Araújo, pelo cabo Dirceu e por um aluno do Colégio Militar cujo o nome o interrogado não sabe e por um policial da Delegacia de Furtos e Roubos, cujo nome é Pereira; que causou estranheza ao interrogado, um aluno do Colégio Militar, a título de prestar estágio no IPM, participar de uma coisa infame, como a infligência de torturas a um ser humano... (ARNS, 1985, p. 33).

O sistema de tortura foi institucionalizado durante o Regime Militar no Brasil e se transformou em uma estratégia de combate à oposição. Os torturadores não apenas se gabavam de sua sofisticada tecnologia da dor, mas também alardeavam estar em condições de exportá-la ao sistema repressivo de outros países, conforme denúncia do engenheiro Haroldo Borges Rodrigues Lima, de 1977:

... As torturas continuaram sistematicamente. E a essas se aliavam as ameaças de me levarem a novas e mais duras sevícias, a mim descritas minuciosamente. Diziam, com muito orgulho, que sobre o assunto já não tinham nada a dever a qualquer organização estrangeira. Ao contrário, informaram-me, já estavam exportando “know-how” a respeito... (ARNS, 1985, p. 33).

Como visto a violência executada durante o Regime Militar no Brasil contra os “subversivos” da ordem não se resumia à violência simples. Ela devia ser feita de forma sistemática e metódica, fazer sofrer sem, no entanto matar, e dentro desta perspectiva, fazia-se de extrema importância as aulas e o aprendizado prático dos oficiais. E como objeto empírico, ou seja, o veículo para o aprendizado prático eram prisioneiros políticos, mendigos, entre outros indivíduos encarcerados.

Entre as principais formas de violência e tortura praticadas pelos militares, apresentaremos alguns casos através de depoimentos de prisioneiros que, por estes métodos, foram subjugados. O estudante Augusto César Salles Galvão, de Belo Horizonte, submetido ao pau-de-arara, conta que:

... consiste numa barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o ‘conjunto’ colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 cm. do solo. Este método quase nunca é utilizado isoladamente, seus ‘complementos’ normais são eletrochoques, a palmatória e o afogamento... (ARNS, 1985, p. 34)

Em algumas variações do pau-de-arara, os punhos podiam ser amarrados aos joelhos, deixando a vítima completamente imobilizada. Dentro da perspectiva militar, esta posição era vantajosa porque viabilizava a execução simultânea de várias formas de violência, como o espancamento, choques elétricos, afogamentos, queimaduras de cigarro, entre outras. Era comum o prisioneiro ficar suspenso nesta posição por várias horas.

Os choques elétricos eram dados a partir de telefones de campanha do Exército, que possuía dois fios longos ligados ao corpo, preferencialmente nos genitais, mas também podiam ser colocados nos ouvidos, dentes, na língua e nos dedos. Os choques podiam ser dados com o prisioneiro pendurado pelo pau-de-arara, molhado, com descargas sucessivas até que o prisioneiro fique inconsciente (ARNS, 1985, p. 35).

Em relação a outras variações da violência presente nos interrogatórios, Santos e D'Onofrio dizem que:

...Utilizavam-se também produtos químicos, como o éter e o Pentatotal, substância esta que fazia a pessoa falar, em estado de sonolência; ácidos que queimavam o corpo ou provocavam reações alérgicas, como inchaço e vermelhidão, além dos outros tantos outros instrumentos e formas de tortura... (SANTOS, D'ONOFRIO, 2008, p. 56)

A autora ainda chama a atenção para a introdução de objetos de alumínio nas partes íntimas do prisioneiro e estupro, sem distinção entre homens, mulheres e crianças, havendo inclusive depoimentos de pessoas doentes e mulheres grávidas que padeceram de torturas, como é o caso da estudante Helena Moreira Serra Azul, de 22 anos:

... o marido da interrogada ficou na sala já referida e ela ouviu, do lado de fora, barulho de pancadas; que, posteriormente, foi reconduzida à sala onde estava o seu marido, que se apresentava com as mãos inchadas, a face avermelhada, a coxa tremendo e com as costas sem poder encostar na cadeira; que o Dr. Moacir Sales, dirigindo-se à interrogada, disse que se ela não falasse, ia acontecer o mesmo com ela... na Delegacia, todos já sabiam que a interrogada estava em estado de gestação... (ARNS, 1985, p. 49)

Caso semelhante é o de Helena Mota Quintela, que foi ameaçada de ter o seu filho arrancado “na ponta da faca” (ARNS, 1985, 49). Mas, em relação às mulheres grávidas, a tortura não se resumia as ameaças, como bem demonstra o caso de Maria Cristina Uslenghi e Regina Maria Toscano, respectivamente:

... sofreu sevícias, tendo inclusive um aborto provocado que lhe causou grande hemorragia... (ARNS, 1985, p. 50)

... que molharam o seu corpo, aplicando conseqüentemente choques elétricos em todo o seu corpo, inclusive na vagina; que a declarante se achava operada de fissura anal, que provocou hemorragia; que se achava grávida, semelhantes sevícias lhe provocaram aborto... (ARNS, 1985, p. 50)

Através dos depoimentos acima, percebemos que a lógica da suspeição e a Doutrina de Segurança Nacional sob as quais funcionava o Regime Militar brasileiro perseguiram e alcançava a todos, ou melhor, a todos os que, de algum modo, poderiam interessar ao governo. Dessa forma, até mesmo pessoas doentes, crianças e gestantes eram submetidas a longas sessões de violência e tortura, física, moral e psicológica, na ânsia e busca desenfreada por respostas condizentes às esperadas pelos militares.

Em suma, através da DSN, do estado de guerra interna e constante, da ameaça comunista, criou-se no Brasil um ambiente em que, assim como na Inquisição, qualquer pessoa poderia ser repentinamente abordada e levada para interrogatório, desconhecendo o fim que lhe seria dado.

É importante ressaltar que a violência, em todas as suas formas, não é uma prática morta e relegada ao passado, mas sim presente em todas as sociedades contemporâneas e inclusive dentro do ambiente escolar.

Desta forma, buscamos sistematizar e entender como os estudantes constroem suas visões sobre a violência no período aqui brevemente apresentado, sabendo inclusive que estas visões e compreensão estão intimamente ligados às representações atuais da violência em nossa sociedade.

As abordagens conceituais sobre a violência e a apresentação dos momentos que utilizaremos como referência são importantes para que tenhamos claro nosso objeto de pesquisa, assim como nosso objetivo com este trabalho. Ao propormos analisar um determinado conceito apresentado pelos estudantes, é necessário que estejamos amparados por um arcabouço teórico bem fundamentado, para pensarmos justamente a complexidade do mesmo e como são apreendidos pelos envolvidos.

Tendo como aporte teórico a as definições possíveis de violência e as práticas violentas que aconteceram e acontecem nos momentos tratados, torna-se possível, entre

outras coisas, identificar semelhanças entre os conceitos construídos pelos estudantes e as definições científicas. Propomos tal comparação não com a intenção de qualificar ou desqualificar as concepções apresentadas pelos estudantes, mas para percebermos o desenvolvimento destes conceitos e como eles se relacionam com a temática abordada.

CAPÍTULO II – ESCRITOS DOS ESTUDANTES: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA O PROFESSOR

“...Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra isso e ensine-o de acordo...” (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1980, p. 137).

Tendo em vista que nos propomos a estudar os escritos dos alunos sobre suas definições e maneiras de entender a violência, torna-se necessário algumas abordagens, teóricas, sobre elementos que relacionam e que de certa forma determinam tais escritos e as concepções que neles aparecem, tais como o que chamamos de conhecimento prévio e as representações sociais.

1. O conhecimento prévio e as representações sociais

A partir dos anos 1970 e 1980 cresceu o número de pesquisas voltadas aos produtos de aprendizagens dos alunos, e foi constatado que eles têm ideias sobre diversos assuntos desde muito novos, mesmo antes de chegarem ao ensino formal⁴. A estas ideias e concepções, dá-se o nome de conhecimentos prévios, justamente porque são anteriores ao ensino sistematizado e formal do sistema escolar.

Para Maria do Céu de Melo, os conhecimentos prévios são:

⁴ Em relação à pesquisas relacionadas ao ensino de história nos anos 1970 ver o trabalhos de Otaíza De O. Romanelli, “História da Educação no Brasil”. De maneira geral, estes trabalhos se restringiam a normatizar o trabalho do professor e as técnicas a serem utilizadas em sala de aula. Começaram a se preocupar também com o produto da aprendizagem dos alunos, como uma possibilidade de melhor desenvolver tal aprendizagem. Nos anos 1980, temos os trabalhos internacionais de Jacques Le Goff, “Reflexões sobre a História Nova” e de Suzane Citrôn, “Memória Perdida e Reencontrada”. No Brasil, os livros organizados por Marcos Silva, “Repensando a História”, e “ Repensando o Ensino de História”, de Maria Conceição Cabrini e Helenice Ciampi. Os trabalhos nacionais desta década foram influenciados pela redemocratização brasileira, momento em que se organizaram novas propostas curriculares, dando mais visibilidade as pesquisas sobre o ensino de história. Os pesquisadores buscaram na História Nova Francesa e Nova Historiografia Inglesa os referenciais para sua produção.

... Um conjunto de proposições que versam aspectos da História, construídas a partir de uma pluralidade de experiências pessoais idiossincráticas e sociais, e ou mediatizadas pela fruição de artefatos expressivos e comunicativos... (MELO, 2003, p. 1)

Estes conhecimentos, proposições e maneiras de pensar são adquiridos, construídos e reconstruídos a partir das vivências familiares, do grupo de amigos, da vivência religiosa, ou seja, de todo o contato que se tem com a sociedade, com as instituições e os grupos sociais, não nos esquecendo da forte influência da mídia para a construção destas representações e esquemas de percepção.

Melo chama a estes conhecimentos de tácitos, devido ao fato de não só os estudantes, mas os indivíduos de maneira geral:

... não reconhecerem esse conhecimento como independente ou concorrente do conhecimento científico. Incluímos nele os conhecimentos históricos já aprendidos ao longo da vida escolar dos alunos... (MELO, 2003, p. 1)

Conhecimentos prévios não são somente aqueles adquiridos fora da escola, mas também aqueles construídos nela e que posteriormente serão novamente conclamados e possivelmente modificados. Alguns são tão arraigados e nos parecem tão óbvios e comuns, que não nos damos conta de sua existência.

A autora ressalta também o fato de que, na escola, os professores, apesar de escolarizados e preparados para a construção de um saber científico, também se utiliza, mesmo que inconscientemente, de filtros religiosos, políticos e culturais. Até mesmo a maneira de conduzir a aula está relacionada a estas crenças e valores.

Não se pode controlar o contato que as crianças e os jovens estabelecem com os diversos construtores e difusores de memória e de memórias históricas. Sendo assim, desde muito cedo eles formulam determinadas ideias tendo por base as interpretações históricas a que tem acesso. Como diz Lana Mara de Castro Siman, desde cedo nossos alunos:

... vivenciam formas de discriminação social e cultural a negros, índios, mulheres e pobres; ou ainda experimentam efeitos das visões estereotipadas e fatalistas que prevalecem em relação às diferentes culturas, grupos ou classes sociais (SIMAN, 2004, p. 84)

Cabe ao professor, nesses casos, a desconstrução de ideias preconceituosas e equivocadas sobre a História, os eventos, os personagens, os grupos sociais entre outros. Tarefa difícil de ser realizada, posto que estas ideias possam estar extremamente arraigadas na estrutura cognitiva e no imaginário dos indivíduos.

David Ausubel, ao tratar da importância dos conhecimentos prévios, diz que:

... Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. "Descubra isso e ensine-o de acordo." (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1980, p. 137. Apud: ALEGRO, 2008, p. 39).

Ausubel se volta, em suas pesquisas, para a aprendizagem assim como ela ocorre na sala de aula e percebemos no excerto acima a importância dada ao conhecimento prévio, entendido pelo autor como o elemento principal no processo de aprendizado. Parte-se daquilo que o estudante já sabe, para que a partir disso, novos conceitos e conhecimentos sejam construídos. Torna-se mais proveitoso para o professor conduzir a aula e obter resultados satisfatórios quando utiliza tais conhecimentos como ponto de partida.

Como sustenta Alegro (2008), ao se dedicar às pesquisas sobre conhecimento prévio, Ausubel não o estuda como um fim em si mesmo, mas sim como um elemento fundamental para o processo de aprendizagem. Estes conceitos prévios servem como conceitos âncoras, subsunçores, articuladores ou integradores, que filtram e se relacionam ao que é aprendido. De acordo com Marco Antônio Moreira (1999) novas ideias e conhecimentos podem ser aprendidos, desde que os conceitos relevantes e inclusivos, ou seja, os subsunçores estejam claros e disponíveis em sua estrutura cognitiva e funcionem como ponto de ancoragem.

Alegro (2008), ao falar em aprendizagem significativa fundamentando-se em Ausubel, aponta para o fato de que os novos conceitos e significados são adquiridos através de interações entre prévios e novos conhecimentos potencialmente significativos.

Siman (2004) argumenta que estes conhecimentos prévios podem tanto facilitar quanto dificultar o aprendizado. Facilitar, quando estão em consonância com o "novo" conhecimento. Dificultar, quando há ruptura entre ambos. A este respeito, Ausubel diz que:

...parece aparente que não só a presença de ideias ancoradas claras, estáveis, discrimináveis e relevantes na estrutura cognitiva é o principal factor de facilitação da aprendizagem significativa, como também a ausência de tais ideias constitui a principal influência limitadora ou negativa sobre a nova aprendizagem significativa. Um destes factores limitadores é a existência de ideias preconcebidas erradas, mas tenazes... (AUSUBEL, 2003, p. 155)

Defende o autor que os conhecimentos prévios são um facilitador da aprendizagem, mas também podem dificultar e muito este mesmo processo. Dificultar no sentido de que muitas das ideias presentes na estrutura cognitiva dos estudantes são formados por meios ou veículos unilaterais de memória, ou melhor, dizendo, de grupos, instituições sociais ou veículos midiáticos que podem influenciar de maneira preconceituosa, racista ou estereotipada a maneira como estes conhecimentos são adquiridos e construídos, e também pelo fato de o desenvolvimento do raciocínio histórico ser variável.

Pozo argumenta que não só os alunos têm conhecimentos prévios errados, mas também adultos e em todos os níveis de educação:

... sustentam concepções errôneas sobre muitos fenômenos científicos, sejam físico naturais... sociais ou históricos... Em muitos casos, tais sujeitos têm sido submetidos a uma prolongada instrução científica que, no entanto, não modifica suas concepções espontâneas... (POZO, 1998, p. 206. Apud: ALEGRO, 2008, p. 41)

O que foi dito acima sobre estudantes ainda na infância ou adolescentes também vale para os adultos, que também tem contato com diversos formadores de opinião e construtores de memória. Dependendo do nível de enraizamento das ideias, torna-se difícil sua desconstrução e, portanto, o aprendizado histórico. Se o processo de ensino não for eficiente, estas ideias equivocadas podem se tornar ainda mais consistentes.

Voltando a Siman (2004), além das questões sobre os conhecimentos prévios, a autora reconhece também as dificuldades que enfrentam os professores para ensinarem História, principalmente quando:

... pretende formar alunos capazes de raciocinar historicamente, criticamente e com sensibilidade sobre a vida social, material e cultural das sociedades... reconhece que o conhecimento histórico é fruto de operações cognitivas e sociais de ordem complexa que exigem dos alunos o desenvolvimento de capacidades que dêem conta dessa complexidade... reconhece que a aprendizagem será mais significativa e efetiva se ele der conta de promover o trânsito entre os

conhecimento e as representações que os alunos já trazem e o “novo” conhecimento a ser apropriado... (SIMAN, 2004, p. 81).

Nos antigos moldes do ensino, não só no Ensino de História, mas também das outras disciplinas, os estudantes eram considerados simples receptores do conhecimento portado pelo professor. Ou seja, o professor, dono do conhecimento e do saber o transmitia aos que não o possuíam, ou seja, os estudantes. Estes, por sua vez, deveriam cumprir sua função de memorizar e reproduzi-lo nas avaliações. A capacidade memorizadora e reprodutora era vista como sinônimo de aprendizado.

Com as transformações ocorridas principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, os estudantes passam a ser vistos como um agente ativo no processo de ensino e aprendizagem, tão ativo quanto o professor o é. Desta forma, ao mesmo tempo em que estas transformações trouxeram importantes mudanças positivas para o Ensino de História, também trouxeram, como apontou Siman e Ausubel, diversas dificuldades para os professores.

Em relação a estas dificuldades, Siman (2004) propõe aos professores se perguntar, entre outras coisas, quais as formas de promover a aprendizagem em História, mesmo se tratando de conhecimentos complexos e que podem estar relacionados a conhecimentos, saberes e experiências adquiridas anteriormente.

Siman questiona desta forma as formas e estratégias de se propiciar aos estudantes a apreensão de novas concepções históricas, para dizer que “a construção e apropriação do conhecimento no interior da escola não se processa diretamente entre o sujeito e o objeto a ser conhecido” (SIMAN, 2004, p. 82). A autora defende que existe, entre as duas partes, uma ação mediadora, seja do professor, da linguagem, dos signos ou de outras ferramentas. Em outras palavras, existe um sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido, entretanto, as relações que se estabelecem entre as duas partes não é direta nem instantânea, sendo necessária a mediação. Tal ação mediação é realizada, no caso do espaço escolar, pelo professor, que se utiliza de diversos recursos, como a linguagem, seja ela oral, escrita, em forma de imagens, entre outros. Somente dessa é possível ao sujeito conhecer o objeto.

De acordo com Alegro (2008, p. 23), no ensino de história é necessário levar em conta os vários discursos presentes em uma sala de aula. Deve-se reconhecer o conhecimento prévio dos alunos, podendo, como dizem Siman e Ausubel, facilitar o processo de aprendizagem, pois se parte daquilo que o aluno já construiu.

O conhecimento prévio é importante para que haja o confronto entre este conhecimento e o novo conhecimento construído na sala de aula, para que através deste confronto, o conhecimento antigo ou prévio seja reafirmado ou modificado. Como diz Moreira, trata-se: “de interação entre os aspectos específicos e relevantes da estrutura cognitiva e as novas informações, por meio da qual elas adquirem significados e são integrados à estrutura cognitiva”. (apud Alegro, 2008, p. 24).

Em suma, o conhecimento prévio do aluno é aquele que este já possui antes de ser introduzido num tema das disciplinas escolares. É na interação entre os vários conhecimentos, o prévio e o que se aprende que o aluno constrói um conhecimento mais bem elaborado e reflexivo. Como diz Moreira:

... Entretanto, a experiência cognitiva não se restringe à influência direta dos conceitos já aprendidos sobre componentes da nova aprendizagem, mas abrange também modificações relevantes nos atributos da estrutura cognitiva pela influência do novo material... Há, pois, um processo de interação, por meio do qual conceitos mais relevantes e inclusivos interagem com o novo material, funcionando como ancoradouro, isto é, abrangendo e integrando este material e, ao mesmo tempo, modificando-se em função dessa ancoragem... (MOREIRA, 1999, p. 152)

Este tipo de aprendizagem permite uma maior diferenciação e enriquecimento dos conceitos integradores facilitando aprendizados posteriores, a construção do conhecimento e do pensamento crítico. Isto nos permite dizer que o aluno, ou melhor, os conhecimentos apresentados por ele sobre determinados temas que serão trabalhados, são o ponto de partida para um novo aprendizado, onde o conflito entre o prévio e o novo conhecimento determina o grau e a qualidade da aprendizagem e a própria estrutura cognitiva se modifica nesta interação.

Os conhecimentos prévios que os alunos possuem estão diretamente relacionados às representações sociais, na medida em que estas se apresentam como:

... uma maneira de pensar e interpretar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar sua posição em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem... (SÉGA, 2000, p. 128).

O contexto social pode intervir nessas representações através do lugar onde se situam os grupos e os indivíduos, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que lhes fornece sua bagagem cultural, códigos, símbolos, valores e ideologias que estão ligados a posições e vinculações sociais específicas. Ainda para Segal:

... A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal... ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas... (SEGAL, 2000, p. 129)

As representações sociais, até mesmo as mais simples e básicas, são processo de elaboração cognitiva e simbólica que estabelecem comportamentos. Através dela relacionam-se processos simbólicos e procedimentos. Representações também é fruto de interpretações, que tem por função mediar as relações entre os indivíduos e o seu meio e também entre os membros de um mesmo grupo. Quando são capazes de expressar problemas comuns, acaba por se tornarem códigos, uma linguagem comum capaz de classificar tanto os indivíduos quanto os acontecimentos. Torna-se capaz de criar tipologias onde os grupos, indivíduos e eventos são avaliados e posicionados.

O conhecimento prévio do aluno é influenciado por todo esse contexto e por essas representações, sua visão de mundo e da realidade vai depender do meio em que vive e dos conhecimentos, valores e códigos que recebeu do grupo do qual participa. Seja para aceita-los ou refutá-los, os conhecimentos prévios dos alunos são inseparáveis de seu meio social. Esses conhecimentos ou representações sociais é que dão sentido aos eventos que nos são normais.

Cabe aqui ressaltar que as informações advindas do mundo exterior não são modeladas por uma realidade neutra, mas sim por teorias e pré-concepções implícitas ao sujeito, ou seja, cada um recebe e interpreta novas informações a partir daquilo que ele já conhece. As representações sociais nascem a partir de diversas transformações e criam novos conteúdos. Durante estas transformações, as coisas não apenas se modificam, mas também passam a ser vistas de maneira mais clara, torna-se capaz de perceber perspectivas que antes lhes tinha escapado.

Nesse ponto, podemos relacionar o conhecimento prévio dos alunos às representações sociais e à aprendizagem significativa – aquela que faz sentido para o aluno – na medida em que as representações sociais fazem parte do conhecimento prévio e o influenciam no sentido de que as representações sociais se modificam e geram novas interpretações sociais e de mundo, através dos conflitos entre os conhecimentos prévios e os novos conhecimentos ou novas informações.

De acordo com Segal:

...Nestes conflitos, acionam-se mecanismos gerais de classificação, categorização, denominação e procedimentos de explicação que obedecem a uma lógica específica. Compreender alguma coisa de novo, apropriar-se, é também explicar. O sistema de representação fornece os meios, as balizas pelas quais a ancoragem vai classificar no familiar e explicar de uma maneira familiar... (SEGA, 2000, p. 130)

Vale lembrar que, mesmo a estrutura cognitiva e as próprias representações são passíveis de serem modificadas e reconstruídas através das diversas interações ocorridas durante o aprendizado histórico, entre elas e o novo conhecimento a ser aprendido.

No sentido de que os conhecimentos prévios são construções e reconstruções que acontecem ao longo da vida, anterior e também durante a vida escolar, elas podem indicar um processo de aprendizado já em andamento. Cabe ao professor identificar e explorar tais conhecimentos, para que assim possa conhecer o processo realizado pelos estudantes nestas construções. Neste sentido, como salienta Alegro “aprender em História, pressupõe reinventar o conhecimento já produzido” (2008, p. 46).

Pontes Neto (1988, Apud: ALEGRO, 2008), argumenta que dentro da perspectiva ausubeliana, o professor é responsável por identificar os conceitos com maior poder explicativo que estão presentes ou que constitui a estrutura cognitiva prévia dos estudantes. Em outras palavras, a estrutura cognitiva do estudante é formada por conceitos subsunçores, conceitos abrangentes que abrangem conceitos menores e que filtram os novos conhecimentos a serem aprendidos. Toda nova aprendizagem acontecerá a partir e de acordo com estes conhecimentos prévios presentes na estrutura cognitiva (AUSUBEL, 2003).

Partindo das premissas apresentadas até aqui é que nos propomos a trabalhar com os escritos dos estudantes. Sabemos que eles possuem uma ampla variedade de conceitos sobre o tema da violência. Sabemos também que estes conceitos foram apreendidos e construídos a partir de diferentes meios, filtrados e incorporados à estrutura cognitiva a partir dos conceitos subsunçores dos quais falamos. Ou seja, o que os estudantes entendem por violência está intrinsecamente relacionado aos diversos meios dos quais ele participa e dos quais obtém informações e conhecimentos.

Sabendo e atentando a esses elementos, consideramos os escritos dos estudantes, onde se manifestam seus conhecimentos prévios, como fator importante no processo de aprendizagem histórica, na medida em que estas construções e conhecimentos, por servirem como pontos de referência, irão influenciar todo o processo de aprendizagem que se segue.

Desta forma, essas abordagens teóricas embasarão nosso contato com os escritos dos estudantes, e também fundamentarão a identificação, a categorização e a análise das concepções e ideias apresentadas, buscando compreender os conceitos sobre violência e as possíveis maneiras pelas quais eles foram construídos.

CAPÍTULO III: OS ESCRITOS DOS ESTUDANTES

“...Cada época elenca novos temas que, no fundo, falam mais de suas próprias inquietações e convicções do que de tempos memoráveis...”
(BLOCH, 2002)

Neste capítulo, buscamos através da coleta e análise de conceitos e conhecimentos prévios dos estudantes, da interpretação de documentos escritos e iconográficos sobre o fenômeno da violência atingir alguns objetivos: identificar quais definições de violência os estudantes possuem e quais conceitos, na perspectiva dos estudantes, é caracterizada a violência no Regime Militar brasileiro (1964-1985). Buscamos entender como a violência em dois momentos e espaços distintos é percebida pelos estudantes e como eles se posicionam sobre a violência ocorrida no Regime Militar no Brasil e a que ocorre dentro da escola.

O recente aniversário de cinquenta anos do golpe militar⁵ suscita diversas discussões e debates, também será possível perceber se tais discussões, inclusive os movimentos sociais que criticam, defendem e/ou pedem por uma nova intervenção militar, aparecem ou não, nos escritos dos estudantes.

1. Pressupostos da Análise Textual Qualitativa

Para realizar a análise dos escritos dos estudantes, utilizamos como metodologia a reflexão de Roque Moraes em “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada

⁵ Em 2014, devido ao aniversário de 50 anos do golpe militar de 1964, diversos eventos ocorreram em universidades de todo o país, com o objetivo de discutir questões relacionadas ao Regime Militar brasileiro. Podemos citar o I Simpósio Nacional Ditadura Militar no Brasil, ocorrido na Universidade Federal do Piauí, o Ciclo de Estudos: 50 anos do golpe de 64 – Impactos, (des)caminhos e processos, realizado, realizado pela UNISINOS. Foi realizado, também, pela UNESCO, o evento 50 anos do golpe de Estado no Brasil, além de outros eventos que tinham como mesas temáticas e comunicações temas relacionados. Reportagens também foram feitas pelo Guia do Estudante da Editora Abril, pelos portais online da Rede Record, Rede Globo e diversos outros veículos de comunicação.

pela análise textual discursiva”, que servirá de base metodológica para a pesquisa e que trata dos processos constitutivos da análise textual qualitativa. Segundo Moraes:

...a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las, ao final da pesquisa, a intenção é a compreensão (MORAES, 2003, p. 191).

Quando tratamos de análises textuais qualitativas dentro do espaço escolar, estamos em consonância com alguns princípios da etnografia escolar, segundo a pesquisadora Marli Eliza D.A. de André (ANDRÉ, 2004).

A etnografia escolar possibilita pensar a escola enquanto espaço de pesquisa perpassado por relações de poder, construção, reconstrução, elaboração e reelaboração de conhecimentos. As pesquisas qualitativas não buscam testar teorias, hipóteses ou conceitos, mas sim formulá-los em uma constante revisão dos focos de investigação, dos instrumentos, das técnicas de coleta, entre outros.

Assim, como nas pesquisas qualitativas, uma atitude fenomenológica busca compreender, a partir do ponto de vista dos estudantes envolvidos, as suas ideias, conceitos, ou seja, a maneira como pensam, interpretam e se relacionam com o tema investigado. Não propomos, neste trabalho, realizar um etnografia escolar, mas apenas consideramos alguns de seus elementos, que acreditamos contribuir com a análise textual qualitativa.

É importante ressaltar que ao tratarmos da análise textual qualitativa, os textos ou os materiais de análise são assumidos como significantes, possibilitando a atribuição de sentidos. Assim, partindo de uma análise rigorosa do conjunto do material de análise, constroem-se compreensões e elaborações de sentidos.

De acordo com Moraes (2003), esta criação de sentido ocorre, assim como na etnografia, a partir de uma atitude fenomenológica, ou seja, tenta-se entender o sujeito da análise, o que tentou expressar com seus escritos, valorizando as suas participações. As leituras e a compreensão dos materiais de análise são feitas a partir da perspectiva do outro.

Nesta pesquisa, o instrumento de pesquisa será respaldado nas análises textuais do conjunto de documentos produzidos pelos estudantes de duas turmas de 3ª série do Ensino Médio. Moraes (2003) salienta que os textos são vistos como produtos expressando discursos sobre diversos fenômenos e que podem ser lidos, descritos e interpretados, gerando uma grande diversidade de sentidos.

Dessa forma, para que nossos objetivos de pesquisa e análise possam ser satisfatoriamente atingidos, optamos por trabalhar com o método da análise textual qualitativa que pode ser entendida como:

... processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma seqüência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do corpus, a unitarização, o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (MORAES, 2003, p. 193).

Portanto, trata-se de um processo rigoroso que tem por objetivo a compreensão de três etapas de análise, nomeadas por Roque Moraes (2003) como unitarização, categorização e captação do novo emergente.

De acordo com Moraes (2003, p. 195), a primeira etapa, a desconstrução e unitarização do corpus, ou, no caso deste trabalho, dos escritos coletados de estudantes, consiste em desmontar ou desintegrar os textos, destacando os elementos que os constituem. Inicialmente, devemos nos ater aos detalhes e nas partes que compõem tais escritos. A desconstrução dos escritos, a fragmentação ou a unitarização objetiva:

...perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que compreendendo que um limite final e absoluto nunca é atingido. É o próprio pesquisador que decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultar unidades de análise de maior ou menor amplitude (MORAES, 2003, p. 195)

A unitarização ou desmontagem dos textos é um exame ou análise dos materiais em seus detalhes, desconstruindo-as no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados ou informações referentes aos fenômenos estudados. É importante lembrar que não se pode perder de vista as unidades de contexto que deram origem às unidades de análise. Sendo assim, da unitarização ou desconstrução dos textos em ideias

fragmentadas de seu local original, surge o estabelecimento de relações entre tais ideias, que por sua vez, dá origem às categorias.

A segunda etapa do processo de análise textual qualitativa, a categorização, ou seja, o estabelecimento de relações e a junção das ideias e perspectivas semelhantes, implica numa combinação e classificação, no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos: as categorias.

Assim, os conjuntos de elementos de significação próximos constituem as categorias. Os materiais analisados são vistos como significantes, mas não tendo um sentido pronto para ser explicitado, cabe ao pesquisador atribuir-lhes significados, a partir de seus conhecimentos e teorias. Para Moraes, a emergência desses novos sentidos e significados é o objetivo da análise.

Além disso, é importante nomear todas as categorias criadas, com uma nomenclatura que faça referência ao elemento central de cada categoria. Neste trabalho, as categorias serão criadas a partir das ideias coletadas nos escritos dos estudantes. Portanto, o método indutivo, utilizado nesta pesquisa implica em construir as categorias com base nas informações contidas no corpus. Comparando e contrastando os materiais de análise, o pesquisador é capaz de organizar conjuntos de elementos semelhantes. Para Moraes (2003) esse processo é essencialmente indutivo, caminha do particular para o geral, resultando nas categorias emergentes (MORAES, 2003, p. 197).

Categorias são válidas quando conseguem cumprir a função para a qual foram criadas, ou quando são capazes de representar adequadamente as informações categorizadas, melhorando a compreensão dos fenômenos investigados. Ginzburg (1990) enfatiza que nos fatos negligenciáveis, encontramos as respostas mais abrangentes. Para o autor, muitos saberes são como o do médico, que investiga os sintomas, e, assim como ele, muitos outros saberes indiciários produzem conhecimento ao ler e interpretar sinais, as pistas e os indícios. É importante dizer que este estudo abrange apenas uma pequena amostra, então, seus resultados não podem ser generalizados a uma população maior.

Assim, é possível dizer em relação a análise textual qualitativa:

...Se num primeiro momento da análise textual qualitativa se processa uma separação... de unidades de significado, na categorização... o trabalho dá-se no sentido inverso: estabelecer relações, reunir semelhantes, construir categorias. O

primeiro é um movimento de desorganização e desconstrução, uma análise propriamente dita; já o segundo é de produção de uma nova ordem, uma nova compreensão, uma nova síntese... (MORAES, 2003, p. 201)

A análise textual qualitativa possibilitará a construção de um novo texto, expressando um olhar do pesquisador sobre os significados percebidos e atribuídos aos fenômenos pesquisados.

Nesse processo de interpretação e criação de sentidos, o pesquisador pode também lidar com a inferência, ou seja, um esforço de interpretação que vai além do dito e do percebido, numa aproximação em relação ao contexto em que os materiais de análise foram produzidos (MORAES, 2003).

Assim, é importante ressaltar que no ensino de História devemos levar em conta os vários discursos presentes em uma sala de aula e o conhecimento prévio dos alunos que facilita o processo de aprendizagem, pois parte-se daquilo que o aluno já construiu. O conhecimento prévio é importante para que haja o confronto entre este conhecimento e o novo conhecimento construído na sala de aula, ocasionando o reforço ou modificação do conhecimento antigo (ALEGRO, 2008, p. 23).

A análise proposta nesta pesquisa vai ao encontro dessa valorização do conhecimento prévio dos estudantes, à medida em que se apresenta como uma das diversas formas possíveis na coleta e a identificação desses conhecimentos, além de viabilizar discussões importantes sobre seu cotidiano e mundo social no qual estão inseridos.

2. O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Bela Vista do Paraíso⁶, com aproximadamente quinze mil habitantes, em duas escolas públicas, o Colégio Estadual Jayme Canet e o Colégio Estadual Brasília de Araújo, ambos vinculados à Secretaria de

⁶ Bela Vista do Paraíso localiza-se na região norte do Paraná, a aproximadamente 45 quilômetros de Londrina. Possui aproximadamente quinze mil habitantes, e sua economia gira em torno do agronegócio.

Educação do Estado do Paraná, onde atuo como professor PSS (Processo Seletivo Simplificado).

O Colégio Estadual Brasília de Araújo está localizado no centro de Bela Vista do Paraíso, funcionando nas modalidades de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Profissionalizante. A escola opera nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Na cidade só existem dois colégios que oferecem Ensino Fundamental. O Colégio Estadual Brasília de Araújo recebe, nesta etapa, estudantes provindos de todas as áreas da cidade, desde as mais centrais até as mais periféricas, ocorrendo uma grande diversidade cultural, religiosa, econômica e social. No Ensino Médio, que funciona apenas no período noturno, os estudantes são oriundos da própria escola ou de outra escola, mais afastada do centro que também oferece Ensino Fundamental.

O Colégio Estadual Jayme Canet também está localizado no centro de Bela Vista do Paraíso, a poucas quadras do Colégio Estadual Brasília de Araújo. Oferece Ensino Médio e Formação Docente, funcionando apenas nos períodos matutino e noturno. Por não oferecer Ensino Fundamental, todos os estudantes provêm de outras escolas, constituindo uma grande diversidade de costumes, valores, condições econômicas e sociais.

Chegado o momento do preparo e aplicação do instrumento de pesquisa, optamos trabalhar com a 3ª Série do Ensino Médio, visto que as duas escolas possuem Ensino Médio e trabalhava como professor de Histórica nas duas turmas.

O Colégio Estadual Brasília de Araújo, como já foi dito, oferece Ensino Médio somente no período noturno, portanto, a 3ª Série deste período foi a selecionada para participar da pesquisa.

Já o Colégio Estadual Jayme Canet oferece Ensino Médio nos períodos matutino e noturno, mas, como trabalhávamos nesta escola somente no período matutino, optamos por trabalhar com os estudantes deste período.

Sendo assim, participaram da pesquisa duas turmas de 3ª Série do Ensino Médio, de colégios e turnos diferentes, o que cria, evidentemente, diversas particularidades além daquelas já mencionadas entre as duas escolas.

Os estudantes do período matutino, com algumas exceções, apenas se dedicam à escola, não tendo que dividir sua rotina entre escola e trabalho. Os que trabalham, o fazem no contra turno, não prejudicando as atividades escolares. No período noturno, a situação é quase que totalmente inversa. Geralmente, os alunos que procuram o período noturno são trabalhadores que durante todo o dia cumprem obrigações profissionais e a noite vão à escola concluir o Ensino Médio. Por esse motivo, os níveis de evasão e desistência no período noturno são muito maiores que no matutino.

No total, participaram da pesquisa trinta e nove alunos. No período matutino, foram entregues trinta e cinco instrumentos de pesquisa, juntamente com um questionário sócio econômico, sendo devolvidos apenas vinte e nove. No período noturno, distribuímos quinze instrumentos de pesquisa, também juntamente com o questionário sócio econômico, dos quais nos foram devolvidos 10 instrumentos de pesquisa e 8 questionários sócio econômico.

O objetivo inicial era que os estudantes respondessem aos questionários no próprio período da aula, no entanto, devido à extensão do questionário houve uma certa dificuldade para respondê-lo. Assim, foi permitido que os estudantes levassem para casa os questionários e os entregassem no dia seguinte. Como estávamos no mês de novembro, muitos estudantes que já foram aprovados ou que acreditavam estarem reprovados deixam de frequentar a escola, e por isso, alguns não retornaram com os questionários respondidos. Somando-se os estudantes dos dois períodos que entregaram os instrumentos de pesquisa, mesmo que parcialmente respondidos, obtivemos um total de vinte e nove participantes.

3. O perfil dos estudantes participantes

Para compreendermos melhor os sujeitos com os quais estávamos trabalhando, aplicamos, simultaneamente ao instrumento de pesquisa, um questionário sócio econômico. Os dados coletados apresentamos abaixo.

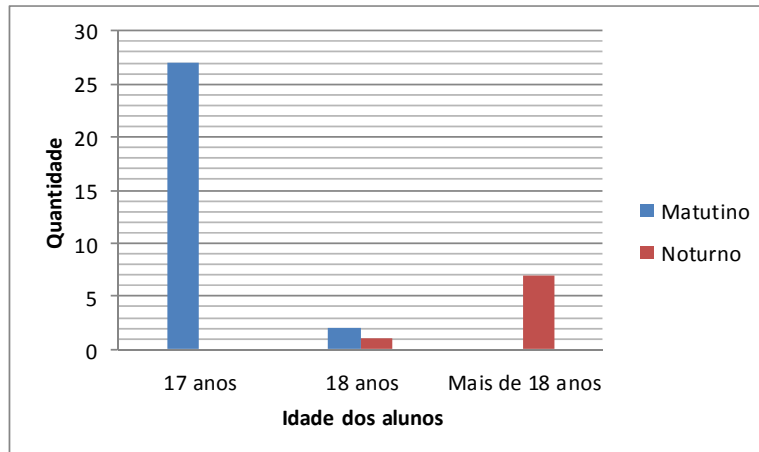


Gráfico 1

Em relação à idade dos estudantes pertencentes ao período matutino e noturno, as diferenças são óbvias e vão ao encontro daquilo que já dissemos. No matutino, a concentração é de alunos mais novos, a maioria não trabalha, apenas estuda. No noturno, a concentração maior é de alunos com mais de dezoito anos e alguns na faixa etária entre trinta e quarenta e cinco anos. Dos estudantes pertencentes ao período noturno, a maioria está empregada e, por isso, frequenta a escola neste período.



Gráfico 2

Consideramos relevantes as informações em relação aos membros da família com quem os estudantes vivem, para termos uma ideia da estrutura familiar na qual eles

estão inseridos. Comparando os estudantes dos dois turnos, é possível perceber tanto semelhanças quanto diferenças. Nos dois casos, a maior parte dos estudantes mora com os pais. Entretanto, somente no período noturno aparecem alunos morando sozinhos ou casados com filhos. Esses alunos, além das preocupações com trabalho e educação, também tem uma série de outros compromissos e funções.

Em relação aos “outros” casos não discriminados no gráfico, tais dados fazem referência a um estudante do período matutino que mora com suas irmãs, e outro estudante pertencente ao noturno que mora com seus irmãos e filho. Os dados nos mostram que no período matutino o modelo familiar nuclear tradicional aparece com mais frequência, na grande maioria dos casos, enquanto que em relação aos alunos do noturno, apesar da família nuclear também estar presente em 50% dos casos aparecem outros tipos de organização, como estudantes que moram sozinhos ou que são casados e pais.

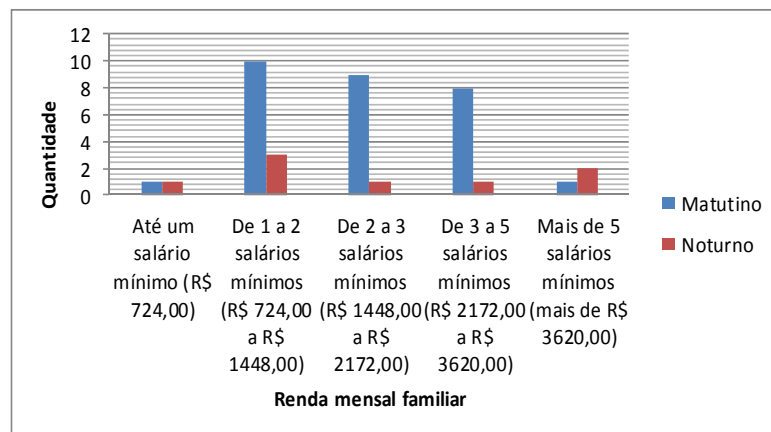


Gráfico 3

O gráfico 3 refere-se à renda familiar mensal declarada por cada estudante. É importante observar que tanto no período matutino quanto noturno poucas famílias encontram-se nos extremos opostos no gráfico, significando rendas de até um salário mínimo e mais de cinco salários mínimos, respectivamente. A grande maioria dos estudantes do período matutino e suas famílias possuem uma faixa mensal de renda que vai de um a cinco salários mínimos. Em relação aos estudantes do período noturno, a maior quantidade aparece recebendo juntamente com suas famílias, de um a dois salários

mínimos, igualando-se aos alunos do matutino na renda de até um salário mínimo e os ultrapassando na maior faixa de renda, acima de cinco salários mínimos.

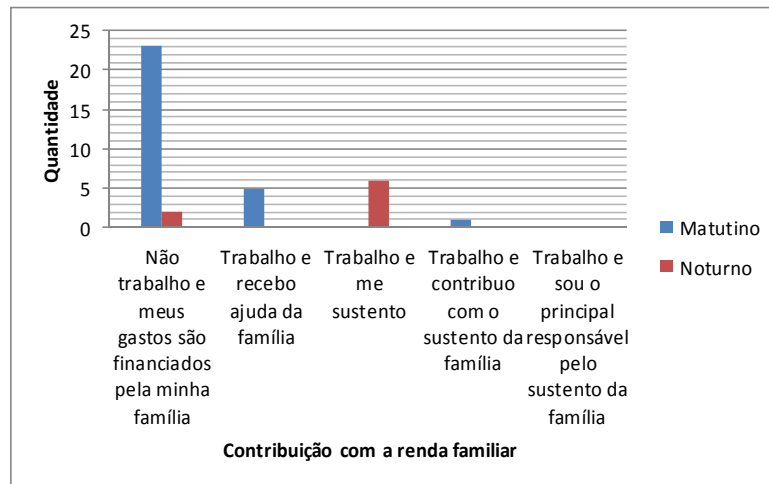


Gráfico 4

Em relação à participação dos estudantes na obtenção da renda mensal, é importante notar as diferenças constatadas na primeira barra do gráfico. Enquanto a grande maioria dos alunos do período matutino, vinte e três alunos não trabalham, apenas dois estudantes do período noturno encontram-se nessa mesma situação. Em outras palavras, uma das características que definem o estudante do período noturno e que, muitas vezes moldam o sistema de ensino oferecido neste período, é sem dúvida o trabalho. Entretanto, também existem estudantes do período matutino que trabalham, mas não são responsáveis pela manutenção da casa, como acontece com alguns estudantes do noturno.

Nenhum dos estudantes declarou-se como o principal responsável e mantenedor da família, mesmo entre aqueles que moram sozinhos. Nestes casos, esses alunos são os únicos responsáveis pela manutenção da casa.

Pelo fato de nossas visões de mundo estarem extremamente ligadas as nossas experiências, e por lidarmos neste trabalho com escritos de alunos sobre um tema específico, a violência, acreditamos ser importante elencarmos algumas rotinas dos estudantes participantes, pelo menos nos aspectos que tenham mais relação com nossa

pesquisa. Portanto, um dos itens perguntados foi sobre as atividades que realizavam em seu tempo livre.

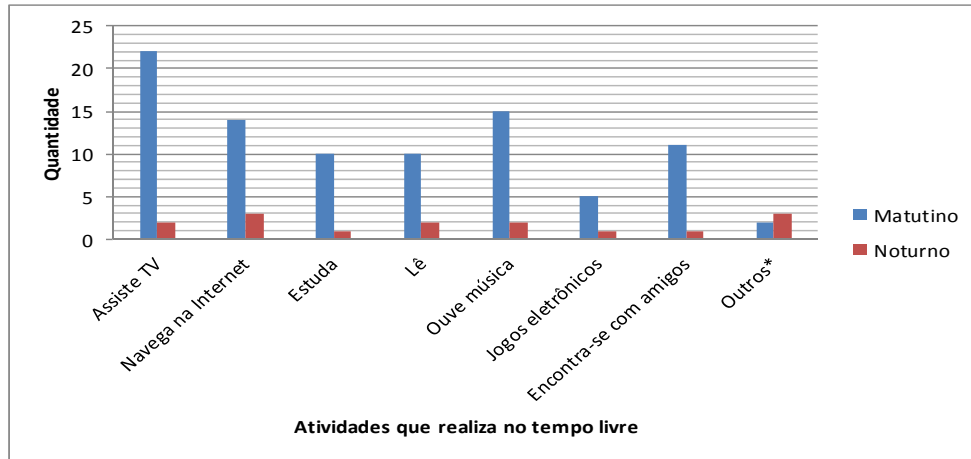


Gráfico 5

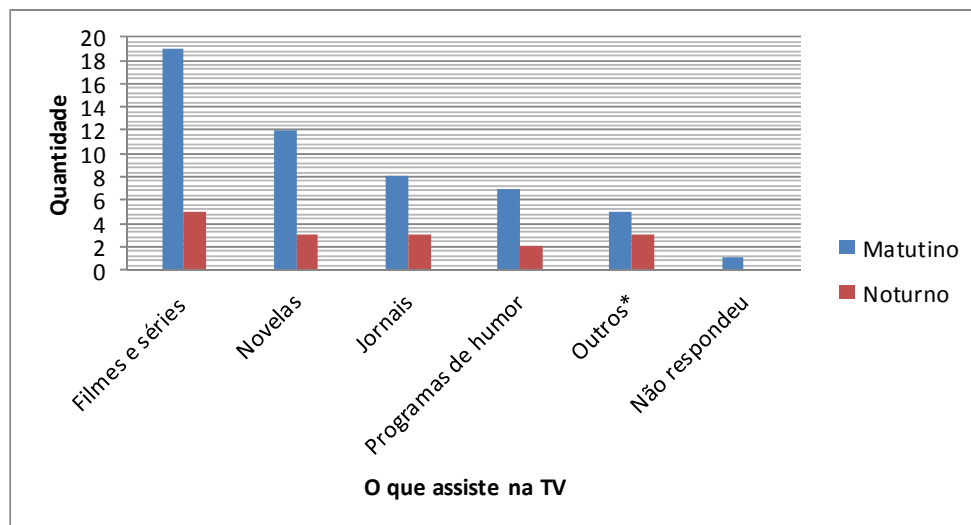


Gráfico 6

No gráfico 5, assistir à televisão é a principal atividade realizada pelos estudantes do período matutino. Apesar da censura que é imposta aos canais, a violência é explorada em todos os horários e com muita frequência, até mesmo em programas infantis, colocando os jovens num contato constante com a temática da violência.

Além das atividades mostradas no gráfico, cinco alunos especificaram outras atividades que praticam em seu tempo livre. Na opção outros, do período matutino, um aluno disse que uma de suas atividades é desenhar, principalmente desenhos no estilo mangá e de super-heróis; outro utiliza o seu tempo livre para dormir. Do período noturno, três alunos, na opção outros, disseram que vão à academia, praticam motociclismo e tocam violão.

De acordo com o gráfico 6, as programações mais assistidas na televisão, e neste ponto temos uma semelhança entre os estudantes do período matutino e noturno são filmes, séries e novelas. Na opção outros, diversos estudantes se manifestaram. Entre os estudantes pertencentes ao período matutino, um disse que assiste jogos de futebol, três assistem documentários e um assiste desenhos animados. Em relação aos alunos do noturno, um assiste programas de luta, um assiste jogos de futebol e outro assiste a programação religiosa. Com relação aos filmes e às séries, a violência é apresentada sob um viés positivo, sob a égide da vingança, da prestação de contas, ou então servindo aos fins de uma boa causa⁷.

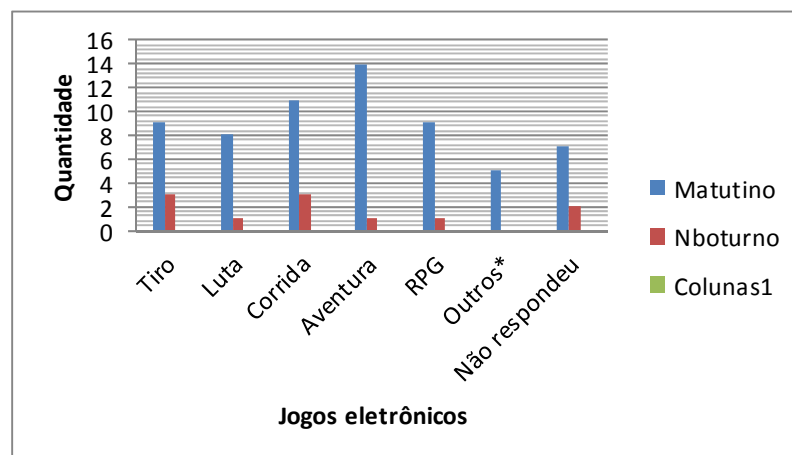


Gráfico 7

Antes de tratarmos do gráfico 7, são necessárias algumas considerações. Comparando-se os gráficos 5 e 7, encontramos algumas discrepâncias. Apesar de

⁷ Como exemplos de séries de televisão, podemos citar Revenge, Game of Thrones. No quesito filmes, podemos citar Doce Vingança, Valente, entre diversos outros.

apenas cinco alunos do período matutino terem assinalado a opção “jogos eletrônicos” como uma das atividades que realizam no tempo livre, vinte e um alunos deste mesmo período assinalaram os gêneros de jogos eletrônicos que jogam no seu tempo livre. Acreditamos que isso tenha acontecido devido ao fato de muitos estudantes entenderem que a pergunta estava relacionada às atividades praticadas no tempo livre e não poderiam marcar várias ou muitas opções, e por isso, assinalaram aquelas atividades que praticam com mais frequência, o que não exclui os jogos eletrônicos de seu cotidiano. Dessa forma, consideramos que do período matutino, vinte e um alunos tem os jogos eletrônicos como atividades que realizam em seu tempo livre.

No período noturno, apenas um estudante marcou a opção jogos eletrônicos como atividade realizada no tempo livre, seis alunos assinalaram os gêneros de jogos eletrônicos que praticam em seu dia a dia. Constatamos que o mesmo fator que resultou nessas respostas seja o mesmo citado acima.

Em relação aos gêneros de jogos eletrônicos do gráfico 7, alguns são explicitamente violentos, sendo que em outros a violência aparece de forma mais discreta, mas não deixa de estar presente, como no RPG. Em alguns, como nos de luta e tiros, a violência é o principal atrativo, quanto mais violentos e reais forem as ações oferecidas pelos jogos, melhor ele é considerado. Nos filmes e séries, a violência também aparece de forma exacerbada. Observando o gráfico 7, percebemos então, que muitos estudantes praticam esses tipos de jogos violentos. Nos filmes e séries, a violência também aparece de forma exacerbada.

Cinco estudantes assinalaram a opção outros, dois disseram jogar jogos de futebol, um joga xadrez e uma respondeu que não joga jogos eletrônicos. Talvez, esses sejam os menos violentos e no caso do xadrez e futebol, os únicos em que a violência não aparece ou não é um dos principais atrativos. Outro estudante prefere jogos de terror, onde a violência também é explícita. Sete alunos não assinalaram nenhuma das opções nesse quesito, pois não tem por hábito tal atividade.

Em suma, os estudantes participantes da pesquisa pertencem a diversas classes e grupos sociais, provenientes de diversas regiões da cidade, desde as mais centrais até as mais periféricas, e, ao que parece, estão num contato frequente com a temática da violência, seja através da mídia, dos jogos eletrônicos, entre outros. Esse contato,

possivelmente, interfere na concepção e no conceito que os estudantes têm do fenômeno da violência. Neste trabalho, não será possível trabalhar de forma aprofundada a possível interferência que a relação dos estudantes com a violência pode causar em seus escritos, a não ser que esta influência se apresente de forma explícita. No entanto, acreditamos ser possível que os escritos dos estudantes apresentem algumas indicações de como alguns elementos foram construídos.

4. O instrumento de pesquisa⁸

Para que nossos objetivos fossem alcançados, foi necessário delimitar nossa metodologia de coleta dos dados com relação aos materiais de análise com os quais trabalharíamos. Optamos por trabalhar com questionários escritos, pois trabalhar com entrevistas demandaria um tempo que não tínhamos, tanto para a realização das entrevistas quanto para a transcrição das falas dos estudantes entrevistados.

Os questionários escritos são mais apropriados a nossa tarefa, pois estaremos em contato direto com um entrevistador e tendo mais tempo e liberdade para pensar e organizar seus pensamentos e ideias, os estudantes se sentiriam mais à vontade para escrever sobre o que lhes foi pedido. Também pensávamos em coletar os conhecimentos prévios dos estudantes e colocá-los em contato com documentos históricos, tanto escritos como imagens, incentivando-os na interpretação destes documentos. Sendo assim, os questionários escritos seriam mais viáveis.

O questionário foi composto por nove questões dissertativas ou abertas que exigiam respostas por extenso. As três primeiras questões tinham por finalidade a coleta dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a violência e a violência ocorrida no Regime Militar brasileiro e na escola. Da terceira a nona questão, o objetivo estava relacionado à interpretação dos documentos escritos e as imagens. Optamos por trabalhar com documentos escritos e visuais oferecer aos estudantes maior diversidade de documentos para que pudessem utilizar na elaboração de seus escritos, como também para cercar as possibilidades de resposta.

⁸ O instrumento de pesquisa encontra-se em anexo.

5. A categorização⁹

Optamos por fazer uma análise comparada entre os estudantes do período matutino e do período noturno, a fim de perceber possíveis semelhanças e diferenças entre as definições, conceitos e interpretações apresentadas por eles. Chamaremos de Turma M os estudantes pertencentes ao matutino e Turma N os estudantes pertencentes ao noturno.

As categorias foram construídas tendo por base as relações existentes entre os escritos dos estudantes, levando-se em conta também as particularidades de cada questão e os documentos aos quais elas se referiam.

As três primeiras questões versam sobre a coleta do conhecimentos prévios dos estudantes sobre o fenômeno da violência, e de suas ocorrências no Regime Militar brasileiro e na escola. As categorizações e análises foram feitas separadamente, questão por questão. Em algumas questões, fizemos duas categorizações, pois havia mais de uma pergunta ou as respostas remetiam separadamente a mais de um documento. Para organizar e facilitar a compreensão, optamos por apresentar os dados na seguinte sequência:

- Plano geral das categorias: Constitui-se de uma tabela apresentada anteriormente com todas as categorizações, em que são apresentadas todas as categorias obtidas na questão correspondente. As três primeiras colunas apresentam, respectivamente, o número dado ao estudante, a partir de uma classificação alfabética e de gênero, a turma da qual o estudante faz parte, matutino ou noturno, e o gênero. As demais colunas referem-se às categorias obtidas na questão em que são assinalados as categorias que cada um escrito do estudante está inserido. Assim, é possível ter um quadro geral dos escritos obtidos em cada uma das questões, bem como comparar o que foi apresentado entre os estudantes dos dois períodos.

⁹ As tabelas, gerais e específicas, foram inspiradas no trabalho de Leilane Patrícia de Lima. Ver referências.

- **Quadro de categorias:** Neste quadro, são apresentadas, por turma, as categorias e a quantidade e percentual de estudantes inseridos em cada uma delas. Dessa forma, é possível observar quantitativamente quantos estudantes estão inseridos em cada uma das categorias e também realizar comparações entre os dois períodos.

- **Categorização e análise:** Por fim, são apresentadas em tabelas, as categorias e as subcategorias presentes em cada uma delas, conjuntamente aos excertos dos escritos dos estudantes correspondentes, a sua identificação através do número, iniciais e gênero, e os percentuais de cada uma das subcategorias. Esses dados nos darão suporte à reflexão e análise dos escritos dos estudantes, apresentadas após cada tabela de categorias e subcategorias.

6. Os escritos dos estudantes

Tendo por base a configuração citada acima, apresentaremos de forma intercalada os dados referentes ao matutino e ao noturno.

QUADRO 1	
Turma M	
Informações gerais:	
Período: Matutino	Total de 35 alunos matriculados
Informações sobre a participação:	
<ul style="list-style-type: none"> • Todos os estudantes receberam o instrumento de pesquisa. • Foram devolvidos apenas 29. Portanto, 6 participantes não devolveram o instrumento de pesquisa. • No que diz respeito à Turma M, nos índices percentuais, consideramos os 29 estudantes participantes como 100%. 	

QUADRO 2**Turma N****Informações gerais:****Período:** Noturno

Total de 15 alunos matriculados

Informações sobre a participação:

- Todos os estudantes receberam o instrumento de pesquisa.
- Foram devolvidos apenas 10. Portanto, 5 participantes não devolveram o instrumento de pesquisa.
- No que diz respeito à Turma M, nos índices percentuais, consideramos os 10 estudantes participantes como 100%.

TABELA 1

1. Defina violência		N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII
Plano geral das categorias		1	M	F	X	X		X			
		2	M	F	X						
		3	M	F	X	X	X				
		4	M	F	X	X	X		X		
		5	M	F	X	X					
		6	M	F	X						
		7	M	F	X	X					
		8	M	F	X	X					
		9	M	F	X	X					
		10	M	F	X						
		11	M	F	X		X				
		12	M	F	X	X					
		13	M	F	X		X				
		14	M	F	X	X		X			
		15	M	F	X	X					
		16	M	F	X	X					
		17	M	F	X	X	X				
		18	M	F	X						
		19	M	F	X	X					
		20	M	M	X	X	X				X
		21	M	M	X		X				
		22	M	M	X	X					
		23	M	M	X	X				X	
		24	M	M	X	X					
		25	M	M	X	X					
		26	M	M	X	X		X			
		27	M	M	X						
		28	M	M	X	X	X				
		29	M	M	X				X		
		30	N	F	X	X					X
		31	N	F	X		X		X		
		32	N	F	X	X					
		33	N	M	X		X	X			
		34	N	M	X	X					
		35	N	M	X						
		36	N	M	X						
		37	N	M	X	X					
		38	N	M	X		X				
		39	N	M	X	X					

TABELA 2- Quando convidados a definir violência		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	29	100%
II- Violência verbal	20	68,80%
III- Violência psicológica	8	27,52%
IV- Violência moral	3	10,32%
V- Violência sexual	2	6,88%
VI- Violência contra o patrimônio	1	3,44%
VII- Outros	1	3,44%

TABELA 3- Quando convidados a definir violência		
TURMA N		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	10	100%
II- Violência verbal	5	50%
III- Violência psicológica	3	30%
IV- Violência moral	1	10%
V- Violência sexual	1	10%
VI- Violência contra o patrimônio	0	0%
VII- Outros	1	10%

A primeira questão solicitava que os estudantes definissem sucintamente o conceito de violência. As categorias acima foram construídas a partir da leitura das definições apresentadas pelos estudantes. Os quadros 1 e 2 referem-se a essas definições e suas respectivas categorias. Se atentarmos para as categorias, percebemos que são as mesmas tanto para os estudantes do matutino quanto para os do noturno, com apenas uma exceção que se refere à categoria “outros”, que, por sua vez, contém duas definições de violência, uma para cada período.

O estudante número 20, pertencente ao período matutino, entre outras definições de violência, indicou como podendo acontecer de forma virtual. Geralmente este tipo de violência acontece na forma psicológica ou moral como, por exemplo, através da exposição de fotos íntimas. Pode acontecer também na forma de roubos de senhas, seja de cartões, contas bancárias ou a utilização das redes sociais para a exposição negativa, calúnia ou difamação de alguém.

A estudante número 30 definiu violência como “tudo que desagrade o ser ao todo.” Portanto, pode-se dizer que além da violência física e verbal citada pela estudante, ela entendeu que a violência não se limita apenas a essas modalidades, mas sim, que outros elementos também podem figurar como violência. Entretanto, a estudante não indicou quais seriam esses elementos.

De maneira geral, é possível dizer que os estudantes do matutino e do noturno apresentaram, com apenas duas exceções, as mesmas definições de violência. É possível afirmar também que tais definições vão além da simples violência física, abarcando práticas mais abrangentes e menos específicas. Apesar do foco ainda ser o indivíduo, é interessante notar que para um estudante do matutino, a violência pode ocorrer tanto contra um indivíduo, seja de forma física ou verbal, como também contra um patrimônio material.

TABELA 4

2. Cite quatro palavras-chave que, para você caracterizem a violência ocorrida no Regime Militar brasileiro.		Plano geral das categorias		N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII	
Dados gerais de classificação	Categorias	N: Número do estudante	I- Violência física	1	M	F	X				X			
				2	M	F	X				X			
				3	M	F	X		X		X			
				4	M	F	X		X					
				5	M	F	X		X					
				6	M	F	X							X
				7	M	F	X				X			X
				8	M	F	X			X	X			
				9	M	F	X							
				10	M	F	X							
				11	M	F	X		X					X
				12	M	F	X					X		
				13	M	F	X		X		X			
				14	M	F	X	X		X			X	
				15	M	F	X				X			
				16	M	F	X	X						X
				17	M	F	X		X		X			
				18	M	F	X	X		X			X	
				19	M	F	X		X	X	X			
				20	M	M				X	X	X		
21	M	M	X											
22	M	M	X				X							
23	M	M				X	X							
24	M	M	X				X			X				
25	M	M				X	X							
26	M	M					X			X				
27	M	M	X		X					X				
28	M	M				X	X							
29	M	M	X		X					X				
30	N	F	X			X								
31	N	F	-	-	-	-	-	-	-	-	X			
32	N	F	X				X							
33	N	M	X			X			X	X				
34	N	M	X				X							
35	N	M	-	-	-	-	-	-	-	-	X			
36	N	M	X				X							
37	N	M	X				X							
38	N	M	X	X		X	X							
39	N	M	X				X							

TABELA 5- Quando convidados a caracterizar a violência no Regime Militar brasileiro		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	24	82,56%
II- Violência verbal	3	10,32%
III- Violência psicológica	9	30,96%
IV- Violência moral	8	27,52%
V- Violência contra a liberdade individual e de imprensa	17	58,48%
VI- Outros	4	13,76%
VII- Exceções	7	27,52%

TABELA 6- Quando convidados a caracterizar a violência no Regime Militar brasileiro		
TURMA N		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	8	80%
II- Violência verbal	1	10%
III- Violência psicológica	0	0%
IV- Violência moral	3	30%
V- Violência contra a liberdade individual e de	6	60%

imprensa		
VI- Outros*	1	10%
VII- Exceções	3	30%
Guerra	3,44%	10-L.-F

TABELA 8		
I- Violência física		
I- Violência física		
Subcategoria	TURMA M	Sujeitos
Tortura	80%	32-M.M.-F; 31-U.-F; 36-E.Z.-M; 38-P.P.S.-M; 37-G.B.-M; 33-D.B.-M
Tortura	58,48%	1-A.F.-F; 2-A.P.A.P.-F; 3-D.C.S.-F; 5-G.C.-F; 6-G.M.-F;
Agressão física	50%	732-M.M.-F; 815-A.E.-10; 86-FE.Z.-11; 138-F.P.S.-15; 35; D5-B.-M
Massacre	10%	138-M; 21-FE.P.N.-M; 24-J.P.-M; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M
Desaparecimento	10%	31-J.-F
Agressão física	41,28%	4-D.P.S.-F; 5-G.C.-F; 6-G.M.-F;
Guerra	10%	834-A.-M; 10-L.-F; 12-L.G.-F; 14-M.C.A.-F; 15-M.F.O.-F; 16-
		M.F; 18-T.D.S.-F; 21-E.P.N.-M; 22-F.G.T.-M
Morte	30,96%	3-D.C.S.-F; 4-D.P.S.-F; 11-L.C.-F; 13-L.S.-F; 15-M.F.O.-F; 17-N.C.S.R.-F; 19-T.S.-F; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M
Prisão	3,44%	19-T.S.-F
Violência policial	3,44%	9-K.C.-F
Tiro	3,44%	10-L.-F
Desaparecimento	3,44%	1-A.F.-F

As tabelas 7 e 8 apresentam os escritos dos estudantes que puderam ser enquadrados como práticas de violência física em suas mais diversas formas e manifestações. Algumas subcategorias foram as mesmas para os dois períodos analisados, enquanto outras se diferenciaram. A tortura foi a prática de violência mais citada pelos estudantes dos dois períodos quando trataram da violência no Regime Militar no Brasil. De maneira geral, a violência física era prática constante no Regime Militar no Brasil, sendo aplicada a todos aqueles que desrespeitassem a rígida legislação imposta ou que fossem suspeitos de fazer oposição ao governo.

A tortura foi uma das ferramentas mais utilizadas pelos militares para a obtenção de respostas, confissões e delações, chegando a ser considerada como uma prática institucionalizada pelo Regime Militar no Brasil. A oposição e todos aqueles que, de alguma forma, tornavam-se suspeitos de serem opositores do governo eram detidos e submetidos a longos interrogatórios, onde a tortura era uma prática constante.

As agressões físicas foram constantes nos interrogatórios e das sessões de tortura às quais os suspeitos eram submetidos. Ao longo dessas sessões de tortura e agressões, algumas pessoas foram mortas, como foi o caso do jornalista Wladimir Herzog¹⁰.

Os desaparecimentos também foram uma prática constante empregada pelos militares para eliminar aqueles que representavam uma ameaça ao governo. Muitos desaparecidos até hoje ainda não tiveram seus corpos enterrados e muitas famílias ainda não sabem o que aconteceu a seus familiares e amigos.

Um estudante de cada período citou “guerra” como sendo uma das características do Regime Militar brasileiro. Não sabemos se estes estudantes associaram à guerra aos movimentos sociais ocorridos durante a vigência do Regime Militar brasileiro, inclusive com lutas armadas. Entretanto, é possível dizer que estrategicamente o Regime Militar brasileiro criou no Brasil um estado de guerra constante contra o perigo comunista, como se a qualquer momento um atentado ou um golpe comunista pudesse ocorrer, o que

¹⁰ Vladimir Herzog foi um jornalista, que durante o Regime Militar brasileiro, atuou como diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo. Em 25 de outubro de 1975, foi encontrado morto nas dependências do 2º Exército, em São Paulo. Oficialmente, a causa da morte havia sido suicídio. Entretanto, em 1978, a morte foi considerada assassinato com a utilização de tortura.

demandava toda a rigidez e a imposição que foi umas das principais características do período.

Um estudante do noturno – e aqui temos uma das diferenças entre os dois períodos – citou a palavra-chave “massacre”, talvez por considerá-la ligada a violência e a repressão apresentada nos documentos, violência essa relacionada inclusive aos “tiros” citados por um estudante do matutino.

É importante lembrar que já havíamos discutido com os estudantes sobre Regime Militar no Brasil, dentro do currículo escolar. Portanto, muito do que foi apresentado pode estar relacionada com essas discussões.

TABELA 9		
II- Violência verbal		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência verbal sem especificação	10,32%	14-M.C.A.-F; 16-M.-F; 18-T.D.S-F

TABELA 10		
II- Violência verbal		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Xingamento	10%	37-G.B-M

Estudantes do matutino e do noturno, ao se reportarem ao Regime Militar no Brasil, citaram “violência verbal” como uma das características da violência ocorridas no período. No entanto, em relação aos estudantes do matutino, não houve especificação de que tipo de violência verbal os estudantes estavam se referindo. Portanto, torna-se difícil inferir sobre quais práticas de violência verbal foram apresentadas. Em relação ao noturno, o estudante especificou como ocorrendo na forma de xingamentos.

TABELA 11		
III- Violência psicológica		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Perseguição	24,08%	3-D.C.S.-F; 11-L.C.-F; 13-L.S.-F; 17-N.C.S.R.-F; 19-T.S.-F; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M
Sequestro	6,88%	4-D.P.S.-F; 5-G.C.-F
Ameaça	3,44%	4-D.P.S.-F

TABELA 12		
III- Violência psicológica		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Algumas palavras-chave citadas pelos estudantes do matutino foram consideradas como formas de violência psicológica praticadas contra um indivíduo e encontram-se dispostas na tabela 11. Ameaças, perseguição e sequestro eram estratégias de repressão política frequentemente utilizadas pelos militares para evitar que

a oposição pudesse crescer a nível de influência e comprometer os ideias e o governo imposto pelos militares. Essas manifestações da violência foram consideradas como psicológicas, pois também são acompanhadas de violência física, gerando consequências nefastas para a estrutura emocional e psicológica das vítimas.

Assim, como dito anteriormente, esses conteúdos também foram abordados ao longo do ano letivo, de acordo com a proposta curricular e pode ter contribuído para os conceitos e palavras-chaves apresentados pelos estudantes.

Os estudantes do período noturno não citaram palavras-chave que pudessem ser enquadradas nesta categoria.

TABELA 13		
IV- Violência moral		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Assédio	10,32%	20-D.M.C.A.-M; 25-J.F.F.-M; 28-R.T.-M
Violência moral sem especificação	6,88%	14-M.C.A.-F; 18-T.D.S-F
Desrespeito	6,88%	25-J.F.F.-M; 28-R.T.-M
Impunidade	3,44%	8-K.A.-F
Prisão	3,44%	19-T.S.-F
Clandestinidade	3,44%	23-G.C.-M

TABELA 14		
IV- Violência moral		

TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Preconceito de classe social	10%	32-M.M.-F
Racismo	10%	35-E.S.-M
Xingamento	10%	37-G.B.-M

Agrupamos nas tabelas 13 e 14 palavras-chave cujas consequências ou prejuízos recaem sobre a moral dos sujeitos vitimados. Neste ponto, os estudantes dos dois períodos elencaram palavras-chave diferenciadas. Em relação ao matutino, “desrespeito” foi uma das palavras chave que apareceu. Esses estudantes consideraram as características gerais do Regime Militar no Brasil, como o autoritarismo, as imposições e a rigidez das legislações como uma forma de desrespeito à população.

Em relação à impunidade, é possível dizer que há o reconhecimento por parte dos estudantes que uma grande parcela de militares foram responsáveis por práticas violentas no Regime Militar no Brasil e nunca foram punidos. Fato que pode corroborar tal perspectiva é a instauração da Comissão Nacional da Verdade¹¹, décadas depois do final da vigência do Regime Militar brasileiro, quando certamente muitos dos envolvidos na violência praticada já não estão mais vivos.

A prisão e a clandestinidade foram táticas repressivas utilizadas para evitar ou barrar as atividades da oposição. Tornando-se clandestinos, a prática de determinadas atividades tornava-se ilegal e passível de prisão. Consideramos a clandestinidade como uma violência moral, à medida em que retira do sujeito o direito de se expressar e associar.

O “assédio” e “violência moral” também foram citados, no entanto não foram explicitados, tornando-se impossível interpretar tais expressões.

¹¹ A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

Em relação ao noturno, “preconceito de classe social” foi citado por uma estudante que provém de uma família extremamente pobre e com histórico de abandono pelos pais. Ao longo de sua vida escolar, sofreu diversos tipos de preconceito, tanto dentro da escola como fora dela. Não podemos concluir, mas é possível que ao citar a violência e analisando os documentos apresentados pelo instrumento de pesquisa, a estudante tenha feito certas associações a sua própria vida.

O “racismo” e “xingamento” também foram citados. Os estudantes sempre que tratam ou discutem governos autoritários ou ditatoriais tomam por referência o nazismo. A palavra-chave “racismo” pode ter sido indicada a partir de uma associação com o regime nazista. Quanto ao “xingamento”, torna-se difícil inferir em quais situações ele ocorria, na perspectiva dos alunos. Entretanto, é possível dizer que durante os interrogatórios a sua prática era comum.

Clandestinidade	3,44%	23-G.C.-M
Ditadura	6,59%	22-F.G.T.-M; 23-G.C.-M
V- Violência contra a liberdade individual e de imprensa		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Autoritarismo	34,40%	2-A.P.A.P.-F; 3-D.C.S.-F; 7-J.J.B.-F; 8-K.A.-F; 12-L.G.-F; 13-L.S.-F; 15-M.F.O.-F; 17-N.C.S.R.-F; 22-F.G.T.-M; 26-M.A.C.-M
Repressão	17,20%	2-A.P.A.P.-F; 12-L.G.-F; 22-F.G.T.-M; 23-G.C.-M; 26-M.A.C.-M
Censura	17,20%	20-D.M.C.A.-M; 24-J.P.-M; 25-J.F.F.-M; 26-M.A.C.-M; 28-R.T.-M
Opressão	13,76%	20-D.M.C.A.-M; 24-J.P.-M; 25-J.F.F.-M; 28-R.T.-M
Imposição	3,44%	1-A.F.-F
Prisão	3,44%	19-T.S.-F

TABELA 16		
V- Violência contra a liberdade individual e de imprensa no Regime Militar brasileiro		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Censura	30%	36-E.Z.-M; 38-P.P.S.-M; 33-D.B.-M
Autoritarismo	20%	36-E.Z.-M; 33-D.B.-M
Imposição	10%	31-J.-F
Poder	10%	34-E.-M
Extradição	10%	37-G.B.-M
Leis	10%	37-G.B.-M

Diversas palavras-chave indicadas estão relacionada às ações do Estado contra a liberdade individual, coletiva e de imprensa. Tais indicações, tanto do matutino quanto do noturno, estão apresentadas nas tabelas acima. Novamente aparecem algumas semelhanças e diferenças.

No Regime Militar brasileiro, as liberdades fossem cerceadas e reprimidas, utilizando-se diferentes estratégias. As palavras-chave apresentadas nas tabelas acima dizem respeito exatamente a essas estratégias e posturas assumidas pelo Regime Militar no Brasil. O objetivo era a manutenção do poder, e para tanto tentava-se calar as oposições, negando-se até mesmo o direito ao voto. Para evitar que movimentos sociais ocorressem e colocassem em risco a integridade e a continuidade do Regime Militar no Brasil, houve a imposição autoritária de leis e Atos Institucionais, da censura à imprensa, opressão, prisão e clandestinidade dos grupos contrários ao governo.

Parte da oposição, principalmente artistas e intelectuais foi exilada em outros países, como sinalizou um estudante do noturno com a palavra “extradição”.

TABELA 17**VI- Outros****TURMA M**

Subcategoria	%	Sujeitos
Violência indireta	10,32%	14-M.C.A.-F; 16-M.-F; 18-T.D.S-F
Revolta	3,44%	20-D.M.C.A.-M

TABELA 18**VI- Outros****TURMA N**

Subcategoria	%	Sujeitos
Roubo	10%	35-E.S.-M

Em relação ao matutino, as estudantes número 14, 16, 18, indicaram como palavras-chave “direta e indireta”. Por violência direta, entendemos a violência física contra um indivíduo. Mas, como não foi possível indicar a qual forma de violência a palavra indireta se referia, preferimos enquadrá-la na categoria outros.

O estudante número 20, indicou como palavra chave “revolta”. Uma revolta pode ocorrer num ato de contestação às regras estabelecidas e no contexto do Regime Militar no Brasil, contra a repressão. Entretanto, por si só, o conceito não remete a nenhum tipo de violência. Assim, foi enquadrado na categoria outros.

Do período noturno, O estudante número 33, utilizou a palavra- chave “roubavam” para caracterizar a violência no Regime Militar brasileiro. Como o conceito é abrangente e

pode estar relacionado a uma série de elementos, optamos por enquadrá-la na categoria outros.

TABELA 19		
VII- Exceções		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Capitalismo	17,20%	11-L.C.-F; 24-J.P.-M; 26-M.A.C.-M; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M
Militares	3,44%	7-J.J.B.-F
Respondeu parcialmente	3,44%	6-G.M.-F

TABELA 20		
VII- Exceções indicadas em relação à violência no Regime Militar brasileiro		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não respondeu	20%	30-A.C.L.M.-F; 39-W.D.-M
Respondeu parcialmente	10%	34-E.-M
Suborno	10%	35-E.S.-M

As tabelas acima reúnem as palavras-chave que não puderam ser consideradas como formas de violência. Também enquadramos nesta categoria aqueles estudantes

que não responderam ou não indicaram alguma das quatro palavras-chave solicitadas. É possível que os estudantes tenham feito relações entre a violência e as palavras-chave citadas, como é compreensível no caso de “militares”, mas, por não serem consideradas como formas de violência presentes no Regime Militar brasileiro foram consideradas como exceções.

3. Cite quatro palavras-chave que, para você, caracterizam a violência ocorrida na escola
Dados gerais de classificação N: Número T: Turma G: Gênero
Categorias de tipos de violência I- Violência física II- Violência verbal III- Violência psicológica IV- Violência moral V- Violência contra o patrimônio

VI- Violência contra o professor	TABELA 21
VII- Violência sexual	
VIII- Outros	
IX- Exceções	

N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1	M	F	X		X	X					X
2	M	F	X		X	X					
3	M	F	X		X	X					
4	M	F	X		X	X					X
5	M	F	X		X	X					X
6	M	F		X			X				
7	M	F	X		X	X	X				
8	M	F	X		X	X					X
9	M	F	X	X	X						
10	M	F	X		X	X					
11	M	F	X		X		X	X	X		
12	M	F	X		X					X	X
13	M	F	X		X	X					
14	M	F	X	X		X				X	
15	M	F	X		X	X					
16	M	F	X	X	X	X					
17	M	F	X		X	X					
18	M	F	X		X	X					X
19	M	F	X		X						X
20	M	M	X	X	X	X					
21	M	M	X		X	X					X
22	M	M	X	X	X						
23	M	M	X		X		X			X	
24	M	M	X		X		X		X		
25	M	M	X	X	X	X					
26	M	M									X
27	M	M	X		X		X	X	X		
28	M	M	X		X	X					
29	M	M	X		X		X	X	X		
30	N	F	X		X	X					
31	N	F	X	X	X	X					
32	N	F	X	X		X					
33	N	M	X		X	X					X
34	N	M		X		X		X			
35	N	M	X	X	X						
36	N	M	X		X	X				X	
37	N	M		X		X					
38	N	M	X	X		X					X
39	N	M	X	X		X					

TABELA 22		
Quando convidados a caracterizar a violência no na escola		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	27	92,88%
II- Violência verbal	7	24,08%
III- Violência psicológica	26	89,44%
IV- Violência moral	18	61,92%
V- Violência contra o patrimônio	7	24,08%
VI- Violência contra o professor	3	10,32%
VII- Violência sexual	4	13,76%
VIII- Outros*	3	10,32%
IX- Exceção	9	30,96%

TABELA 23		
Quando convidados a caracterizar a violência na escola		
TURMA N		
Categorias	Quantidade	%
IV- Violência moral	9	90%
V- Violência contra o patrimônio	0	0%
VI- Violência contra o professor	1	10%
VII- Violência sexual	0	0%
VIII- Outros*	0	0%
I- Violência física	8	80%
IX- Exceções	2	20%
III- Violência psicológica	5	50%

TABELA 24		
I- Violência física		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Bullying	82,56%	1-A.F.-F; 2-A.P.A.P.-F; 3-D.C.S.-F; 4-D.P.S.-F; 5-G.C.-F; 7-J.J.B.-F; 8-K.A.-F; 9-K.C-F; 10-L.-F; 11-L.C.-F; 12-L.G.-F; 13-L.S.-F; 15-M.F.O.-F; 17-N.C.S.R.-F; 19-T.S.-F; 20-D.M.C.A.-M; 21-E.P.N-M; 22-F.G.T.-M; 23-G.C.-M; 24-J.P.-M; 25-J.F.F.-M; 27-M.M.R.-M; 28-R.T.-M; 29-W.N.-M
Agressão física	44,72%	3-D.C.S.-F; 7-J.J.B.-F; 9-K.C-F; 12-L.G.-F; 13-L.S.-F; 14-M.C.A.-F; 15-M.F.O.-F; 16-M.-F; 17-N.C.S.R.-F; 18-T.D.S-F; 19-T.S.-F; 20-D.M.C.A.-M; 22-F.G.T.-M

Violência física sem especificação	10%	33-D.B.-M
TABELA 25		
I- Violência física		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Bullying	40%	32-M.M.-F; 30-A.C.L.M.-F; 35-E.S.-M; 36-E.Z.-M
Agressão física	60%	30-A.C.L.M.-F; 31-J.-F; 35-E.S.-M; 39-W.D.-M; 37-G.B.-M; 33-D.B.-M

As tabelas acima referem-se a violência física indicada pelos estudantes como presentes em seu cotidiano. Estudantes de ambos os períodos relacionaram o “bullying” e a “agressão física” como sendo práticas comuns no ambiente escolar. Apenas um estudante não especificou a que violência estava se referindo.

Em ambas as escolas e períodos analisados, o bullying ocorre com bastante frequência, sendo, por vezes, difícil de se combater. Tal dificuldade de combate ocorre devido ao grande número de ocorrências, mais simples ou mais graves. As escolas participantes da pesquisa não possuem pedagogos suficientes para lidar com todos os casos de bullying, agressões, brigas, e a grande quantidade de problemas que ocorrem no cotidiano da escola. Dessa forma, infelizmente, prioriza-se aquelas ocorrências consideradas como mais graves, como as brigas e as agressões. Às outras ocorrências, como o bullying não físico, muitas vezes são destinadas apenas um olhar de reprovação ou a chamada de atenção, sem que uma providência efetiva seja tomada. Em relação à ocorrência do bullying nas escolas, observe-se que 82,56% dos estudantes do período matutino indicaram que o indicaram como presente na escola.

Em relação às brigas e às agressões físicas, pode-se dizer que ocorrem com menos frequência entre os estudantes do Ensino Médio. Entretanto, o Colégio Estadual Brasília de Araújo também oferece Ensino Médio, e, no caso dessa escola, as ocorrências de brigas e agressões físicas ocorrem com mais frequência. Essa constatação nos permite afirmar que mesmo considerando-se as ressalvas, os estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Brasília de Araújo tem contatos mais frequentes com práticas violentas do que os estudantes do Colégio Estadual Jayme Canet.

Violência verbal sem especificação	10,32% TABELA 26	14-M.C.A.-F; 16-M.-F; 22-F.G.T.-M
Agressão verbal	6,88% TURMA M	6-G.M.-F; 9-K.C-F
Xingamento	6,88%	20-D.M.C.A.-M; 25-J.F.F.-M
Subcategorias	%	Sujeitos

Tabela 27		
II- Violência verbal		
TURMA N		
Subcategorias	%	Sujeitos
Discussão	10%	30-A.C.L.M.-F
Agressão verbal	20%	31-J.-F; 34-E.-M
Xingamento	30%	39-W.D.-M; 38-P.P.S.-M; 37-G.B.-M
Violência verbal sem especificação	10%	33-D.B.-M

As tabelas acima referem-se às indicações de violência verbal apresentada pelos estudantes dos dois períodos. De todas as palavras-chave citadas, em apenas uma as duas turmas se diferenciaram. Muitas vezes, mesmo que os conflitos entre os estudantes não levem à agressão física resultam em discussões graves, permeadas por xingamentos, ofensas, ameaças, entre outros.

As próprias formas de tratamento entre os estudantes, repleta de ofensas, xingamentos, muitas vezes não são entendidas por eles como ofensa, no entanto pode ser considerada uma forma de violência verbal para quem escuta tais conversas.

TABELA 28		
III- Violência psicológica		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Bullying	82,56%	1-A.F.-F ; 2-A.P.A.P.-F; 3-D.C.S.-F; 4-D.P.S.-F; 5-G.C.-F; 7-J.J.B.-F; 8-K.A.-F; 9-K.C.-F; 10-L.-F; 11-L.C.-F; 12-L.G.-F; 13-L.S.-F; 15-M.F.O.-F; 17-N.C.S.R.-F; 19-T.S.-F; 20-D.M.C.A.-M; 21-E.P.N-M; 22-F.G.T.-M; 23-G.C.-M; 24-J.P.-M; 25-J.F.F.-M; 27-M.M.R.-M; 28-R.T.-M; 29-W.N.-M

Violência psicológica sem especificação	10,32%	16-M.-F; 18-T.D.S-F; 22-F.G.T.-M
Ameaça	3,44%	28-R.T.-M

TABELA 29		
III- Violência psicológica		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Bullying	40%	32-M.M.-F; 30-A.C.L.M.-F; 35-E.S.-M; 36-E.Z.-M
Brincadeiras de mal gosto	10%	39-W.D.-M

Na construção das subcategorias, optamos por enquadrar o “bullying” tanto como violência física como violência psicológica, considerando os prejuízos e consequências sobre o corpo e a estrutura psicológica dos indivíduos.

As ameaças também ocorrem dentro do espaço escolar com certa frequência. Por diversas vezes, presenciamos ameaças serem feitas a outros estudantes e aos professores. Não vimos, nem presenciamos tais ameaças se cumprirem, entretanto, é evidente que ocorre uma alteração no estado emocional dos indivíduos afetados.

Em relação às brincadeiras de mau gosto, pode-se dizer que ela ocorra, mas não com muita frequência, possivelmente devido à idade dos estudantes. Tais brincadeiras são mais frequentes nas séries finais no Ensino Fundamental.

TABELA 30**IV- Violência moral****TURMA M**

Subcategoria	%	Sujeitos
Racismo	20,64%	2-A.P.A.P.-F; 3-D.C.S.-F; 10-L.-F; 15-M.F.O.-F; 25-J.F.F.-M; 28-R.T.-M
Preconceito	17,20%	3-D.C.S.-F; 10-L.-F; 13-L.S.-F; 15-M.F.O.-F; 28-R.T.-M
Desrespeito	17,20%	1-A.F.-F ; 2-A.P.A.P.-F; 4-D.P.S.-F; 5-G.C.-F; 7-J.J.B.-F
Intolerância	10,32%	1-A.F.-F ; 8-K.A.-F; 10-L.-F
Discriminação	10,32%	2-A.P.A.P.-F; 20-D.M.C.A.-M; 25-J.F.F.-M
Violência moral sem especificação	10,32%	14-M.C.A.-F; 16-M.-F; 18-T.D.S-F
Xingamento	6,88%	20-D.M.C.A.-M; 25-J.F.F.-M
Provocação	3,44%	17-N.C.S.R.-F
Difamação	3,44%	21-E.P.N-M

Ofensa	20%	38-P.P.S-M; 37-G.B.-M
	TABELA 31	
Humilhação	10%	31-J.F
	IV- Violência moral	
Intolerância	10%	36-E.Z.-M
	TURMA N	
Preconceito	10%	38-P.P.S.-M
Subcategoria	%	Sujeitos
Sexo	10%	35-E.S.-M
Discriminação	30%	32-M.M.-F; 30-A.C.L.M.-F; 31-J-F
Desrespeito	30%	34-E.-M; 36-E.Z.-M; 38-P.P.S.-M
Racismo	20%	32-M.M.-F; 33-D.B.-M
Xingamento	20%	38-P.P.S.-M; 37-G.B.-M

Uma grande quantidade de palavras-chave foram enquadradas como de caráter moral. Nesta categoria, os estudantes das turmas matutina e noturna se aproximaram em diversos aspectos ao tratar da violência na escola. Das doze palavras-chave indicadas, seis são as mesmas para estudantes de ambos os períodos.

O “racismo”, “preconceito”, “desrespeito”, “intolerância”, “discriminação” e “xingamento” foram indicadas em ambas as turmas e períodos. Tais palavras-chave dizem respeito à desvalorização e subjugação de grupos de estudantes que se consideram melhores ou superiores. Essas atitudes podem ser consideradas como bullying e infelizmente estão muito presentes em nosso cotidiano escolar.

“Provocação”, “ofensa” e “humilhação” também podem estar relacionadas a não aceitação das diferenças de cada indivíduo ou grupo, podendo representar um dano ao caráter ou à moral dos indivíduos.

Como foi dito anteriormente, a escola é um espaço onde existem diversas diferenças individuais e de grupo, sejam elas religiosas, comportamentais, entre outras. Para que a convivência seja pacífica, faz-se necessário construir e incentivar o sentimento e a atitude da empatia. Somente dessa forma torna-se possível a valorização das diferenças.

A “difamação” consiste em caluniar determinada pessoa. No contexto da escola, ações desse tipo ocorrem, geralmente, por desavenças ocorridas entre dois ou mais estudantes, originadas dentro ou fora da escola, podendo atentar contra a integridade moral de determinada pessoa.

O “sexo” também foi considerada uma forma de violência moral. Consideramos que há uma tendência dos jovens ouvirem músicas com alto teor erótico e pornográfico. Tais músicas são levadas até a escola através de celulares, mini caixas de som, entre outros. Também sabemos que no espaço escolar, ocorrem casos de relações sexuais entre estudantes em locais não pouco movimentados da escola, como atrás de quadras, estacionamentos, etc. Dentro de uma perspectiva mais conservadora, essas atitudes podem ser consideradas imorais e violentas. O estudante pode estar se referindo à sexo

forçado, estupro, devido ao estupro de uma estudante do noturno, no ano de 2014, ano em que o instrumento de pesquisa foi aplicado. O fato ocorreu fora da escola, entretanto o estudante pode ter feito alguma associação que não foi possível esclarecer, sendo assim, consideramos como uma forma de violência moral.

TABELA 32		
V- Violência contra o patrimônio da escola		
TURMA M		
Subcategorias	%	Sujeitos
Vandalismo	20,64%	6-G.M.-F; 11-L.C.-F; 23-G.C.-M; 24-J.P.-M; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M
Depredação	10,32%	6-G.M.-F; 7-J.J.B.-F; 23-G.C.-M

TABELA 33		
V- Violência contra o patrimônio da escola		
TURMA N		
Subcategorias	%	Sujeitos
Não houve incidência de palavras-chave nessa categoria		

Em relação à violência contra o patrimônio físico da escola, ou seja, o prédio, as mesas, as cadeiras, o material utilizado, entre outros, diversos alunos indicaram “vandalismo” e “depredação” como prática de violência ocorridas na escola.

Consideramos como vandalismo e depredação qualquer ato que destrua, inutilize, prejudique o funcionamento ou a estética dos bens materiais dentro do espaço escolar. Constatamos que em grande parte das escolas, os muros e paredes estão quebrados e pichados, mesas e cadeiras tortas, rabiscadas e arranhadas. Ventiladores quebrados, quadros esburacados, entre diversas outras coisas que afetam o funcionamento e a

estética da escola. Ao mesmo tempo em que é fácil encontrarmos exemplos dessas formas de violência, torna-se difícil identificar quais motivações levaram a elas, bem como se suas origens pertencem ao espaço interno ou externo à escola.

TABELA 34		
VI- Violência contra o professor		
TURMA M		
Subcategorias	%	Sujeitos
Opressão ao professor	10,32%	11-L.C.-F; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M

TABELA 35		
VI- Violência contra o professor		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Desrespeito ao professor	10%	34-E.-M

A violência contra os professores também apareceu nas palavras-chave indicadas pelos estudantes dos dois períodos com algumas diferenças em sua conceituação. Os estudantes do matutino classificaram como opressão, enquanto os do noturno desrespeito.

É inegável que a violência contra os professores dentro das escolas tem crescido em níveis alarmantes. Com certa frequência são noticiados casos de professores que foram agredidos ou espancados pelos estudantes dentro das próprias salas de aula. Ao longo dos anos, os professores vêm perdendo autoridade nas salas de aula, sofrendo pressões da comunidade escolar e de outros segmentos.

Não é possível dizer em que sentido os estudantes do matutino indicaram a opressão aos professores. Pode ser que eles tenham percebido certas situações em que os professores se sentiam pressionados pelo governo, alunos, pais de alunos ou até mesmo pelos próprios dirigentes das escolas e relacionem isso a uma estratégia diferente de violência.

Em relação ao desrespeito, um estudante do noturno sinalizou que essas situações ocorrem com certa frequência. No ano de 2014, presenciamos uma situação em que a professora de matemática estava dentro da sala de aula, escrevendo no quadro, quando foi atingida por um chinelo. Em outro caso, uma estudante agrediu o pedagogo com um cabo de vassoura. Situações como essas são muitas vezes negligenciadas e continuam crescendo exponencialmente.

TABELA 36		
VII- Violência sexual		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Estupro	13,76%	11-L.C.-F; 24-J.P.-M; 27-M.M.R.-M; 29-W.N.-M

TABELA 37		
VII- Violência sexual		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência de palavras- chave nessa categoria		

O “estupro” foi citado por diversos estudantes do matutino como uma forma de violência que caracteriza a escola. Não temos conhecimento de nenhum caso de estupro

que tenha ocorrido em nenhuma das duas escolas participantes da pesquisa. Entretanto, em 2014 houve uma série de estupros de adolescentes em Bela Vista do Paraíso, inclusive com uma estudante de cada uma das duas escolas. Os estudantes podem ter associado o fato dos estupros terem acontecidos com as estudantes à violência na escola.

TABELA 38		
VIII- Outros		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Injustiça	3,44%	12-L.G.-F
Violência indireta	3,44%	14-M.C.A.-F
Manifestação	3,44%	23-G.C.-M

TABELA 39		
VIII- Outros		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Indisciplina	10%	36-E.Z.-M

Enquadramos como “outras formas de violência” as palavras-chave que não puderam ser enquadradas nas categorias anteriores, mas podem ter alguma relação com o tema proposto. É o caso da palavra-chave “injustiça”. De maneira geral, a injustiça não é uma forma de violência, e no espaço escolar tenta-se fazer justamente o contrário, minimizar ou não cometer injustiças. Entretanto, se pensarmos a partir do ponto de vista daquele que foi injustiçado de alguma forma e dependendo da intensidade e grau da

injustiça, as consequências podem ser drásticas. Nesse sentido, consideramos a injustiça como forma de violência.

A “manifestação” também aparece como uma forma de violência. Não temos conhecimento de nenhuma manifestação estudantil em nenhuma das escolas que tenha resultado em atos de violência, como vandalismo e depredação, nem mesmo enquanto violência verbal. Ademais, nunca presenciamos nenhuma forma de manifestação estudantil organizadas coletivamente, mas sempre petições isoladas e que não refletem a vontade da maioria dos estudantes. Nos últimos anos, diversas manifestações e protestos, por vezes violentos, ocorreram e ainda ocorrem no Brasil e no mundo. É possível que os estudantes, a partir de informações e conhecimentos construídos sobre tais manifestações tenham relacionado ao seu espaço escolar ou com algum evento isolado ocorrido na escola.

A “violência indireta” também foi citada como ocorrendo na escola. Devido à abrangência do termo, fica difícil inferirmos significados. A “indisciplina” também foi apontada como uma forma de violência. Comumente, enquanto professores, não consideramos indisciplina como forma de violência, pelo menos não aquela com a qual estamos quase habituados, devido à frequência com que ocorre. Entretanto, tal prática pode ser considerada violência dependendo da proporção e da gravidade com que acontece. Por exemplo, atos de indisciplina podem resultar em destruição de materiais escolares, mesas e cadeiras, entre outros. Contudo, não é possível identificar em que sentido o estudante se utilizou do termo. Assim, essa palavra-chave foi enquadrada na categoria outros.

Individualismo	3,44%	1-A.F.-F
	TABELA 40	
Disputa	3,44%	19-T.S.-F
	IX- Exceções	
Desigualdade intelectual	3,44%	21-E.P.N-M
	TURMA M	
Sociedade	3,44%	26-M.A.C.-M
Subcategoria	%	Sujeitos
Estado	3,44%	26-M.A.C.-M
Sentimentos negativos em relação	24,08%	4-D.P.S.-F; 5-G.C.-F; 8-K.A.-F; 12-
Família	3,44%	26-M.A.C.-M
Outras pessoas	3,44%	26-M.A.C.-M; 18-M.D.S-F; 19-T.S.-F; 21-E.P.N-M
Educação	3,44%	26-M.A.C.-M

TABELA 41		
IX- Exceções TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Desonestidade	10%	35-E.S.-M
Interrogatório	10%	37-G.B.-M

Foram consideradas exceções as palavras-chave que não se enquadraram em nenhuma forma de violência. Tais palavras podem ser resultado ou até mesmo motivar certas práticas violentas, mas, por si mesmas, não implicam em violência.

4. Em relação aos documentos 1 e 2, quais seus principais elementos? Do que os documentos tratam?

Dados gerais de classificação	TABELA 42									
	N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII
I- Violência física II- Violência verbal III- Violência contra a oposição IV- Violência contra a liberdade individual V- Reconhecimento da violência enquanto relato e do texto como documento histórico VI- Resistência e luta contra o Regime Militar no Brasil VII- Exceções N: Número T: Turma G: Gênero	1	M	F			X				
	2	M	F	X				X		
	3	M	F	X		X				
	4	M	F			X				
	5	M	F	X						
	6	M	F			X				
	7	M	F	X					X	
	8	M	F	X		X			X	
	9	M	F	X						
	10	M	F							X
	11	M	F							X
	12	M	F							X
	13	M	F	X						
	14	M	F	X					X	
	15	M	F			X				
	16	M	F	X		X				
	17	M	F			X			X	
	18	M	F	X					X	
	19	M	F							X
	20	M	M			X			X	
	21	M	M	X		X				
	22	M	M							X
	23	M	M	X						
	24	M	M			X			X	
	25	M	M			X				
	26	M	M	X		X				
	27	M	M	X					X	
	28	M	M			X			X	
	29	M	M							X
	30	M	F	X					X	
	31	M	F	X		X			X	
	32	M	F			X			X	
	33	M	M	X	X	X				
	34	M	M	X		X				
	35	M	M	X		X				
	36	M	M	X		X				
	37	M	M		X	X	X			
	38	M	M	X						
	39		M	X						

A partir da questão 4, tratamos de perguntas referentes à documentos, escritos e iconográficos. Assim, escritos dos estudantes são interpretações relacionadas a esses documentos que apresentam a violência no Regime Militar brasileiro e no espaço escolar.

TABELA 43		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	14	48,16%
II- Violência verbal	0	0%
III- Violência contra a oposição	14	48,16%
IV- Violência contra a liberdade individual	0	0%
V-Reconhecimento da violência enquanto relato e o texto como um documento histórico	5	17,20%
VI- Resistência e luta contra o Regime Militar brasileiro	5	17,20%
VII- Exceções	6	20,64%

TABELA 44**TURMA N**

Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	8	80%
II- Violência verbal	2	20%
III- Violência contra a oposição	7	70%
IV- Violência contra a liberdade individual	1	10%
V-Reconhecimento da violência enquanto relato e o texto como um documento histórico	0	0%
VI- Resistência e luta contra o Regime Militar brasileiro	3	30%
VII- Exceções	0	0%

TABELA 45**I- Violência física****TURMA M**

Subcategoria	%	Sujeitos
Agressão	3,44	27-M.M.R.-M “...pessoas que foram agredidas...”
Espancamento	6,88%	23-G.C.-M “... espancamento com uma pessoa...” 3-D.C.S.-F “...interrogado que sofreu espancamento...”
Tortura	13,76%	21-E.P.N-M “...atos de... tortura”

		18-T.D.S-F “...tratam sobre... torturas sofridas pelas pessoas...” 14-M.C.A.-F “...as torturas que as pessoas sofreram...” 13-L.S.-F “...A tortura, que foram torturados pessoas.”
Assassinatos	10,32%	16-M.-F “...muitos eram até mortos.” 26-M.A.C.-M “...além das... mortes...” 2-A.P.A.P.-F “...mortos...”
Existência de diversas formas e métodos de tortura	10,32%	8-K.A.-F “...destacando as formas de tortura...” 7-J.J.B.-F “...uma das torturas realizadas pelo militares...” 26-M.A.C.-M “...a tortura direta (física) como prática/método...”
Violência não especificada	6,88%	5-G.C.-F “...violência na época do Regime Militar.” 9-K.C.-F “...violência no regime militar.”

TABELA 46		
I- Violência física		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Agressão	10%	38-G.B.-M “Falamos de regime militar onde houve... agressões...”
Espancamento	30%	33-E.S.-M “Os dois documentos falam sobre... espancamentos...” 31-A.C.L.M.-F “...O interrogado sofreu espancamento...” 39-W.D.-M

		“... o 2 trata sobre espancamento dos policiais.”
Tortura	30%	36- E.Z.-M “Trata... das torturas que eram aplicadas...” 33-E.S.-M “Os dois documentos falam sobre... torturas...” 38-G.B.-M “Falam de regime militar onde houve tortura...”
Assassinato	10%	34-E.-M “... alguns até foram mortos...”
Violência	50%	33-E.S.-M “Os dois documentos falam sobre violência física...” 30-M.M.-F “...se tratam da violência em ambos.” 36- E.Z.-M “Trata da violência que havia...” 38-P.P.S.-M “Violência militar...” 39-W.D.-M “O 1 se trata violência no regime militar...”

Na questão número 4, cujos dados são apresentados nas tabelas acima havia dois documentos escritos para análise. O primeiro deles tratava da repressão às manifestações durante o Regime Militar no Brasil, e o segundo, um excerto do livro “Brasil: Nunca mais” (ARNS, 1985), apresentando um caso de tortura contra um homem. Foi solicitado que os estudantes apontassem quais os principais elementos tratados em ambos os documentos. Os dados obtidos encontram-se nas tabelas acima.

De maneira geral, os estudantes entenderam que ambos os documentos apresentavam violências. Pela abrangência dos escritos, preferimos dividir as categorias a partir da tipologia da violência indicada ou apontada pelos estudantes.

Ao compararmos os dados referentes as duas turmas e aos dois períodos, percebemos que as tipologias de violência física apresentadas são praticamente as mesmas. Em poucos exemplos encontramos diferenças. Se considerarmos os excertos

dos estudantes, é possível dizer que a maneira como lidaram e trataram dos documentos também é semelhante, inclusive algumas respostas são bastante parecidas.

De maneira geral, podemos dizer que os estudantes indicaram corretamente diversas formas de violência física ocorridas no período do Regime Militar no Brasil, tanto na repressão às manifestações quanto nas salas de interrogatório.

É importante destacar uma das ideias ou subcategorias apresentadas pelos estudantes do matutino, de que as formas de tortura utilizadas durante o Regime Militar brasileiro eram variadas e podem ser consideradas como uma prática e um método comum ao período. Realmente, diversas formas de tortura eram utilizadas durante o Regime Militar no Brasil, indo desde formas mais simples como o espancamento, até práticas mais elaboradas como a “cadeira do dragão”¹² e a “pimentinha”¹³ (ARNS, 1985). Tais modalidades de tortura, assim como todas as outras, constituíram-se no princípio fundamental de grande parte dos interrogatórios ocorridos durante o Regime Militar no Brasil, transformando-se num método de interrogatório e confissão.

TABELA 47		
II- Violência verbal		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

¹² Apesar das diferenças entre este método de tortura entre os locais e as cidades onde era praticado, constituía-se basicamente de uma cadeira extremamente pesada, com assento de zinco, com locais específicos para serem introduzidos os terminais de máquinas de choque. Na região das pernas, havia uma travessa de maneira que forçava as pernas para trás, provocando ferimentos a cada descarga elétrica.

¹³ Máquinas de choque movidas por um rotor. A voltagem crescia de acordo com a velocidade do rotor. A eletricidade era conduzida por fios, que eram colocados em contato com o corpo da vítima.

TABELA 48		
II- Violência verbal		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência verbal sem especificação	10%	33-D.B.-M “violência... verbal no Regime Militar.”
Xingamento	10%	37-G.B.-M “Falam de regime militar, onde ouve... xingos...”

A violência verbal foi uma modalidade de violência indicada apenas pelos estudantes do período noturno. Não é possível identificar nos documentos 1 e 2, indícios que levem a entender que naqueles casos houve algum tipo de violência verbal. Entretanto, como o documento 1 cita uma passeata realizada pelos estudantes em 1966, e nos últimos anos presenciamos uma série de protestos e manifestações pelo Brasil, em que músicas de protesto são cantadas, governos e instituições são atacadas, palavras de baixo calão são proferidas, é possível que os estudantes tenham associado os protestos e manifestações atuais às quais conhece, com as ocorridas durante o Regime Militar brasileiro.

TABELA 49		
III- Violência contra a oposição		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Repressão e perseguição contra a oposição e estudantes	37,84%	15-M.F.O.-F “...estudantes... nas ruas para protestarem e... foram violentados.” 6-G.M.-F “...violência com estudantes.” 26-M.A.C.-M “...repressão contra os opositores do governo...métodos eram utilizados para

		<p>amedrontar a sociedade...” 17-N.C.S.R.-F “... estudantes... pessoas que eram contra o governo foram torturados, estudantes presos em universidades.” 28-R.T.-M “...direitos estudantis... estudantes sofreram... graças à opressão...” 20-D.M.C.A.-M “Repressão, luta contra a ditadura... prisões de quem era contra...” 3-D.C.S.-F “...líderes estudantis foram presos...” 25-J.F.F.-M “Violência contra estudantes que eram contra a ditadura militar.” 16-M.-F “...líderes estudantis e partidários eram perseguidos...” 8-K.A.-F “...destacando... as formas de perseguição.” 1-A.F.-F “...perseguições... aos opositores.”</p>
Tortura à oposição	17,20%	<p>17-N.C.S.R.-F “...pessoas... contra o governo eram torturados...” 16-M.-F “...líderes estudantis e partidários eram... torturados...” 1-A.F.-F “...torturas aos opositores.” 3-D.C.S.-F “...líderes estudantis foram... torturados...” 28-R.T.-M “...Muitos estudantes sofreram... graças a... tortura.”</p>
Repressão contra a população	3,44%	<p>4-D.P.S.-F “...torturas realizadas à população...”</p>
Outras formas de repressão	6,88%	<p>24-J.P.-M “...abuso do poder dos militares...” 21-E.P.N-M “...Todos os atos de repressão...”</p>
Violência praticada pelos militares	3,44%	<p>26-M.A.C.-M “...violência cometida pelos militares...”</p>

TABELA 50		
III- Violência contra a oposição		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Repressão contra a oposição	40%	<p>34-E.-M “Líderes estudantis e partidários foram perseguidos, muitos foram presos...”</p> <p>32-J.F “Os estudantes saíram em passeata pelas ruas... sendo violentamente reprimidos.”</p> <p>31-A.C.L.M.-F “Os estudantes saíram em passeata pelas ruas... sendo violentamente reprimidos...”</p> <p>37-P.P.S.-M “...repressão.”</p>
Tortura contra a oposição	30%	<p>36- E.Z.-M “Trata... das torturas que eram aplicadas, principalmente em estudantes.”</p> <p>33-E.S.-M “Os dois documentos falam sobre... torturas, relacionadas á estudantes...”</p> <p>34-E.-M “Líderes estudantis e partidários foram... torturados...”</p>

Durante o Regime Militar brasileiro, a violência contra a oposição em todas as suas formas, métodos e estratégias foi amplamente utilizada, visando a manutenção do regime de exceção instaurado no Brasil.

Se atentarmos para os dados indicados na tabela acima, novamente percebemos semelhanças entre os estudantes das duas turmas e períodos. Em ambos os casos, os estudantes referiam-se à violência utilizada contra a oposição, justificando, por exemplo, que tal violência tinha como propósito “amedrontar a sociedade”.

Além da tortura apontada anteriormente, outras formas de violência e repressão também estavam frequentemente presentes, como a repressão violenta aos protestos, as prisões arbitrárias realizadas contra estudantes e qualquer outro setor ou indivíduo que fossem suspeito de oposição e também os sequestros e desaparecimentos, muitos dos quais até hoje não se sabe ao certo o que ocorreu.

A “violência cometida pelos militares” talvez deslocada dentro da categoria violência contra a oposição. Contudo, a violência praticada pelos militares era constantemente usada contra a oposição na garantia de seus interesses.

TABELA 51		
IV- Violência contra a liberdade individual		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 52		
IV- Violência contra a liberdade individual		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Ausência de liberdade de expressão	10%	37-G.B.-M “...o povo não tinha direito de se expressar.”

Apresentada apenas por um estudante do noturno, a ausência de liberdade de expressão também está presente entre os escritos. Fortemente repressivo, o Regime Militar brasileiro reprimia as liberdades individuais e coletivas, seja de movimentação, deslocamento, expressão, imprensa, entre outras. O estudante sinalizou essa ausência de liberdade, pois o documento 1 trata da repressão contra os protestos dos estudantes que estavam tentando exercer sua liberdade de expressão e opinião.

TABELA 53		
V- Reconhecimento da violência enquanto relato e do texto como um documento histórico		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Reconhecimento do Regime Militar apresentado no documento 1 como um fato histórico.	3,44%	17-N.C.S.R.-F “...No doc. 1 trata de um fato histórico...”
Reconhecimento do documento 2 como um relato	13,76%	14-M.C.A.-F “...relata a situação que uma pessoa passou.” 18-T.D.S-F “...no 2 a situação... relatada pela pessoa o que passou.” 27-M.M.R.-M

		"...relatos de pessoas que foram agredidas..." 2-A.P.A.P.-F "...relato sobre uma pessoa que sofreu agressões..."
--	--	--

TABELA 54		
V- Reconhecimento da violência enquanto relato e do texto como um documento histórico		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

No que se refere à categoria V, dois pontos importantes apareceram. A primeira delas, é o reconhecimento por uma estudante do matutino de que o documento 1 trata de um fato histórico. Vale lembrar que a questão referia-se a dois documentos, um tratando da violência contra protestos estudantis e outro retratando um caso de tortura. Isso nos leva a um questionamento: o que levou a estudante a reconhecer no documento 1 um fato histórico e não ter a mesma percepção em relação ao documento 2? Alguns fatores podem ser levantados em consideração a essa questão. O documento um cita o Ato Institucional nº 5, que geralmente é uma referência para os estudantes quando se fala em Regime Militar no Brasil. O documento também cita protestos e manifestações, datas e episódios específicos, como a Setembrada e o Massacre da Praia Vermelha. Tais elementos podem ter sido tomados como critérios para a identificação no documento 1 de um fato histórico. O documento 2 apresenta um caso de tortura de forma sucinta, não possuindo nenhum dos elementos citados em relação ao documento 1, levando os estudantes a terem desclassificado o seu conteúdo enquanto fato histórico.

O segundo ponto importante foi o reconhecimento, por alguns estudantes, do documento dois como um relato, embora tenha sido feito em terceira pessoa. Podemos considerá-lo do gênero relato, visto que foi elaborado a partir de um depoimento e

publicado num livro cujo objetivo era coletar a maior quantidade possível de depoimentos de indivíduos torturados durante o Regime Militar no Brasil.

Nesses dois pontos destacados, os estudantes foram além das interpretações mais óbvias como a violência, a repressão e a tortura, chegando a apontar aspectos teóricos e historiográficos em relação aos documentos, baseando-se é claro, em critérios pessoais.

TABELA 55		
VI- Resistência e luta contra o Regime Militar brasileiro		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Luta contra a ditadura	3,44%	20-D.M.C.A.-M “...luta contra ditadura...”
Luta da população contra as agressões	3,44%	7-J.J.B.-F “...luta da população contra as agressões...”
Luta estudantil	10,32%	8-K.A.-F “A resistência jovem ao Regime Militar...” 24-J.P.-M “...estudantes em busca dos seus direitos.” 28-R.T.-M “...direitos estudantis...”

TABELA 56		
VI- Resistência e luta contra o Regime Militar brasileiro		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Organização e luta política	30%	30-A.C.L.M “Os estudantes saíram em passeata pelas ruas em vários estados brasileiros...”

		31-J.-F “Os estudantes saíram em passeata pelas ruas em várias estados brasileiros...” 32-M.M.-F “organizações políticas, a luta estudantil contra a ditadura militar...”
--	--	--

Alguns estudantes também entenderam que, além da violência, ocorria a organização popular e a luta da população, dos estudantes contra a ditadura e a violência que sofriam. Mesmo com a opressão, alguns setores da sociedade passaram a criticar, enfrentar e protestar com o Regime Militar no Brasil, entre eles intelectuais, artistas, estudantes e a população de maneira geral. As manifestações ocorriam em diversos estados brasileiros, pedindo o fim da daquele tipo de governo, o direito ao voto, entre outras coisas. Alguns escritos disseram que a luta se caracterizava por uma tentativa de conquista de direito por parte dos estudantes.

É interessante notar que os estudantes entendem as manifestações e os protestos como uma forma organizada de luta contra aquilo que se considera equivocado ou não representativo da vontade da maioria. Naqueles a mídia atacava ferozmente e criminaliza os movimentos sociais os classificando como vândalos, arruaceiros e terroristas, é importante notar que alguns estudantes não compartilham dessas opiniões generalizadas e muitas vezes incompatíveis com acontecimentos reais.

TABELA 57 VII- Exceções TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Fuga total do tema	17,20%	10-L.-F “Uma pesquisa para saber a opinião de cada aluno, ou qualquer outra pessoa sobre

		determinado assunto pedido.” 11-L.C.-F “Idem.” 12-L.G.-F “Idem”. 19-T.S.-F “vandalismo trata-se da violência ocorrida nas escolas.” 29-W.N.-M “É para saber a opinião de cada pessoa.”
Não discutiu o conceito de violência ou outro elemento apresentado nos documentos	3,44%	22-F.G.T.-M “...tratam dos elementos que ocorreram durante o período do Regime Militar.”

TABELA 58		
VII- Exceções		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Foram considerados como exceção, neste caso, aqueles que fugiram totalmente do tema proposto ou que apesar de se remeterem aos documentos, não discutiram o conceito de violência, nem outros relacionados ao Regime Militar brasileiro.

TABELA 59

5. É possível perceber semelhanças entre os documentos 1 e 2? Quais?		N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII
		1	M	F		X					
		2	M	F			X				
Dados gerais de classificação	I- Tortura	3	M	F	X						
		4	M	F	X		X				
	II- Outras formas de violência física	5	M	F		X					
		6	M	F						X	
N: Número	III- Violência contra a oposição	7	M	F			X				
		8	M	F		X					
T: Turma	IV- Violência contra a população	9	M	F	X						
		10	M	F	X	X	X				
G: Gênero	V- Crítica ao documento	11	M	F	X	X	X				
		12	M	F		X					
	VI- Não há semelhanças	13	M	F	X	X					
		14	M	F	X						
	VII- Exceções	15	M	F	-	-	-	-	-	-	X
		16	M	F	X						
- : Não respondeu		17	M	F	X	X					
		18	M	F	X						
		19	M	F							X
		20	M	M		X	X				
		21	M	M					X		
		22	M	M			X	X			
		23	M	M		X					
		24	M	M	X	X					
		25	M	M			X				
		26	M	M	X	X	X				
		27	M	M		X					
		28	M	M	X						
		29	M	M	X	X					
		30	N	F		X					
		31	N	F		X					
		32	N	F	X	X	X				
		33	N	M		X					
		34	N	M		X	X				
		35	N	M		X					
		36	N	M	X	X					
		37	N	M	X	X	X	X			
		38	N	M		X					
		39	N	M		X					

TABELA 60				
Existência de relações entre os documentos 1 e 2				
	Matutino		Noturno	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
SIM	27	93,12%	10	100%
NÃO	1	3,44%	0	0%

TABELA 61		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Tortura	14	48,16%
II- Outras formas de violência física	14	48,16%
III- Violência contra a oposição	9	30,96%
IV- Violência contra a população	1	3,44%
V- Crítica ao documento	1	3,44%
VI- Não há semelhanças	1	3,44%
VII- Exceções	2	6,88%

TABELA 62		
TURMA N		
Categorias	Quantidade	%
I- Tortura	3	30%
II- Outras formas de violência física	10	10%
III- Violência contra a oposição	3	30%
IV- Violência contra a população	1	10%
V- Crítica ao documento	0	0%
VI- Não há semelhanças	0	0%
VII- Exceções	1	0%

TABELA 63		
I- Tortura		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Tortura	17,20%	9-K.C.-F “...as torturas.” 10-L.-F “Os dois trataram sobre... tortura...” 11-L.C.-F “Os dois tratam sobre... tortura...” 13-L.S.-F

		<p>“...os dois tratam de... tortura.” 26-M.A.C.-M “...muitas vezes era utilizada a violência física, na qual havia tortura...”</p>
A tortura como uma manifestação da violência	3,44%	<p>24-J.P.-M “... a questão da violência como...torturas.”</p>
Formas, métodos e instrumentos de tortura	17,20%	<p>18-T.D.S-F “...relatam como e as formas como as pessoas foram torturadas durante o regime militar.” 14-M.C.A.-F “...ambos falam das formas e como as pessoas foram torturadas durante o Regime Militar.” 16-M.-F “...a forma em que eles eram torturados e os objetos utilizados na tortura.” 28-R.T.-M “...apresenta exemplos de tortura realizadas na ditadura militar...” 26-M.A.C.-M “...a violência psicológica era usada para assustar e reprimir, caso alguém persistisse, era aplicada a violência física.”</p>
Tortura no Regime Militar brasileiro	10,32%	<p>4-D.P.S.-F “...falam sobre as torturas... acontecidas no período da ditadura.” 17-N.C.S.R.-F “...os dois tratam... da tortura na época da ditadura...” 29-W.N.-M “Os dois fala sobre o Regime Militar, tortura...”</p>

--	--	--

TABELA 64		
I- Tortura		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Tortura	20%	37-G.B.-M “...tortura.” 32-M.M.-F “...foram... torturados...”
Tortura nos interrogatórios	10%	36- E.Z.-M “...tortura nos interrogatórios do Regime Militar.”

O termo tortura apareceu com frequência nos escritos dos estudantes, semelhantes aos documentos 1 e 2, tanto do matutino quanto do noturno. O termo foi indicado como relacionado à violência, a existência de diversos métodos e formas para sua execução, a sua ocorrência no Regime Militar brasileiro e sua utilização nos interrogatórios.

De forma geral, a tortura é apenas citada no documento 1, pois seu enfoque são as manifestações contrárias ao governo e a repressão que se seguiu, enquanto no documento 2 temos um relato de sua ocorrência contra um advogado. Ambos os documentos são do mesmo período e talvez os estudantes podem ter inferido que as informações presentes em um dos documentos também seriam válidas para o outro, preferindo se direcionar ao documento 2.

TABELA 65		
II- Outras formas de violência física		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência	13.76%	23-G.C.-M “...as relações são as mesmas nos dois à violência.” 13-L.S.-F “...os dois tratam de violência...” 5-G.C.-F “..Eles falam da violência de uma forma bem parecida.” 27-M.M.R.-M “...falam da violência ocorrida no regime militar.”
Espancamento	13,76%	24-J.P.-M “...a questão da violência como espancamentos...” 20-D.M.C.A.-M “...o espancamento... encontrado neles.” 12-L.G.-F “...os dois textos relatam pessoas espancando as outras...” 3-D.P.S.-F “...os dois retratam espancamento.”
Assassinatos	13,76%	10-L.-F “Os dois tratam sobre tortura...e até a morte.” 11-L.C.-F “Os dois tratam sobre violência... até a morte.” 29-W.N.-M “Os dois falam sobre... morte.” 26-M.A.C.-M “...muitas vezes era utilizada a violência física, na qual havia... morte...”

Massacres	6,88%	17-N.C.S.R.-F “...eles massacravam as pessoas sem piedade.” 13-L.S.-F “...massacre de pessoas da época da ditadura.”
Violência semelhante, em cenários diferentes	6,88%	1-A.F.-F “...ambos retratam a violência, embora em cenários diferentes as formas de agredir muitas vezes são semelhantes.” 8-K.A.-F “...apesar de em cenários diferentes, ambos retratam a violência.”

TABELA 66

II- Outras formas de violência física

TURMA N

Subcategoria	%	Sujeitos
Violência física	20%	33-D.B.-M “...os dois retratam sobre a violência... física.” 36- E.Z.-M “...violência física...”
Espancamento	20%	34-E.-M “...Sofreu espancamento.” 32-M.M.-F “...sofreu espancamento com cassetete...”
Assassinato	20%	34-E.-M “... muitos foram...mortos...” 32-M.M.-F “...foram... torturados... até a morte...”
Agressão	20%	30-A.C.L.M “...os dois documentos retratam... agressões.” 37-G.B.-M “... agressões a populações...”

Violência não especificada	40%	35-E.S.-M “...os dois documentos se trata quase do mesmo assunto, falando de violência.” 38-P.P.S.-M “...a violência ocorrida.” 30-A.C.L.M “... os dois documentos retratam violência...” 31-J.-F “... a violência está presente em ambos casos.”
Violência policial	10%	39-W.D.-M “... o 1 e o 2 os guardas ou policiais batiam nas pessoas.”

Os escritos agrupados nesta categoria apresentam formas de violência que dentro de certas perspectivas podem ser consideradas presentes em ambos os documentos. A violência é uma relação óbvia e apontada pelos estudantes. Os estudantes referiam-se à violência presente nos documentos, a partir das diversas manifestações que ela assumiu nos eventos que são retratados nos documentos, como espancamento, assassinato, massacre, agressão, entre outros. Poucos foram os estudantes que se referiam a ela de forma genérica.

De maneira geral, os estudantes parecem ter percebido de que a violência em muitas formas, tipos e manifestações estava constantemente presente no período do Regime Militar no Brasil, sendo usadas constantemente para calar a oposição e garantir os interesses de quem estava no poder.

Uma estudante tratou das semelhanças entre os documentos dizendo que apesar de ocorrerem em espaços diferentes, as formas de agredir são parecidas. É possível que a estudante tenha entendido a violência apresentada no documento 2 como agressão ou espancamento e dessa forma tê-la associado à repressão violenta que aparece no documento 1.

TABELA 67		
III- Violência contra a oposição		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Agressão à oposição	6,88%	25-J.F.F.-M “...agressões contra os manifestantes, que eram contra a ditadura militar.” 7-J.J.B.-F “...Os dois textos falam das agressões sofridas pelos opositores do governo.”
Repressão	20,64%	4-D.P.S.-F “..repressões acontecidas no período da ditadura. 20-D.M.C.A.-M “...a repressão encontradas neles.” 7-J.J.B.-F “...se referem ao período da ditadura militar, principalmente ao período mais repressor (após o AI-5)...” 10-L.-F “Os dois trataram sobre... prisão...” 11-L.C.-F “Os dois tratam sobre... prisão.” 26-M.A.C.-M “...a violência psicológica era usada para assustar e reprimir...”
Outras formas de violência contra a oposição	6,88%	2-A.P.A.P.-F “...a mutilação do Regime Militar em relação aos que não estavam de acordo com o mesmo.” 26-M.A.C.-M “..a violência era utilizada para combater os opositores...”

TABELA 68		
III- Violência contra a oposição		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Repressão contra a oposição	10%	34-E.-M “São líderes estudantis e partidários foram perseguidos, muitos foram presos...”
Perseguição e prisão	20%	32-M.M.-F “...foram perseguidos muitos foram presos...” 37-G.B.-M “...apreensões...”
Tortura contra a oposição	10%	34-E.-M “...líderes estudantis e partidários foram... torturados...”

TABELA 69		
IV- Violência contra a população		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Relação entre polícia e população	3,44%	22-F.G.T.-M “...os dois retratam a polícia frente a população.”

TABELA 70		
IV- Violência contra a população		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Agressão	10%	37-G.B.-M ...agressões a populações..."

Uma parcela significativa de estudantes, tanto do matutino quanto do noturno, apontaram semelhanças entre os dois documentos, entendendo que a violência em todas as formas apresentadas é praticada contra um alvo específico: a oposição. Incluímos a categoria relacionada à “violência contra a população”, pois apesar das distinções entre população e oposição, consideramos no caso dos escritos dos estudantes, como tendo o mesmo sentido e significado.

Dentro de regimes autoritários e sem participação popular, a violência tem finalidade específica: fortalecer o governo, incutir medo na população e reprimir a oposição. Essa finalidade parece estar presente na construção dos escritos dos estudantes alocados nessa categoria.

O Regime Militar no Brasil conseguiu chegar ao poder instaurando um golpe do qual fizeram parte alguns setores da sociedade civil. E uma das estratégias para permanência no poder foi a utilização da “violência”.

TABELA 71		
V- Crítica ao documento		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Dúvida	3,44%	21-E.P.N-M “Sim. Pois o texto 2 trata de um

		ato de violência que ocorreu supostamente no Regime Militar.”
--	--	---

TABELA 72		
V- Crítica ao documento		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Um estudante apresentou uma visão interessante em relação aos documentos. Pela maneira como a frase foi escrita, subentende-se que o estudante tomou como verdadeiro o fato de que o documento 1 tratava de uma formas de violência ocorridas no Regime Militar brasileiro. Quando analisa o documento 2, o estudante duvida e questiona se o que está representado ali realmente faz parte do Regime Militar no Brasil.

Assim, ao dizer que tal ato de violência supostamente ocorreu no período em questão, o estudante entende que a relação entre os dois documentos que para ele é a violência. Entretanto, tal relação só é possível se a violência retratada no documento 2 realmente tiver ocorrido durante o Regime Militar brasileiro.

Sabemos que atualmente alguns movimentos e setores sociais se esforçam por relativizar ou até mesmo minimizar a violência ocorrida durante o Regime Militar brasileiro. Não sabemos se o estudante ao usar a palavra “supostamente”, quis deixar subentendido que do seu ponto de vista há um exagero no que diz respeito à violência creditada ao Regime Militar no Brasil. É uma possibilidade, assim como a apresentada no parágrafo anterior.

TABELA 73		
VI- Não foram percebidas semelhanças entre os documentos		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência contra alvos diferentes	3,44%M.	6-G.M.-F “Não, pois o documento um se trata de um grupo e estudantes, e o documento dois já é de uma pessoa que sofreu espancamento.”

TABELA 74		
VI- Não foram percebidas semelhanças entre os documentos		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não há incidência		

De todos os 39 estudantes participantes da pesquisa, apenas uma não viu relações ou semelhanças entre os documentos 1 e 2. Para a estudante, não é possível estabelecer relações devido ao fato de que em cada um dos documentos a violência ser direcionada a um alvo diferente.

TABELA 75		
VII- Exceções		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Fuga do tema	3,44%	19-T.S.-F “...ambos estão relacionados a escola.”
Não respondeu	3,44%	15-M.F.O.-F

TABELA 76		
VII- Exceções		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não há incidência		

Como exceções foram considerados os escritos que não se ativeram ao que foi proposto e não se remeteram aos documentos históricos. Também aqueles que não responderam as questões.

A questão 3, a seguir, apresentava diversos questionamentos. Por isso, organizamos as categorias e subcategorias a partir de cada um desses questionamentos. As categorias e subcategorias abaixo apresentam os elementos reconhecidos e percebidos pelos estudantes no documento 3.

TABELA 78		
ELEMENTOS PERCEBIDOS NO DOCUMENTO 3		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Luta contra o Regime Militar brasileiro	12	41,28%
II- Violência contra a oposição	17	58,48%
III- Violência física	1	3,44%
IV- Afronta à lei	0	0%
V- Violência contra a liberdade individual	0	0%
VI- Exceções	0	0%

TABELA 79		
ELEMENTOS PERCEBIDOS NO DOCUMENTO 3		
TURMA N		
Categorias	Quantidade	%
I- Luta contra o Regime Militar brasileiro	4	40%
II- Violência contra a oposição	2	20%
III- Violência física	4	40%
IV- Afronta à lei	1	10%
V- Violência contra a liberdade individual	2	20%
VI- Exceções	2	20%

TABELA 80		
I- Luta contra o Regime Militar brasileiro		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Manifestações estudantis	27,52%	1-A.F.-F "O documento 3 retrata os manifestos dos opositores em especial os

		<p>estudantes...” 8-K.A.-F “No documento 3 os protestos dos estudantes opositores...” 25-J.F.F.-M “Na imagem do documento 3 mostra as manifestações estudantis contra a ditadura...” 2-A.P.A.P.-F “O documento 3 retrata a luta dos estudantes contra o regime militar no Rio de Janeiro...” 23-G.C.-M “...No documento 3 mostra manifestações de alunos que pretendem lutar por seus direitos...” 26-M.A.C.-M “O documento 3 mostra a coragem e o desejo de acabar com a ditadura... principalmente por parte dos estudantes...” 12-L.G.-F “...alunos fazendo manifestações na época do regime.” 20-D.M.C.A.-M “...estudantes insistindo na luta contra a ditadura...”</p>
Manifestações	6,88%	<p>7-J.J.B.-F “No documento 3 está representa as manifestações nas ruas durante o período militar...” 28-R.T.-M “...as manifestações realizadas.”</p>
Revolta estudantil	3,44%	<p>16-M.-F “As imagens mostram a revolta dos estudantes contra os militares...”</p>
Protestos da população	3,44%	<p>22-F.G.T.-M “No documento 3 protestos da população...”</p>

TABELA 81

I- Luta contra o Regime Militar brasileiro

TURMA N

Subcategoria	%	Sujeitos
Luta pelos direitos do povo	10%	36- E.Z.-M “...em um mostra a notícia da luta pelos direitos do povo...”
Luta estudantil	20%	33-D.B.-M “Os estudantes protestam... para conseguir seus direitos... de estudantes.” 35-E.S.-M “No documento 3 mostra um jornal falando a luta dos estudantes no Rio...”
Protesto de professores contra a ditadura	10%	32-M.M.-F “...protesto contra ditadura paralisa professores...”

Apesar das diferentes formas das quais os estudantes se utilizaram para descrever o que aparecia no documento 3, é possível dizer que há um consenso entre os estudantes inseridos nessa categoria de que a população estava lutando, seja contra o Regime Militar brasileiro ou buscando direitos que foram negados.

Entre os estudantes do matutino, palavras relacionadas à “manifestação” aparecem com frequência, enquanto entre os do noturno, verifica-se mais a presença de palavras como “direitos” e “luta”. Mesmo com essa diferenciação, ao analisar os escritos dos estudantes, percebe-se que eles entenderam que se trata de uma luta da população, seja de grupos estudantis, de grupos da oposição ou do povo, em seu sentido geral. Essa luta contra o Regime Militar no Brasil ou por direitos acontece, e isso foi percebido pelos estudantes dos dois períodos, mesmo que não fique explícito em seus escritos na forma de protestos e manifestações.

TABELA 82

II- Violência contra a oposição

TURMA M

Subcategorias	%	Sujeitos
Contenção aos protestos	30,96%	<p>22-F.G.T.-M “No documento 3 protestos... sendo contidos pelos militares... Esses manifestantes eram reprimidos...”</p> <p>14-M.C.A.-F “Na imagem 3 mostra a forma que os policiais lidaram com os protestos, com muita violência...”</p> <p>7-J.J.B.-F “No documento 3 está representada as manifestações nas ruas... e como eram reprimidos os opositores...”</p> <p>18-T.D.S-F “Na imagem 3 mostra a forma com que os policiais lidavam com os protestantes, usando a violência...”</p> <p>20-D.M.C.A.-M “...estudantes insistindo na luta contra a ditadura e tendo a repressão dos militares contra eles...”</p> <p>4-D.P.S.-F “Na imagem 3 são as agressões contra os protestantes...”</p> <p>5-G.C.-F “...Na imagem 3 é a agressão contra os protestantes...”</p> <p>11-L.C.-F “Violência... que os jovens sofriam na época do Regime Militar, por fazer manifestação.”</p> <p>29-W.N.-M “Os alunos sofriam violência por fazer manifestações.”</p>
Violência contra os estudantes	13,76%	<p>24-J.P.-M “Violência... contra os estudantes...”</p> <p>15-M.F.O.-F</p>

		<p>“...estudantes sendo violentados.” 27-M.M.R.-M “Representa a violência que os jovens sofreram no regime militar.” 10-L.-F “Violência... que jovens sofriam na época do Regime Militar.”</p>
Espancamento contra estudantes	10,32%	<p>13-L.S.-F “No 3 mostra estudantes sendo espancados...” 17-N.C.S.R.-F “Na primeira, mostra estudantes sendo espancados por uma força maior...” 20-D.M.C.A.-M “...espancamentos, estudantes insistindo na luta...”</p>
Violência policial	13,76%	<p>13-L.S.-F “...estudantes sendo espancados por forças militares...” 18-T.D.S-F “Na imagem 3 mostra a forma com que os policiais lidavam com os protestantes, usando a violência...” 14-M.C.A.-F “Na imagem 3 mostra a forma que os policiais lidaram com os protestos, com muita violência...” 12-L.G.-F “...policiais batendo nos cidadãos...”</p>
Repressão	3,44%	<p>9-K.C-F “Período do regime militar e opressão.”</p>

TABELA 83

II- Violência contra a oposição

TURMA N

Subcategoria	%	Sujeitos
Contenção dos protestos e repressão aos cidadãos	20%	33-D.B.-M “Os estudantes protestam, sofrem vários tipos de violência...” 38-38-P.P.S.-M “...repressão contra os cidadãos.”

Na perspectiva da violência contra a oposição aparecem desde a contenção dos protestos até a violência física. É fato, nos governos autoritários as manifestações e os protestos são violentamente reprimidas, pois ao demonstrar descontentamento, crítica ou indignação frente a certas atitudes ou práticas do governo há uma desestruturação das relações que foram estabelecidas ou que se tentava estabelecer. Também tais manifestações davam visibilidade as práticas do governo consideradas como ilegais ou repressoras, e por isso havia a necessidade de contenção, na forma de violência física, agressões, espancamentos e prisões.

TABELA 84**III- Violência física****TURMA M**

Subcategoria	%	Sujeitos
Violência e agressão	3,44%	6-G.M.-F “...está sendo apresentado as agressões...”

TABELA 85**III-Violência física****TURMA N**

Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não	30%	36- E.Z.-M “Violência...”

especificada		32-M.M.-F “...violência...” 38-P.P.S.-M “Violência...”
Espancamento	10%	31-J.-F “Ambos os quadros apresentam uma série de violência, espancamentos.”

Em relação à violência física utilizada pelos militares contra a oposição, como o espancamento e agressão apontados por alguns estudantes, para a contenção dos protestos, nos interrogatórios, na detenção de suspeitos e outras circunstâncias, pode-se dizer que era uma prática frequente.

TABELA 86		
IV- Afronta à lei		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 87		
IV- Afronta à lei		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Estudantes desafiando a lei	10%	39-W.D.-M “No três os estudantes querendo brigar com a leis...”

Apenas um estudante do período noturno declarou-se favorável à violência utilizada pelos militares contra os manifestantes, pois os estudantes estavam descumprindo e desafiando as leis estabelecidas. Dessa forma, o estudante considera os protestos ilegais e deveriam ser proibidos.

Podemos apresentar algumas hipóteses para a explicação deste posicionamento. A primeira delas é que o estudante não compreende que uma manifestação ou protesto é uma caminho bastante viável para demonstrar indignação, descontentamento e desejo de mudança, e por isso a considera como uma bagunça, devendo ser controlada. A segunda hipótese é a de que o estudante pode ter tomado conhecimento das manifestações ocorridas no Brasil nos anos de 2013 e 2014, em que diversas agências bancárias foram destruídas, carros e ônibus incendiados, entre outras formas de protesto violento e ter associado aos protestos apresentados no documento 3. Assim, o aluno pode entender a importância das manifestações pacíficas, mas condena práticas de depredação em seu interior. A terceira hipótese é a de que o estudante considera os protestos como ilegítimos, acreditando que existam outras formas de se lutar por direitos.

TABELA 88		
V- Violência contra a liberdade individual		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 89		
V- Violência contra a liberdade individual		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos

Ausência do direito à expressão	10%	37-G.B.-M “Fala sobre a lei militarista em represália a população sem o direito de se espresar sobre o governo.
---------------------------------	-----	--

Um estudante do noturno apontou aspectos interessantes sobre o Regime Militar brasileiro e os fatos tratados no documento 3. Primeiramente, o estudante reconheceu que o governo estabeleceu leis que proibiam e negavam o direito de expressão à população, mas que mesmo proibidos de se expressar as pessoas foram às ruas em protesto. A repressão às manifestações que o estudante classificou de represálias, é baseada na legislação proibitória em relação à expressão de pensamento e de manifestação. Sendo assim, o estudante contemplou em seus escritos uma visão mais ou menos abrangente de como ocorria as relações entre governo e população durante o Regime Militar no Brasil.

TABELA 90		
VI- Exceções		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 91		
VI- Exceções		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não tratou do documento 3	10%	30-A.C.L.M

Não respondeu	10%	34-E.-M
---------------	-----	---------

Nesta categoria, inserimos dois do noturno. A primeira reportou-se somente documento 4, e o segundo não respondeu a

estudantes ao questão.

N	T	G	I	II	III	IV
1	M	F	X			
2	M	F	X			
3	M	F	X			
4	M	F	X			
5	M	F				X
6	M	F				X
7	M	F	X			
8	M	F	X			
9	M	F				X
10	M	F	X			
11	M	F	X			
12	M	F	X	X		
13	M	F	X			
14	M	M	X	X		
15	M	M	X			
16	M	M		X		X
17	M	M	X	X		
18	M	M	X			X
19	M	F	-	-	-	X
20	M	M	X			
21	M	M	X	X		
22	M	M	X			X
23	M	M		X		X
24	M	M	X		X	
36	N	M	X			
37	N	M	X			
38	N	M				
39	N	M				

TABELA 192

6. Em relação aos documentos 3 e 4, o que está sendo apresentado em cada imagem? O que tais acontecimentos significavam no período em que aconteceram?	
Elementos reconhecidos e percebidos no documento 4	
Dados gerais de classificação	
N: Número	I- Tortura
T: Turma	II- Violência
G: Gênero	III- Aplicação da lei
	IV- Exceções

As categorias e subcategorias abaixo tratam dos elementos percebidos em relação ao documento 4.

TABELA 93		
DOCUMENTO 4		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Tortura	21	72,24%
II- Violência	2	6,88%
III- Aplicação da lei	0	0%
IV- Exceções	6	20,64%

I- Tortura	4	40%
TABELA 94		
II- Violência	4	40%
DOCUMENTO 4		
III- Aplicação da lei	1	10%
TURMA N		
IV- Exceções	3	20%
Categorias	Quantidade	%

TABELA 95		
I- Tortura		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Tortura	17,20%	15-M.F.O.-F "...pessoas sendo torturadas." 12-L.G.-F "Pessoas torturando outras..." 20-D.M.C.A.-M "Tortura..." 21-E.P.N-M "As torturas ocorridas durante a ditadura militar..." 3-D.C.S.-F "As duas imagens representam torturas ocorridas aqui no Brasil."
Tortura à oposição	24,08%	1-A.F.-F "...documento 4 mostra a tortura a esses opositores." 8-K.A.-F "...No 4 as torturas realizadas a esses opositores..." 4-D.P.S.-F "...Na imagem 4 são as torturas que os militares faziam contra quem era contrário ao regime..." 25-J.F.F.-M "...na imagem do documento 4 mostra a tortura contra os manifestantes..." 7-J.J.B.-F "...Na figura 4 está mostrados

		<p>as torturas sofridas pelos que eram contra o governo militar...”</p> <p>11-L.C.-F</p> <p>“...tortura que jovens sofriam...”</p> <p>26-M.A.C.-M</p> <p>“...O documento 4 mostra os riscos e a consequência de luta naquele momento... que levou a violência física a muitas pessoas.”</p>
Tortura contra os estudantes	10,32%	<p>24-J.P.-M</p> <p>“...tortura contra os estudantes...”</p> <p>28-R.T.-M</p> <p>“São jornais representando a tortura que os estudantes sofriam como forma de punimento...”</p> <p>10-L.-F</p> <p>“...tortura que jovens sofriam na época do Regime Militar.”</p>
Tortura com a finalidade de delação	3,44%	<p>4-D.P.S.-F</p> <p>“...Na imagem 4 são as torturas que os militares faziam... denunciar (delatar) outros integrantes dos grupos protestantes.”</p>
Formas e métodos de tortura	17,20%	<p>22-F.G.T.-M</p> <p>“... no documento 4 as formas, algumas delas, que haviam de se torturar... Esses manifestantes... eram torturados.”</p> <p>2-A.P.A.P.-F</p> <p>“...O documento, mostra as formas de tortura utilizadas no período.”</p> <p>14-M.C.A.-F</p> <p>“...Já no 4 mostra uma forma de tortura.”</p> <p>7-J.J.B.-F</p>

		<p>“... no caso aparece a figura de um pau-de-arara.” 18-T.D.S-F “...na 4 mostra uma das torturas.”</p>
Existência de uma forma brasileira de se torturar	6,88%	<p>13-L.S.-F “...na segunda relata a tortura brasileira...” 17-N.C.S.R.-F “...Na segunda relata a tortura brasileira, onde todas as pessoas estão sendo torturadas da mesma forma.”</p>

TABELA 96 I- Tortura TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Tortura	20%	<p>30-A.C.L.M “Apresentam torturas, eles não eram pessoas pacíficas, resolviam tudo na brutalidade, até ver sangue, ver sofrendo.” 32-M.M.-F “tortura...”</p>
Formas e métodos de tortura	10%	<p>36- E.Z.-M “...na outra imagem mostra uma pessoa sendo torturada por um dos métodos aplicados no regime.”</p>
Tortura contra presos	10%	<p>32-M.M.-F “...presos são torturados...”</p>
Existência de uma forma brasileira de tortura	10%	<p>35-E.S.-M “...no documento 4 mostra outro jornal mas fala sobre tortura brasileira.”</p>

A categoria “tortura” caracterizou-se pela diversidade. Diversas formas foram reconhecidas pelos estudantes no documento 4. Desde as formas e métodos pelas quais eram realizadas e contra quem era direcionada e quais os seus propósitos fundamentais.

Os estudantes do noturno e do matutino concordaram ao reconhecer a existência de diversas formas e métodos de tortura e que o “pau-de-arara” apresentado no documento 4 era apenas uma dessas formas e métodos.

A tortura aparece também, de acordo com os escritos dos estudantes do matutino, como uma estratégia de combate à oposição. Na visão do estudante, a tortura facilitava a delação dos indivíduos pertencentes aos grupos opositores. Há uma concordância entre os estudantes dos dois períodos de que uma forma brasileira de se torturar é a que aparece no documento 4. Pode-se dizer que houve uma associação entre o título do documento, “Tortura à brasileira”, com a imagem que segue logo abaixo do título. É evidente que havia diversos métodos de tortura, como apresentado por outros estudantes, entretanto, alguns estudantes parecem ter entendido que o “pau-de-arara” era a única forma de tortura no Brasil da época do Regime Militar.

TABELA 97		
II- Violência		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência contra os jovens	6,88%	27-M.M.R.-M “Representa a violência que os jovens sofreram no regime militar.” 29-W.N.-M “Os alunos sofriam violência por fazer manifestações.”

TABELA 98		
II- Violência		

TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada	20%	36- E.Z.-M “Violência...” 38-P.P.S.-M “Violência...”
Violência contra presos	10%	32-M.M.-F “...presos são... violentados”
Espancamento	10%	31-J.-F “...apresentam uma série de... espancamentos.”

A “violência”, de forma geral ou na forma de espancamentos também apareceu nos escritos dos estudantes. O documento 4 foi considerado pelos estudantes do matutino como uma forma de violência aplicada aos jovens e estudantes durante o Regime Militar no Brasil. Um estudante considera também essa violência como uma consequência do envolvimento nos protestos e nas manifestações. Aparentemente, o estudante entende a severidade das leis existentes no período em relação às manifestações.

Os estudantes do noturno, apesar de alguns não especificarem que tipo de violência estavam reconhecendo no documento, sinalizaram a violência contra presos e na forma de espancamento. Em relação ao espancamento, sabemos que diversas formas de tortura utilizavam, como no pau-de-arara tratado no documento 4, agressões físicas. Dessa forma, algumas torturas se caracterizam pelo próprio desgaste físico de ser colocado em certas posições, como no pau-de-arara aliado às agressões físicas e aos espancamentos.

TABELA 99

III- Aplicação da lei

TURMA M

Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 100		
III- Aplicação da lei		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência policial justificada	10%	39-W.D.-M “... o 4 é os policiais aplicando a lei.”

O estudante do noturno foi bastante coeso ao afirmar sobre os documentos 3 e 4 que a lei estava sendo cumprida. Na ótica do estudante, mesmo que os policiais estejam em ambos os casos utilizando força física desnecessária, tal violência se justifica e se legitima, pois a lei foi descumprida.

TABELA 101		
IV- Exceções		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Tortura contra uma mulher brasileira	6,88%	5-G.C.-F “...Na imagem 4 a tortura contra uma brasileira...” 23-G.C.-M “...No documento 4 mostra tortura com uma brasileira, que deve estar sendo julgada por alguma coisa.”

Fuga do tema	3,44%	19-T.S.-F “O vandalismo e a agressão devido ao recesso das aulas os vândalos se manifestaram.”
Não trataram do documento	10,32%	6-G.M.-F 9-K.C-F 16-M.-F

TABELA 102**IV- Exceções****TURMA N**

Subcategorias	%	Sujeitos
Não tratou do documento 4	20%	33-D.B.-M 37-G.B.-M
Não respondeu	10%	34-E.-M

Em relação às exceções, dois estudantes do matutino não compreenderam corretamente o título do documento “Tortura à brasileira”. Eles entenderam como se uma cidadã brasileira estivesse sendo torturada, quando na verdade o título remete a uma modalidade brasileira de tortura. Os outros estudantes considerados como exceção, fugiram do tema proposto, não se referiram ao documento 4 ou não responderam.

TABELA 103

		N	T	G	I	II	III
6. Em relação aos documentos 3 e 4, o que está sendo apresentado em cada imagem? O que tais acontecimentos significavam no período em que aconteceram?		1	M	F	X		
		2	M	F			X
		3	M	F			X
		4	M	F			X
		5	M	F			X
		6	M	F			X
		7	M	F			X
		8	M	F	X	X	
		9	M	F			X
Plano de categorias relacionadas ao significado dos acontecimentos apresentados nos documentos		10	M	F			X
		11	M	F			X
		12	M	F			X
		13	M	F			X
		14	M	F			X
Dados gerais de classificação N: Número T: Turma G: Gênero	I- Relação entre governo, população e oposição II- Luta contra o Regime Militar brasileiro III- Exceções	15	M	F			X
		16	M	F	X		
17		M	F			X	
18		M	F			X	
19		M	F			X	
20		M	M	X		X	
21		M	M	X			
22		M	M			X	
23		M	M			X	
24		M	M		X		
25	M	M			X		
26	M	M		X			
27	M	M			X		
28	M	M			X		
29	M	M			X		
30	N	F	X				
31	N	F			X		
32	N	F			X		
33	N	M			X		
34	N	M			X		
35	N	M			X		
36	N	M			X		
37	N	M			X		
38	N	M			X		
39	N	M			X		

As categorias e subcategorias abaixo abordam a interpretação dos estudantes sobre o que os elementos apresentados pelos documentos 3 e 4 significavam no período do Regime Militar brasileiro.

TABELA 104		
SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO REGIME MILITAR BRASILEIRO		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Relação entre governo, população e oposição	5	17,20%%
II- Luta contra o Regime Militar	3	10,32%
III- Exceções	23	79,12%

TABELA 105		
SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NO REGIME MILITAR BRASILEIRO		
TURMA N		
Categorias	Quantidade	%
I- Relação entre governo, população e oposição	1	10%

TABELA 106 I- Relação entre governo, população e oposição TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeito
Autoritarismo do governo	6,88%	1-A.F.-F “...Tais acontecimentos significam o autoritarismo do governo...” 8-K.A.-F “...Essas imagens representam um governo autoritário...”
Repressão	6,88%	1-A.F.-F “...significam... repressão.” 21-E.P.N-M “...significam a repressão.”
Injustiça e insanidade	3,44%	20-D.M.C.A.-M “...Significa sobre... a ditadura... o quão injusta e insana ela era.”
Anormalidade da repressão	3,44%	16-M.-F “...Isso era símbolo de revolta, pois tal tipo de repressão não era muito comum naquela época.”

TABELA 107 I- Relação entre governo, população e oposição TURMA N		
Subcategorias	%	Sujeitos
Agressividade e brutalidade	10%	30-A.C.L.M.-F “...eles não eram pessoas pacíficas, resolviam tudo na brutalidade, ate ver sangue,

		ver sofrendo.”
--	--	----------------

Nesta terceira parte da questão 3, perguntamos aos estudantes quais elementos identificados nos documentos remetiam ao Regime Militar brasileiro. Uma parte dos estudantes indicou certas posturas do governo frente à população, por isso nomeamos de “relação entre governo, população e oposição.”

De maneira geral, os estudantes entenderam que os elementos tratados nos documentos funcionavam como contenção à oposição, no sentido de evitar a propagação de ideias contrárias ao regime. Caso essas ideias fossem levadas a público, como é o caso das manifestações populares e estudantis, os militares exerciam suas estratégias repressivas, demonstrando autoritarismo, agressividade e brutalidade. Esses elementos foram citados pelos estudantes.

É interessante notar que uma estudante declarou que a repressão militar não era uma prática comum no período, sendo esse o motivo que levou os estudantes à rua para protestarem.

Um estudante referiu-se ao Regime Militar brasileiro como “injusta e insana”, chamando-o de ditadura. Acreditamos que o estudante usou a palavra insana como um período da história do Brasil que fugia ao bom senso e à racionalidade, mencionado diversas vezes em sala de aula.

TABELA 108		
II- Luta contra o Regime Militar brasileiro		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Luta estudantil por direitos	3,44%	24-J.P.-M “...significa a incansável luta dos estudantes pelos seus direitos.”

Força da oposição	3,44%	8-K.A.-F “...Essas imagens representam... a força de oposição ao regime.”
A violência sofrida como um risco e possível consequência da luta	3,44%	26-M.A.C.-M “...O documento 4 mostra os riscos e a consequência de luta naquele momento... que levou a violência física a muitas pessoas.”

TABELA 109

II- Luta contra o Regime Militar brasileiro

TURMA N

Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Alguns estudantes entenderam a força da oposição na busca por seus direitos ou por mudanças políticas. É evidente que havia muitas dificuldades para manifestações durante o Regime Militar no Brasil, devido à rigidez das leis impostas e as estratégias de contenção de protestos e dos motins. A ocorrência dos protestos, mesmo com todas as proibições demonstra o forte descontentamento de alguns setores sociais, como citado pelos estudantes: “lutavam por seus direitos”. É possível que os estudantes tenham percebido este “enfrentamento” dos estudantes como uma atitude de força e resistência.

É importante notar também que um estudante considera a violência sofrida pelos estudantes como um risco que se corre ao participar de protestos e manifestações ou como uma consequência de sua participação. O estudante não parece ver os movimentos sociais como negativos, nem a violência como uma punição por tal ato. Entendemos que o estudante entendeu que a legislação vigente no Regime Militar brasileiro restringia

etentava extinguir as manifestações contrárias ao governo na forma de contenção e a violência era um dos riscos da luta.

TABELA 110		
III- Exceções		
TURMA M		
Subcategorias	%	Sujeitos
Respostas vagas	6,88%	20-D.M.C.A.-M “...Significa sobre a tortura e violência que ocorria durante a ditadura...” 25-J.F.F.-M “...significam os acontecimentos na época da Ditadura Militar.”
Não respondeu	82,56%	2-A.P.A.P.-F; 3-D.C.S.-F; 4-D.P.S.-F 5-G.C.-F; 6-G.M.-F; 7-J.J.B.-F; 9-K.C.-F; 10-L.-F; 11-L.C.-F; 12-L.G.-F 13-L.S.-F; 14-M.C.A.-F; 15-M.F.O.-F 17-N.C.S.R.-F; 18-T.D.S-F; 19-T.S.-F 22-F.G.T.-M; 23-G.C.-M; 24-J.P.-M 25-J.F.F.-M; 26-M.A.C.-M; 27-M.M.R.-M 28-R.T.-M; 29-W.N.-M

TABELA 111		
III- Exceções		
TURMA N		
Subcategorias	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Nesta categoria foram inseridos os escritos que não responderam ao solicitado u e também aqueles que não responderam nem mesmo parcialmente.

TABELA 112

7. Que relações podemos estabelecer entre os quatro documentos apresentados sobre o Regime Militar?		N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	
<p>Dados gerais de classificação</p> <p>I- Repressão</p> <p>II- Tortura</p> <p>III- Outras formas de violência física</p> <p>IV- Outras formas de violência</p> <p>V- Luta contra o Regime Militar brasileiro</p> <p>VI- Desacato à polícia</p> <p>VII- Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente</p> <p>VIII- Exceções</p> <p>N: Número</p> <p>T: Turma</p> <p>G: Gênero</p> <p>- : Não respondeu</p>		1	M	F	X								
		2	M	F	X	X							
		3	M	F		X							
		4	M	F		X	X						
		5	M	F		X							
		6	M	F				X	X				
		7	M	F	X	X		X					
		8	M	F	X	X							
		9	M	F		X		X					
		10	M	F		X							
		11	M	F		X		X					
		12	M	F	-	-	-	-				-	X
		13	M	F		X							
		14	M	F	X								
		15	M	F	-	-	-	-				-	X
		16	M	F		X		X					
		17	M	F		X		X				X	
		18	M	F	X								
		19	M	F	X								
		20	M	M	X		X						X
		21	M	M	X	X							
		22	M	M	X								
		23	M	M	X	X		X					
		24	M	M	X	X	X	X					
		25	M	M		X							
		26	M	M	X		X	X					
		27	M	M				X					
		28	M	M									X
		29	M	M		X							
		30	N	F				X					
		31	N	F					X				
		32	N	F				X	X				
		33	N	M						X			
		34	N	M	-	-	-	-	-	-	-	-	X
		35	N	M					X				
		36	N	M					X				
		37	N	M	X								
		38	N	M				X					
		39	N	M							X		

TABELA 113		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Repressão	13	44,72%
II- Tortura	17	58,48%
III- Outras formas de violência física	5	17,20%
IV- Outras formas de violência	10	34,40%
V- Luta contra o Regime Militar brasileiro	0	0%
VI- Desacato à policia	0	0%
VII- Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente	1	3,44%
VIII- Exceções	4	13,76%

IV- Outras formas de violência	TABELA 114	40%
V- Luta contra o Regime Militar brasileiro	TURMA N	10%
Categorias	Quantidade	%
VI- Desacato à policia	1	10%
I- Repressão	1	10%
VII- Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente	0	0%
II- Tortura	0	0%
III- Outras formas de violência física	4	30%
VIII- Exceções	1	10%

TABELA 115		
I-Repressão		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Repressão não especificada	3,44%	1-A.F.-F “Todos eles apresentam a repressão ao regime militar.”
Repressão como prática visível	3,44%	20-D.M.C.A.-M “...a repressão... era a mais visível da ditadura.”
Abuso de poder	3,44%	24-J.P-M “...pressão, abuso de poder...”
Relação repressora entre militares e população	10,32%	14-M.C.A.-F “Os documentos retratam a forma como as pessoas eram tratadas durante o regime.” 18-T.D.S-F “É relatado a forma com que as pessoas eram tratadas durante o regime.” 21-E.P.N.-M “Que todos ocorrem atos de... repressão dos militares contra a população.”
Repressão aos direitos e à liberdade individual e de expressão	13,76	26-M.A.C.-M “... repressão aos direitos civis...” 7-J.J.B.-F “...falta de liberdade desse período...” 26-M.A.C.-M “...não poderia haver liberdade de expressão...” 23-G.C.-M “...clandestinidade...”

Contenção às manifestações	6,88%	22-F.G.T.-M “A repressão dos militares sobre os manifestantes, os que eram contra.” 2-A.P.A.P.-F “Os 4 utilizam dois lados... a repressão aos estudantes.”
Perseguição	3,44%	8-K.A.-F “Que o governo da época... uma máquina de... perseguição.”
Censura	6,88%	20-D.M.C.A.-M “... a censura que lá tinha também...” 26-M.A.C.-M “...não poderia haver liberdade... de imprensa...”
Sequestro	3,44%	23-G.C.-M “...sequestros...”
A opressão como causa da violência	3,44%	19-T.S.-F “Ambos apresentam tipos de violência devido a opressão.”
Inversão da função do governo	3,44%	8-K.A.-F “Que o governo da época deixou de exercer sua função de proteção aos seus cidadãos, e tornou-se uma máquina de tortura e perseguição.”

TABELA 116

I- Repressão

TURMA N

Subcategoria	%	Sujeitos
Ausência de direitos e liberdade	10%	37-D.B.-M “É que o povo sofreu muito durante esse período sem o

		direito de votar e expressar.”
--	--	--------------------------------

Nesta categoria, os estudantes do noturno apresentaram uma ampla variedade de formas de repressão que aparecem nos quatro documentos presentes no instrumento. No noturno, apenas um estudante entendeu a repressão como uma relação possível entre os documentos.

Tais práticas vão desde as relações repressivas existentes entre Estado e população, até perseguições e sequestros. Uma estudante do matutino afirmou que o governo da época operou uma inversão de sua função. Para a estudante, a função do governo é a de proteger seus cidadãos, no entanto passou exercer função inversa: a perseguição, tortura, chegando a ser considerado como uma máquina de perseguir e torturar. Essa perspectiva vai de encontro a outros escritos dos estudantes que tratam da opressão, da ausência de liberdade e de direitos, a censura e a contenção aos protestos.

De forma geral, os estudantes entendem a repressão como prática frequente no Regime Militar brasileiro, uma repressão pensada, para calar e eliminar a oposição utilizando uma variedade de métodos e estratégias.

TABELA 117		
II- Tortura		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Tortura não especificada	17,20%	9-K.C-F “...tortura.” 24-J.P.-M “...a tortura...” 23-G.C.-M “Tortura...”

		<p>7-J.J.B.-F “os quatro documentos expressam a tortura...” 3-D.C.S.-F “Todos demonstram torturas.”</p>
Tortura à oposição	17,20%	<p>25-J.F.F.-M “...As torturas foram uma maneira de tentar calar os manifestantes.” 4-D.P.S.-F “Durante a ditadura militar os militares torturavam... todos que eram contra o regime por ele impostos.” 5-G.C.-F “Que todos que eram contra eles eram torturados.” 16-M.-F “Os quatro documentos se tratam da... tortura dos estudantes durante o Regime Militar.” 2-A.P.A.P.-F “Os 4 utilizam dois lados, a tortura... aos estudantes.”</p>
Tortura à população	3,44%	<p>21-E.P.N-M “Que todos ocorrem atos de tortura... dos militares contra a população.”</p>
Tortura como parte integrante do Regime Militar brasileiro	6,88%	<p>8-K.A.-F “Que o governo da época... tornou-se uma máquina de tortura...” 17-N.C.S.R.-F “...que a questão da tortura era quase o procedimento fundamental para conseguir algo que queriam...”</p>
Tortura para confissão e delação	13,76%	<p>10-L.-F “A tortura, utilizam este método para conseguirem as respostas que eles queriam.”</p>

		11-L.C.-F “A tortura, utilizavam este método para conseguirem as respostas que eles queriam.” 13-L.S.-F “... faziam torturas para conseguir informações o até mesmo falsos confesamentos.” 29-W.N.-M “Eles usavam tortura para conseguir resposta das pessoas que estavam contra eles.”
--	--	--

TABELA 118 II- Tortura TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

A tortura aparece ressurge dentro de uma nova categoria e questão. Na perspectiva dos estudantes, a tortura pode ser relacionada entre os quatro documentos. De forma geral, a tortura não é tratada nos quatro documentos. Ela é citada no 1 e tratada no 2 e no 3. Entretanto, os estudantes elencados nesta categoria estabeleceram que a tortura aparece em todos os documentos. Os estudantes podem tê-la considerado como violência e, portanto, tortura, a violência e a repressão utilizadas contra os protestos tratados nos documentos 1 e 3.

TABELA 119 III- Outras formas de violência física TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos

Agressão à oposição	3,44%	4-D.P.S.-F “Durante a ditadura militar os militares... agrediam todos que eram contra o regime por eles impostos.”
Agressão ocorrida no Regime Militar brasileiro	3,44%	20-D.M.C.A.-M “...tratam-se da ditadura, as agressões nela contidas...”
Espancamento	3,44%	6-G.M.-F “...espancamento...”
Assassinato	6,88%	24-J.P.-M “...mortes.” 26-M.A.C.-M “...práticas criminosas que levaram pessoas a morte...”

TABELA 120		
III- Outras formas de violência física		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência praticada por militares	10%	38-P.P.S.-M “A violência militar com as pessoas.”
Força física	10%	30-A.C.L.M “que usavam muito a força física.”
Massacre	10%	32-M.M.-F “Todos falam de... massacres.”
Brutalidade	10%	31-J.-F “Que baseavam-se em brutalidade sem um bom senso.”

Para alguns estudantes, outros tipos de violência física aparecem como relações entre os documentos. Algumas relações apresentadas, como “agressão à oposição”,

“violência praticada por militares” e “força física” são bastante abrangentes, sendo assim qualquer tipo de violência pode ser assim considerado.

Outras relações são mais específicas, como “espancamento”, “assassinato” e “massacre”. O espancamento pode ser considerado em todos os documentos, na medida que tais práticas eram frequentes durante os interrogatórios, pois funcionava como método de tortura levando inclusive à morte. Da mesma forma, “massacre” também aparece como relação possível entre os documentos. Os estudantes podem ter considerado que em todas as situações apresentadas pelos documentos, as vítimas da violência não possuíam meios de se protegerem dos militares, daí pode advir a relação estabelecida.

TABELA 121		
IV- Outras formas de violência		
TURMA M		
Subcategorias	%	Sujeitos
Violência não especificada	24,08%	9-K.C-F “violência...” 23-G.C.-M “...violência...” 6-G.M.-F “...violência.” 11-L.C.-F “... eram muito violentos...” 24-J.P.-M “Violência...” 26-M.A.C.-M “A violência por parte do estado...violência física...” 17-N.C.S.R.-F “...que realmente eram muito violentos...”
Violência moral e psicológica	3,44%	26-M.A.C.-M “...violência moral, psicológica...”

Violência contra os estudantes	3,44%	16-M.-F “Os quatro documentos se tratam da violência... dos estudantes...”
Desrespeito aos Direitos Humanos	3,44%	7-J.J.B.-F “...Esses documentos também mostram o desrespeito com os direitos humanos.”
Período de conflitos	6,88%	27-M.M.R.-M “Que foi uma época de conflito, entre jovens e militares.” 23-G.C.-M “...luta armada.”

TABELA 122		
IV- Outras formas de violência		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada	30%	35-E.S.-M “violência.” 32-M.M.-F “todos falam de violência...” 36- E.Z.-M “Violência de diversos tipos.”
Brutalidade	10%	

Consideramos “Outras formas de violência” os escritos que não especificaram quais tipos de violência foram percebidas como relação entre os documentos. De forma geral, as relações percebidas por estes estudantes estão vinculadas a práticas violentas, seja moral e psicológica contra estudantes, desrespeitando aos Direitos Humanos.

TABELA 123

V- Luta contra o Regime Militar brasileiro		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 124		
V- Luta contra o Regime Militar brasileiro		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Luta por direitos	10%	33-D.B.-M “...as pessoas procurando só seus direitos e lutando para conseguir alguma coisa na vida.”

Um estudante do noturno entendeu que os documentos demonstram a luta das pessoas por direitos que são seus. Segundo o estudante, esses direitos teriam por finalidade a melhoria das condições de vida dos cidadãos.

TABELA 125		
VI- Desacato à policia		
TABELA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 126		
VI- Desacato à policia		
TABELA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Afronta aos policiais	10%	39-W.D.-M “Estabelecer que eles queriam encarar os policiais e se fuderam (sic)”

Um estudante que já havia se manifestado favoravelmente à punição dos manifestantes, justificando que eles estavam realizando um ato ilegal e proibido, novamente se posicionou da mesma maneira. Para ele, os estudantes que protestavam, estavam “encarando” os policiais e por isso foram tratados com violência.

TABELA 127		
VII- Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Semelhança entre Regime Militar no Brasil e atualidade	3,44%	17-N.C.S.R.-F “...Hoje é quase parecido, a violência está estampada na cara da sociedade.”

TABELA 128		
VII- Relação entre a violência no Regime Militar no Brasil e a que ocorre atualmente		

TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Uma estudante do matutino relacionou o Regime Militar brasileiro ao período atual no qual vivemos. Para a estudante, assim como houve violência durante o Regime Militar no Brasil, ela também está presente nos dias atuais. Entretanto, a estudante não diz por quem a violência é utilizada. Durante o Regime Militar no Brasil fica evidente que a violência era usada majoritariamente pelos militares. No que se refere a atualidade, não é possível perceber por quem a violência é praticada. Entretanto, a estudante diz que “a violência está estampada na cara da sociedade”, o que nos permite concluir que de acordo com ela, a violência é um fenômeno recorrente em nossos dias.

TABELA 129		
VIII- Exceções		
TURMA M		
Subcategorias	%	Sujeitos
Se remeteram à ditadura, de forma vaga	6,88%	20-D.M.C.A.-M “Todos tratam-se sobre a ditadura...” 28-R.T.-M “Ambos estão relacionados aos acontecimentos que houveram a ditadura, seja querendo demonstrar os ocorridos, demonstrando o que era feito.”

TABELA 130		
VIII- Exceções		
TURMA N		

Subcategoria	%	Sujeitos
Não respondeu	10%	34-E.-M

Como exceção, consideramos os escritos que se referiram à ditadura, sem especificar de quais elementos estavam tratando e também como exceção quem deixou a questão em branco.

8. Qual o tema tratado nos documentos 5, 6, 7 e 8? Em seu cotidiano, você já presenciou algumas dessas situações?

Escritos referentes ao tema tratado

nos documentos	
Dados gerais de classificação	I- Violência não especificada ocorrida na escola
N: Número	II- Violência entre e contra os estudantes
T: Turma	III- Violência contra o patrimônio
G: Gênero	IV- Outras formas de violência
- : Não respondeu	V- Crime
	VI- Violência fora da escola
	VII- Exceções

TABELA 131

N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	M	F	X						
2	M	F	X		X				
3	M	F							X
4	M	F	X						
5	M	F	-		-	-	-	-	X
6	M	F				X			
7	M	F		X			X		
8	M	F	X						
9	M	F	-		-	-	-	-	X
10	M	F	X		X				
11	M	F	X		X				
12	M	F	-		-	-	-	-	X
13	M	F		X				X	
14	M	F	X						
15	M	F		X					
16	M	F				X			
17	M	F		X				X	
18	M	F	X						
19	M	F	X						
20	M	M				X			
21	M	M				X	X		
22	M	M	X						
23	M	M			X				
24	M	M	X						
25	M	M	X		X				
26	M	M	X						
27	M	M			X				
28	M	M				X			
29	M	M			X	X			
30	N	F	-		-	-	-	-	X
31	N	F	-		-	-	-	-	X
32	N	F				X			
33	N	M	-		-	-	-	-	X
34	N	M	-		-	-	-	-	X
35	N	M	X		X				
36	N	M				X			
37	N	M	-		-	-	-	-	X
38	N	M				X			
39	N	M					X		

TABELA 132		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência não especificada ocorrida na escola	17	58,48%
II- Violência entre e contra os estudantes	4	13,76%
III- Violência contra o patrimônio	7	24,08%
IV- Outras formas de violência	6	20,64%
V- Crime	2	6,88%
VI- Violência fora da escola	2	6,88%
VII- Exceções	4	13,76%

III- Outras formas de violência	TABELA 133	30%
IV- Crime	TURMA N¹	10%
V- Violência fora da escola	Quantidade	0%
VI- Exceções	0	0%
VI- Violência não especificada ocorrida na escola	1	10%
II- Violência entre e contra os estudantes	0	0%
II- Violência contra o patrimônio	1	10%

TABELA 134		
I- Violência não especificada ocorrida na escola		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada ocorrida na escola	48,16%	11-L.C.-F “Violência em escolas...” 10-L.-F “Violência em escolas...” 18-T.D.S-F “A violência nas escolas...” 26-M.A.C.-M “O tema apresentado nesses três documentos é a violência nas escolas...” 14-M.C.A.-F “Relata a violência que ocorre nas escolas...” 1-A.F.-F “Violência escolar.” 8-K.A.-F “A violência no ambiente escolar...” 22-F.G.T.-M “Violência nas escolas, instituições de ensino...” 4-D.P.S.-F “A violência nas escolas...” 2-A.P.A.P.-F “Sobre violência na escola...” 25-J.F.F.-M “Violência... nas escolas...” 19-T.S.-F “Violência que está ocorrendo nas escolas.” 15-M.F.O.-F “Sobre a violência nas escolas...” 24-J.P.-M “Violência nas escolas...”

TABELA 135		
I- Violência não especificada ocorrida na escola		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada ocorrida na escola	10%	35-E.S.-M “Violência na escolas...”

Uma grande parte dos estudantes relacionou os documentos à violência ocorrida na escola. Como foi perguntado somente o tema tratado nos documentos, uma grande parte dos estudantes parece ter entendido que não havia a necessidade de uma explicação ou uma descrição mais detalhada, o que não consideramos como incorreto. Provavelmente eles entendem que na escola existem diversos conflitos entre os estudantes e que devidos as mais variadas motivações, frequentemente práticas violentas ocorrem, seja na forma de agressão, bullying, brigas, entre outras formas. Assim, de forma geral, os estudantes desta categoria identificaram os temas tratados nos documentos, tanto escritos como iconográficos, como a violência que torna-se cada vez mais frequente e intensa.

TABELA 136		
II- Violência entre e contra os estudantes		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência e agressão	6,88%	15-M.F.O.-F “...violência entre os

entre estudantes		estudantes.” 7-J.J.B.-F “...agressão entre alunos...”
Agressão contra estudantes	6,88%	17-N.C.S.R.-F “...No documento 5 retrata agressões ocorridas com uma jovem de 13 anos...” 13-L.S.-F “...Retrata agressões ocorridas com um jovem...”

TABELA 137		
II- Violência entre e contra os estudantes		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Alguns estudantes identificaram o tema dos documentos, como sendo a violência ocorrida entre e contra os estudantes. Por violência, entendemos ser aquela que ocorre dentro do espaço escolar, entre estudantes da escola. Como violência contra os estudantes, também pode se incluir o primeiro caso, mas também inferimos que pode se tratar das agressões que são praticadas por pessoas fora daquele espaço escolar. Ou seja, ex-estudantes ou qualquer outra pessoa que, não sendo estudante, ou estudando em outra escola, invade o espaço escolar onde estuda um desafeto seu, com o objetivo de praticar algum ato violento.

O documentos 5 apresenta situação semelhante, em que uma estudante foi agredida na porta de sua escola, sendo que a agressora não pertencia aquela escola. Dessa forma, os estudantes podem ter feito algumas associações com eventos parecidos ocorridos em sua escola.

TABELA 138

III- Violência contra o patrimônio		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Vandalismo sem especificação	6,88%	23-G.C.-M “...vandalismo...” 29-W.N.-M “vandalismo...”
Depredação sem especificação	6,88%	2-A.P.A.P.-F “...depredação...” 23-G.C.-M “...depredações...”
Vandalismo ao patrimônio público	6,88%	10-L.-F “...vandalismo nos patrimônios públicos...” 11-L.C.-F “...vandalismos nos patrimônios públicos...”
Vandalismo contra o prédio da escola	6,88%	25-J.F.F.-M “...vandalismo nas escolas...” 27-M.M.R.-M “trata do vandalismo que ocorre nas escolas.”

TABELA 139		
III- Violência contra o patrimônio		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Vandalismo sem especificação	10%	35-E.S.-M “...fala sobre os vândalos.”

Alguns estudantes relacionaram os documentos ao vandalismo e a depredação que ocorre não somente nas escolas, mas também contra outros prédios públicos. Alguns não especificaram, mas acreditamos que estivessem se referindo à escola.

É inegável que inúmeras escolas sofreram e ainda sofrem com problemas advindos do vandalismo e da depredação. Carteiras, cadeiras e ventiladores quebrados, paredes pichadas, banheiros que necessitam ser limpos a todo instante. Podemos expandir a lista das práticas de vandalismo e depredação ao falar de carros de professores e funcionários sendo riscados, pneus furados ou murchos, vidros quebrados, entre outras formas de vandalismo que ocorrem dentro do espaço escolar.

TABELA 140		
IV- Outras formas de violência		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada	13,76%	6-G.M.-F “As violências...” 20-D.M.C.A.-M “violência...” 21-E.P.N-M “A violência...” 29-W.N.-M “...violência...”
Agressão não especificada	6,88%	6-G.M.-F “...agressões...” 28-R.T.-M “Agressões...”
Preconceito	3,44%	16-M.-F “...preconceito que muitos estudantes sofrem ainda jovens na escola...”

TABELA 141

IV- Outras formas de violência		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada	30%	32-M.M.-F “Violência e mais violência...” 36- E.Z.-M “Violência...” 38-P.P.S.-M “A violência ocorrida...”

Alguns estudantes relacionaram os 4 documentos à violência e a agressão, sem no entanto especificá-la, por isso as consideramos como “outras formas de violência”.

É importante frisar que uma estudante do período matutino indicou a palavra “preconceito” ao tratar dos documentos. Ao que parece, a estudante se embasou no documento 5 para indicar o preconceito como uma forma de violência presente na escola. A agressão tratada no documento 5 ocorreu devido ao fato de a vítima ser muito bonita, ou seja, subentende-se que ela se sobressaía as outras meninas, e isso motivou a agressão.

Conhecendo a escola da qual a estudante faz parte, podemos dizer que ocorrem frequentemente situações em que estudantes são expostos a situações vexatórias. Também presenciamos, por algumas vezes, brincadeiras e falas preconceituosas. Entretanto, não é possível afirmar que a estudante tenha sido exposta a uma dessas situações, ou mesmo que presenciou algo parecido ocorrido a outra pessoa, pois ela pode estar se baseando tanto no documento 5, quanto em suas próprias experiências ou ambos.

TABELA 142

V- Crime

TURMA M

Subcategoria	%	Sujeitos
Criminalidade	3,44%	21-E.P.N-M “...criminalidade...”
Roubos	3,44%	7-J.J.B.-F “...roubos a escola...”

TABELA 143		
V- Crime		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Dois estudantes do matutino classificaram as práticas apresentadas pelos documentos como sendo criminosas. De forma geral, os documentos mencionam agressões, vandalismo e porte de arma branca. Um dos estudantes utilizou “criminalidade” para se referir aos elementos apresentados no texto. É possível que devido à agressividade e as possíveis consequências de tais atos, o estudante os tenha considerado como práticas criminosas.

Outro estudante diz que os “roubos” são a principal característica dos documentos 5, 6, 7 e 8. Não há nada explícito nos documentos que remetam a essa ideia, entretanto, a estudante pode ter associado o porte de arma branca, uma faca, com a intenção de cometer um assalto dentro do espaço escolar, seja contra os estudantes ou contra a própria escola.

TABELA 144		
VI- Exceções		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos

Tortura	3,44%	3-D.C.S.-F "Torturas."
---------	-------	---------------------------

TABELA 145		
VI- Exceções		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Regime Militar brasileiro	10%	39-W.D.-M "O Regime Militar brasileiro..."

Como exceção, consideramos os escritos que fugiram totalmente do tema tratado nos documentos. Os documentos 5, 6, 7 e 8 referiam-se a diversas formas de violência ocorridas em nossas escolas, e os estudantes aqui citados classificaram como "tortura" e Regime Militar brasileiro".

TABELA 146

<p>8. Qual o tema tratado nos documentos 5, 6, 7 e 8? Em seu cotidiano, você já presenciou alguma dessas situações? Explique.</p>
--

<p>Escritos relacionados ao testemunho ou não de práticas violentas na</p>

escola	
Dados gerais de classificação	I- Violência física
	II- Violência contra o professor
N: Número	III- Porte de arma
	IV- Violência contra o patrimônio
T: Turma	V- Outras formas de violência
G: Gênero	VI- Exceções
- : Não respondeu	VII- Não presenciou casos de violência na escola

N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	M	F							X
2	M	F				X			
3	M	F	-	-	-	-	-	X	-
4	M	F	X	X		X			
5	M	F				X			
6	M	F							X
7	M	F	X	X	X	X			
8	M	F				X			
9	M	F							X
10	M	F	X						
11	M	F	X						
12	M	F	X			X			
13	M	F	X						
14	M	F	X				X		
15	M	F	-	-	-	-	-	X	-
16	M	F	X				X		
17	M	F	X						
18	M	F	X						
19	M	F	-	-	-	-	-	X	-
20	M	M	X		X				
21	M	M	X						
22	M	M						X	
23	M	M				X	X		
24	M	M	X						
25	M	M	X	X		X			
26	M	M	X	X					
27	M	M							X
28	M	M			X				
29	M	M	X						
30	N	F	X		X				
31	N	F				X			
32	N	F	X				X		
33	N	M	X				X		
34	N	M	-	-	-	-	-	X	-
35	N	M	-	-	-	-	-	X	-
36	N	M	X		X	X			
37	N	M	X						
38	N	M							X
39	N	M							X

TURMA M		TURMA N	
SIM	NÃO	SIM	NÃO
22	4	6	2
75,68%	13,76%	60%	20%

TABELA 147**TURMA M**

Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	16	55,04%
II- Violência contra o professor	4	13,76%
III- Porte de arma	3	10,32%
IV- Violência contra o patrimônio	8	27,52%
V- Outras formas de violência	3	10,32%
VI- Exceções	4	13,76%
VII- Não presenciou casos de violência na escola	4	13,76%

VII- Não presenciou casos de violência na escola	TABELA 148	20%
--	-------------------	-----

TURMA N

Categorias	Quantidade	%
I- Violência física	5	50%
II- Violência contra o professor	0	0%
III- Porte de arma	2	20%
IV- Violência contra o patrimônio	2	20%
V- Outras formas de violência	2	20%
VI- Exceções	2	20%

TABELA 149		
I- Violência física		
TURMA M		
Subcategorias	%	Sujeitos
Brigas	48,16%	<p>11-L.C.-F “...Sim, algumas vezes já presenciei brigas entre colegas de escolas.”</p> <p>10-L.-F “...Sim, algumas vezes já presenciei brigas entre colegas de escola.”</p> <p>29-W.N.-M “...Sim brigas de colegas.”</p> <p>18-T.D.S-F “...Sim na escola os motivos são muitos brigas por namorados, pelo jeito e olhar, pela quadra por bola e muitas outras coisas bobas.”</p> <p>26-M.A.C.-M “...Já presenciei situações semelhantes como brigas entre colegas de sala que usaram agressões físicas ao dar chutes e socos...”</p> <p>7-J.J.B.-F “...brigas...”</p> <p>13-L.S.-F “...Sim uma briga de duas meninas no colégio.”</p> <p>17-N.C.S.R.-F “...Presenciei uma briga entre dois colegas na rua do colégio este ano.”</p>

		<p>14-M.C.A.-F “Sim... brigas... agressões físicas que acontece entre alunos.”</p> <p>4-D.P.S.-F “...já vi brigas nas escolas...”</p> <p>25-J.F.F.-M “...brigas e lutas entre alunos...”</p> <p>21-E.P.N-M “...Sim brigas em frente o colégio.”</p> <p>12-L.G.-F “Sim já presenciei... brigas no colégio.”</p> <p>16-M.-F “...já presenciei algumas brigas...”</p>
Agressão	6,88%	<p>20-D.M.C.A.-M “...Sim... agressões entre os próprios alunos...”</p> <p>24-J.P.-M “... sim, um garoto teve um surto e acabou agredindo outro garoto que era seu próprio amigo.”</p>

TABELA 150

I- Violência física

TURMA N

Subcategoria	%	Sujeitos
Violência física não especificada	10%	<p>33-D.B.-M “meu cotidiano algumas como a violência física...”</p>
Brigas	40%	<p>37-G.B.-M “...brigas... onde muitos desses fatos ouve tragédia.”</p> <p>32-M.M.-F “... já presenciei... aluno espancando aluno...”</p> <p>36- E.Z.-M</p>

		"...Sim... brigas no colégio..." 30-A.C.L.M "Sim. Menino... um dia brigou e enfiou o canivete no outro."
--	--	---

Quando questionados se alguma vez já haviam presenciado em sua escola, algumas das situações tratadas pelos documentos 5, 6, 7 e 8, 28, dos 30 estudantes participantes responderam que sim. Entre as formas de violência presenciadas por eles, houve semelhanças entre os estudantes do matutino e do noturno. Brigas são citadas em ambos os turnos e "agressões" pelo período matutino.

Como já foi dito, as duas escolas, apesar de localizadas na região central da cidade, estão inseridas em um contexto bastante diferenciado. No entanto, isso não impede de que problemas relacionadas a violência ocorra em nenhuma delas. As brigas entre estudantes são um problema grave, ocorrem dentro das salas de aula, nos pátios no período do intervalo, na quadra durante as aulas de Educação Física, e também nas ruas no entorno da escola, após a saída. Consideramos também como brigas a "violência física" citada por um estudante do noturno.

É interessante notar que algumas dessas brigas, na perspectiva dos estudantes, resultou em tragédia, pois alguns portam armas dentro da escola e algumas vezes as utilizaram.

Pela nossa experiência enquanto professor das duas escolas, acreditamos que o porte de armas por alguns estudantes da escola ocorre em função da vida que leva em seu meio social. Sempre que armas são apreendidas, analisando-se o história e a realidade do estudante, constata-se que o estudante numa situação de parcial ou de completo abandono por parte dos pais e familiares.

Nesse contexto, esses estudantes se envolvem com drogas, assaltos, entre outros crimes. Ao viver assim, o perigo é constante, e, algumas vezes, tal perigo chega até a escola. Por exemplo, se um estudante que trabalha para o tráfico ou que é usuário de algum tipo de entorpecente contrai uma dívida e não consegue quitá-la, corre um sério risco. Podem ser procuradas na escola pelos seus credores, resultando em mais

violência. Enquanto professor, já presenciei várias situações desse tipo ocorrerem em uma das escolas participantes da pesquisa.

Assim, torna-se extremamente difícil para a escola conseguir lidar com esses problemas, pois a escola está sozinha, sem apoio e nem recursos.

TABELA 151		
II- Violência contra o professor		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Xingamento	6,88%	26-M.A.C.-M E também presenciei alunos xingando... professores indiretamente a outros alunos da mesma sala.” 7-J.J.B.-F “No meu cotidiano já presenciei... alunos xingando professores...”
Violência contra a imagem do professor	3,44%	26-M.A.C.-M E também presenciei alunos... denegrindo a imagem de professores indiretamente a outros alunos da mesma sala.”
Agressão verbal	3,44%	4-D.P.S.-F “...Sim... já vi... agressões verbais e até quase físicas contra os professores.”
Agressão ao professor	3,44%	25-J.F.F.-M “...brigas e lutas... contra professores.”

TABELA 152

II- Violência contra o professor		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Uma categoria de violência também apresentada pelos estudantes foi a violência contra o professor. Os estudantes disseram já ter presenciado diversas formas de violência contra os docentes nas escolas.

Começaremos pela agressão física. Um estudante disse já haver presenciado brigas e lutas contra professores. Entendemos que se tratam de agressão sofridas pelos professores e praticadas por estudantes. Como já dissemos anteriormente, presenciamos em 2014, um episódio em que um chinelo foi atirado contra uma professora. Em outra situação, uma estudante agrediu um pedagogo com um cabo de vassoura. Ambos os casos ocorreram no Colégio Estadual Brasília de Araújo. No Colégio Estadual Jayme Canet, ao qual pertence a estudante que tratou desse tipo de violência, não temos conhecimento de nenhum caso em que um professor tenha sido agredido por um estudante.

Outras formas de violência contra o professor e que foram apresentadas foram xingamentos e calúnias contra a imagem do professor. Tais tipos de violência ocorrem com bastante frequência. São comuns situações em que os estudantes não respeitam e não reconhecem a autoridade do professor e a desafiam. Discussões, agressões verbais e até mesmo ofensas são proferidas por parte dos estudantes. Após tais discussões, algumas vezes os estudantes deturpam os fatos e passam a difundi-los de maneira diferente aos pais, colegas, criticando o professor e muitas vezes atacando sua conduta, caráter e ética.

TABELA 153

III- Porte de arma		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Porte de arma branca	10,32%	7-J.J.B.-F “...alunos levando facas para a escola.” 28-R.T.-M “...Sim, uma vez um aluno acabou levando uma faca, como forma de ameaça a outro aluno...” 20-D.M.C.A.-M “...também já vi estudante levar faca à escola.”

TABELA 154		
III- Porte de arma		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Porte de arma de fogo	10%	36- E.Z.-M “... alunos portando armas, até mesmo de fogo...”
Porte de arma branca	10%	30-A.C.L.M “...Menino que ia de canivete para escola...”

Nesta categoria percebemos uma diferença significativa entre os estudantes do período matutino e noturno. Em ambos os períodos, os estudantes já presenciaram ou tem conhecimento de outros estudantes portando armas dentro da escola. Os estudantes do período matutino presenciaram a presença de armas brancas, ou seja, facas, dentro da escola que seriam usadas como forma de ameaça ou com outros

objetivos. Entre os estudantes do noturno, há o conhecimento de que alguns alunos portam armas de fogo ou canivetes dentro da escola.es.

Isso demonstra, em parte, as condições precárias de segurança em que a escola se encontra. Também temos conhecimento de alguns desses casos. Entretanto, nos perguntamos: Conseguimos identificar e agir em alguns, mas e os outros que certeza, os passam despercebidos? Certamente, muitos outros casos de porte de armas devem ter acontecido, e, devido ao fato da escola não ter condições de agir de forma efetiva em relação a eles, a violência continua acontecendo no espaço escolar.

TABELA 155		
IV- Violência contra o patrimônio		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Vandalismo sem especificação	3,44%	23-G.C.-M “...Sim... vandalismo...”
Pichação	17,20%	5-G.C-F “Já presenciei pichação em muros da escola...” 7-J.J.B.-F “...pichação...” 23-G.C.-M “Já presenciei pichação em muros nas escolas...” 2-A.P.A.P.-F “...já vi vários locais pixados...” 8-K.A.-F “...Sim, mas em proporções menores, como desenhos com corretivo.”
Destruição dos bens da escola	6,88%	2-A.P.A.P.-F “...já vi vários locais... quebrados...” 25-J.F.F.-M

		“...Vandalismo sim, nos banheiros das escolas, paredes e carteiras...”
Depredação	6,88%	4-D.P.S.-F “...Sim. Não com essa intensidade, mas já vi... depredações com o patrimônio escolar...” 12-L.G.-F “Sim já presenciei danos em coisas históricas das cidades...”

TABELA 156		
IV- Violência contra o patrimônio		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Vandalismo sem especificação	10%	31-J.-F “Sim, o vandalismo...”
Pichação	10%	36- E.Z.-M “... Pixação de alas do colégio...”
Destruição dos bens da escola	10%	36- E.Z.-M “...quebra de portas e outras propriedades do colégio.”

Outra forma de violência identificada pelos estudantes foi contra o patrimônio material, em todas as suas formas, seja como vandalismo, depredação, pichação ou destruição dos bens e equipamentos da escola. Novamente temos semelhanças entre os estudantes dos períodos matutino e noturno. A única subcategoria em que diferem é a de depredação, mas que se encontra subentendida nas demais.

A partir de nossa experiência trabalhando nas duas escolas, podemos dizer que práticas de vandalismo, depredação e destruição de qualquer bem, recurso ou equipamento da escola são rigorosamente combatidas. Entretanto, isso não impede que elas ocorram. Mesas e cadeiras frequentemente estão rabiscadas, apesar da constante limpeza e manutenção realizadas pelas duas escolas. Com exceção dos desenhos nas

mesas e cadeiras, e algumas vezes nas paredes não parecem ser frequentes casos mais graves de vandalismo e depredação do patrimônio material da escola.

TABELA 157		
V- Outras formas de violência		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência verbal sem especificação	6,88%	14-M.C.A.-F “Sim... agressões verbais...” 16-M.-F “...já presencial... violência verbal.”
Assassinato	3,44%	23-G.C.-M “...Sim... a violência que está muito brutal que esta causando mortes.”

TABELA 158		
V- Outras formas de violência		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência verbal sem especificação	10%	33-D.B.-M “...algumas como a violência... verbal...”
Desrespeito	10%	32-M.M.-F “...já presenciei muitos como falta de respeito ao próximo...”

Como “outras formas de violência”, consideramos a violência verbal não especificada, assassinato e desrespeito. Violência verbal pode ser considerada como qualquer agressão ou ofensa feita através de palavras, acompanhada ou não de outras tipologias de violência.

Não é possível inferir a partir do que o estudante construiu essa afirmação. Pode ter visto alguma notícia, algum boato, entre outros. Não temos conhecimento de nenhum

caso ocorrido nas escolas pesquisadas, na região ou no estado. Agressões graves já ocorreram em nossas escolas, mas nunca levaram à morte.

Em relação ao desrespeito, trata-se de uma subcategoria bastante abrangente. É comum nas escolas vermos estudantes fazendo brincadeiras em relação as roupas, aparência e comportamento dos demais estudantes. Acontecem também algumas situações vexatórias, o bullying e uma ampla gama de posturas e atitudes que podem ser consideradas como desrespeitosas. A escola é um ambiente bastante diverso e os estudantes precisam ter consciência de que estas diferenças não podem ser julgadas numa hierarquia valorativa, mas devem ser vistas apenas como diferenças e, evidentemente valorizadas.

TABELA 159		
VI- Exceção		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Sem especificação	3,44%	22-F.G.T.-M “...Já sim, várias vezes.”

TABELA 160		
VI- Exceção		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

Como exceção, consideramos um estudante que diz ter presenciado por várias vezes as formas de violência apresentadas pelos documentos 5, 6, 7 e 8. Entretanto, não as especificou.

TABELA 161		
VII- Não presenciou casos de violência		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Nunca presenciou casos de violência na escola	13,76%	27-M.M.R.-M “...nunca presenciei.” 6-G.M.-F “..Não...” 1-A.F.-F “...Não.” 9-K.C-F “não...”

TABELA 162		
VII- Não presenciou casos de violência		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Nunca presenciou casos de violência na escola	20%	38-P.P.S.-M “... Não, nunca.” 39-W.D.-M “...eu nunca presenciei essas coisas.”

Uma parcela dos estudantes diz nunca ter presenciado situações de violência na escola, pelo menos não as tratadas pelos documentos.

TABELA 163

9- Quais as relações que podem ser estabelecidas entre os documentos 5, 6, 7, 8? Justifique.		N	T	G	I	II	III	IV	V	VI	VII
		Dados gerais de classificação	I- Violência na escola	1	M	F		X	X		
N: Número	II- Aumento da violência nas escolas	2	M	F				X			
		3	M	F							
T: Turma	III- Violência contra professores	4	M	F	X	X		X			
		5	M	F	X						
G: Gênero	IV- Violência contra o patrimônio da escola	6	M	F	X			X			
		7	M	F					X		
- : Não respondeu	V- Outras formas de violência	8	M	F	X	X	X				
		9	M	F					X		
	VI- Sugestões	10	M	F	X				X		
11		M	F	X			X	X			
	VII- Exceções	12	M	F					X		
13		M	F	X							
		14	M	F		X					
		15	M	F	X						
		16	M	F		X					
		17	M	F	X			X	X		
		18	M	F	X			X			
		19	M	F	X						
		20	M	M	X			X			
		21	M	M	X			X			
		22	M	M	X			X			
		23	M	M						X	
		24	M	M							
		25	M	M				X			
		26	M	M					X		
		27	M	M	X			X			
		28	M	M				X			
		29	M	M					X		
		30	N	F	-	-	-	-	-	-	X
		31	N	F					X		
		32	N	F						X	
		33	N	M	X			X			
		34	N	M	-	-	-	-	-	-	X
		35	N	M			X				
		36	N	M	X			X	X		
		37	N	M					X		
		38	N	M							X
		39	N	M							X

TABELA 164		
TURMA M		
Categorias	Quantidade	%
I- Violência na escola	15	51,60%
II- Aumento da violência nas escolas	5	17,20%
III- Violência contra professores	2	6,88%
IV- Violência contra o patrimônio da escola	12	41,28%
V- Outras formas de violência	8	27,52%
VI- Sugestões	1	3,44%
VII- Exceções	0	0%

V- Outras formas de violência	TABELA 165	30%
VI- Sugestões	TURMA N 1	10%
VII- Exceções	Quantidade	20%
I- Violência na escola	3	30%
II- Aumento da violência nas escolas	0	0%
III- Violência contra professores	1	10%
IV- Violência contra o patrimônio da escola	2	20%

TABELA 166		
I- Violência na escola		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada ocorrida na escola	27,52%	11-L.C.-F “...Algumas violências em escolas...” 27-M.M.R.-M “Elas mostram... a violência entre os alunos.” 10-L.-F “...Algumas violências em escolas...” 13-L.S.-F “Que nas escolas ocorre muita violência.” 21-E.P.N-M “A violência na escola...” 22-F.G.T.-M “...violência vividas nas instituições de ensino, tanto quanto alunos de escolas...” 5-G.C.-F “Os quatro documentos tratam do mesmo assunto a violência em escolas.” 8-K.A.-F “...violência nas escolas, que se manifesta tanto entre estudantes, quanto entre alunos e professores.”
A violência na escola causada por fatores externos	3,44%	20-D.M.C.A.-M “...vivemos em um mundo cheio de violência onde isso afeta até na escola.”
Agressão	10,32%	6-G.M.-F “Agressões de alunos...” 18-T.D.S-F “...mostra a agressão... que

		está cada vez mais frequente nas escolas.” 20-D.M.C.A.-M “...alunos e agressões fora de controle...”
Brigas	3,44%	4-D.P.S.-F “...o documento 5 é sobre brigas...”
Porte de armas e drogas	6,88%	4-D.P.S.-F “...a imagem 7 é de como os alunos estão ficando perigosos, já que estes estão levando armas, facas e drogas para o âmbito escolar...” 22-F.G.T.-M “...porte de algo que pode ser usado com o intuito de matar...”
Racismo e preconceito como causas da violência	3,44%	15-M.F.O.-F “Que atualmente a violência nas escolas muitas vezes, por causa do racismo... do preconceito...”
“Aprisionamento” de grupos diferentes na escola como causa da violência	3,44%	17-N.C.S.R.-F “Que as escolas é um ponto de violência, justamente por ser um local com muitas pessoas diferentes ‘presas’”
Assassinato	17,20%	10-L.-F “...Algumas violências em escolas já causaram morte.” 11-L.C.-F “...Algumas violências em escolas já causaram mortes.” 15-M.F.O.-F “...violência nas escolas muitas vezes... acaba em morte.” “...acontecimentos vividos por adolescentes na

		escola...pode acabar em morte.” 20-D.M.C.A.-M “...alunos... agressões fora de controle podendo levar em morte do próximo...” 22-F.G.T.-M “...violência... da escola... porte de algo que pode ser usado com o intuito de matar...”
O recesso escolar como causa da violência	3,44%	19-T.S.-F “Ambos apresentam tipos de violência devido o recesso escolar.”

TABELA 167		
I- Violência na escola		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência sem especificação ocorrida na escola	10%	33-D.B.-M “...violência na escola...”
Agressão entre os alunos	10%	36- E.Z.-M “A agressividade dos alunos um com os outros...”
Porte de armas	10%	33-D.B.-M “...alunos levam até armas para escola.”

A questão 9 pedia para que os alunos estabelecessem relações entre os documentos 5, 6, 7 e 8. A relação mais óbvia seria a violência ocorrida nas escolas. Entretanto, diversas outras relações são apontadas pelos estudantes.

Um estudante relacionou a violência presente na escola a causas externas. Em outras palavras, por vivermos num mundo onde a violência ocorre com muita frequência e

inclusive sua temática sustenta parte da indústria cultural, a escola acaba sofrendo seus reflexos e consequências. A violência extrapola o espaço exterior à escola e a invade, inclusive na figura dos estudantes, que muitas vezes trazem seus problemas pessoais para dentro das escolas, colocando em risco outros estudantes e todos os sujeitos participantes do espaço escolar.

A cidade de Bela Vista do Paraíso, onde se encontram as escolas participantes da pesquisa, sofre nos últimos anos um surto de violência, seja na forma de assaltos à mão armada, espancamentos, estupros e assassinatos. É possível que o estudante tenha percebido uma relação entre o aumento da violência na cidade e nos bairros, com o significativo aumento da violência também dentro das escolas.

Brigas, agressões e assassinato também foram relações encontradas pelos estudantes. Como já dissemos, nas duas escolas ocorrem, de tempos em tempos, e os estudantes com certeza já presenciaram algum tipos de violência. Apesar de termos perguntado as relações possíveis de serem estabelecidas entre os documentos, é possível que os estudantes tenham se reportado a suas experiências para fazê-lo.

Não temos conhecimento de que algum dia houve assassinatos nem casos de violência física extrema nas escolas participantes da pesquisa. Contudo, o estudante, ao ver no documento 7, uma faca dentro da bolsa entre os materiais escolares, pode ter se lembrado de algum episódio ocorrido em algum lugar, seja na região, no Brasil ou até mesmo no exterior, e ter feito a associação de que o objetivo da arma na bolsa seria um possível assassinato. Lembrando que em 2014, uma estudante foi esfaqueada numa escola de Londrina. Em Campo Grande (MS), uma estudante foi esfaqueada por outra na saída da escola, causando sua morte.

Alguns estudantes referem-se também a possíveis assassinatos que podem ocorrer devido à intensidade e gravidade da violência na escola.

Como dito anteriormente em outra categoria, o porte de armas, seja ela branca ou de fogo, está presente nas escolas e foi visto pelos estudantes como uma relação entre os documentos. O porte de drogas aparece como um novo elemento e também como uma relação entre os documentos.

Percebemos que nos últimos anos, as drogas vêm adentrando o espaço escolar e sendo vendidas aos estudantes pelos próprios estudantes. Indivíduos que abandonaram a escola retornam a ela com a finalidade da comercialização de drogas, como maconha e cocaína. Não há menção nos documentos sobre porte de drogas, mas o estudante pode ter associado a violência e o porte de armas com o comércio de entorpecentes.

Gostaria de relacionar duas perspectivas apontadas por duas estudantes. A primeira delas afirmou que, muitas vezes, o racismo e o preconceito são causas da violência. A segunda, afirmou que a escola é um ponto de violência, pois nela se encontram muitas pessoas diferentes numa situação de aprisionamento. Ao que parece, a estudante não usou o termo aprisionamento num sentido negativo. Em primeiro lugar, podemos dizer que as duas estudantes, mesmo que inconsciente – no caso da primeira – reconhecem que a escola é um local onde existe uma grande diversidade de indivíduos, com seus costumes e comportamentos distintos. Em segundo lugar, podemos dizer que para as duas estudantes, o motivo da violência é o mesmo, a não aceitação da diversidade. É aí que nasce o racismo e o preconceito que não foi considerado pelas estudantes como violência, mas como suas motivações.

Uma estudante relacionou a violência ao recesso escolar. Acreditamos que ela não considerou o recesso como causa da violência como pode parecer à primeira vista, mas sim, como uma oportunidade para que o vandalismo e a depredação ocorressem. A estudante referiu-se apenas dois documentos, deixando de lado outros dois. Os documentos 6 e 8 tratam de vandalismo, sendo que o recesso escolar é apresentado apenas no documento 6. A estudante deve ter relacionado o documento 6, escrito, com o documento 8, iconográfico, também tratando de vandalismo.

<p style="text-align: center;">TABELA 168</p>
--

<p style="text-align: center;">II- Aumento da violência nas escolas</p>
--

TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência frequente	17,20%	1-A.F.-F “A violência ultimamente tem se propagado em níveis alarmantes...” 14-M.C.A.-F “As relações são a violência que estão cada vez mais frequentes nas escolas.” 16-M.-F “...Eles mostram como esse tipo de violência esta se tornando cada vez mais frequente...” 4-D.P.S.-F “Que a violência nas escolas aumentou...” 8-K.A.-F “O crescente caso da violência nas escolas...”

TABELA 169		
II- Aumento da violência nas escolas		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não há incidência		

Alguns estudantes do período matutino foram além das relações entre os elementos apresentados nos documentos. Eles entenderam o significado dos documentos dentro do contexto atual. Para os estudantes, tais documentos indicam o aumento da violência dentro das escolas, tornando-se práticas cada vez mais frequentes, sejam elas contra a integridade dos estudantes quanto do patrimônio material das escolas.

TABELA 170

III- Violência contra professores		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência entre alunos e professores	3,44%	8-K.A.-F “...violência nas escolas... entre alunos e professores.”
Violência contra professores	3,44%	1-A.F.-F E podemos notar que vem sendo cometida... também contra professores.”

TABELA 171		
III- Violência contra professores		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Desrespeito ao professor	10%	35-E.S.-M “... a falta de respeito com os professores...”

Embora os documentos não mencionarem nada sobre violência contra professores, os estudantes a entenderam com uma possível relação entre eles, seja na forma de desrespeito ou outras formas não especificadas. Reiteramos que não sabemos quais associações os estudantes fizeram para reconhecer nos documentos a violência contra o professor. É possível que ao interpretar os documentos, os estudantes possam ter se lembrado de alguma situação que presenciaram ou que tomaram conhecimento envolvendo violência contra um professor. Entretanto, trata-se somente de uma hipótese.

TABELA 172		
IV- Violência contra o patrimônio da escola		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Vandalismo não especificado	10,32%	6-G.M.-F “...vandalismo.” 17-N.C.S.R.-F “... O vandalismo...” 4-D.P.S.-F “... sobre vandalismo...”
Vandalismo contra a escola	10,32%	18-T.D.S-F “A relação dos documentos mostra... o vandalismo que está cada vez mais frequente nas escolas.” 21-E.P.N-M “...o vandalismo ocorrido atualmente... nas escolas.” 27-M.M.R.-M “Elas mostram o vandalismo que é feito nas escolas...”
Vandalismo contra a escola por parte dos alunos	6,88%	20-D.M.C.A.-M “Vandalismo dosalunos...” 28-R.T.-M “Vandalismo por parte dos alunos...”
Depredação das escolas	6,88%	4-D.P.S.-F “...sobre a depredação das escolas.” 22-F.G.T.-M “...depredação do patrimônio...”
Desinteresse pela escola como causa do vandalismo	3,44%	7-J.F.F.-F “O desinteresse dos alunos leva ao vandalismo...”
O fracasso escolar como causa do vandalismo	3,44%	2-A.P.A.P.-F “...pessoas que não iam bem nas escolas e descontam depredando...”
Violência não especificada	3,44%	11-L.C.-F “A violência contra... alguns patrimônios.”
Pichação	3,44%	22-F.G.T.-M “...pichações.”

TABELA 173		
IV- Violência contra o patrimônio da escola		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Vandalismo não especificado	10%	33-D.B.-M “Vandalismo...”
Depredação não especificada	10%	36- E.Z.-M “...depredação...”

Assim como na questão anterior, a violência contra o patrimônio físico da escola, como vandalismo, depredação e pichação foi uma das relações percebidas pelos estudantes. Para alguns deles, tal violência está ocorrendo com mais frequência.

Uma estudante afirmou que uma das causas do vandalismo é o desinteresse pela escola. Realmente, percebemos que muitos estudantes com os quais trabalhamos não veem sentido na escola. Não somente nos conteúdos que nela são ensinados, mas também na finalidade que ela exerce. Num mundo onde informação e tecnologia estão acessíveis a quase todos, a escola não tem mais o monopólio do conhecimento, se é que um dia a teve.

Nesse sentido, alguns estudantes acreditam que a escola não tem nada a oferecer, pois consideram a universidade quase inacessível ou se contentam com as possibilidades de emprego e de vida que acreditam conseguir, sem a contribuição da escola. Para a estudante que afirmou ser o desinteresse uma das causas do vandalismo, essa falta de reconhecimento da importância e finalidade da escola, o sentimento de não pertencimento, gera o desrespeito por ela na forma de vandalismo.

Outra estudante apontou como causa da depredação o fracasso escolar obtido por alguns alunos. Apesar dos problemas que a escola enfrenta atualmente, seja de recursos ou autoridade, evidentemente existem critérios de aprovação e reprovação que são seguidos. De acordo com a estudante, alguns que não apresentam bom desempenho ou

possuem rendimento abaixo do esperado, “descontam” sua frustração contra o patrimônio da escola.

Sobre as duas perspectivas acima, do desinteresse e do fracasso escolar como causas do vandalismo e da depredação, acreditamos que devido a sua especificidade, as estudantes tenham, em algum momento de sua vida escolar, presenciado práticas violentas.

Alguns estudantes do matutino foram mais sucintos ao tratar das relações entre os documentos, apenas as considerando como “violência”. Os pertencentes ao noturno as consideraram como vandalismo e depredação, sem maiores detalhes.

TABELA 174		
V- Outras formas de violência		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Morte sem especificação de onde ocorre	6,88%	29-W.N.-M “Que a maior parte da violência causa morte.” 12-L.G.-F “...algumas violências já causou mortes.”
Desrespeito, falta de consciência e de ética	10,32%	7-J.J.B.-F “...falta de educação e respeito...” 17-N.C.S.R.-F “... a falta de consciência e educação das pessoas.” 26-M.A.C.-M “...falta de ética...”
Violência sem especificação	13,76%	7-J.J.B.-F “A relação entre os quatro documentos é a violência...” 9-K.C-F “Apresentam violência.” 10-L.-F “A violência contra as outras

		<p>“pessoas...”</p> <p>11-L.C.-F</p> <p>“A violência contra outras pessoas...”</p>
--	--	--

TABELA 175 V- Outras formas de violência TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Violência não especificada	20%	36- E.Z.-M “Violência...” 37-G.B.-M “Violência...”
Violência para autoafirmação	10%	36- E.Z.-M “...Os jovens de hoje não buscam mais os direitos pelos quais poderiam melhorar suas vidas, mas pelo poder de ser o melhor com violência, ou com excesso de autoridade por portarem algum status de poder por causa de alguma facção.”
Falta de discernimento e educação	10%	31-J.-F “que a falta de diserguimento (sic) a falta de postura de educação anda falha.”

Nesta categoria, percebemos que alguns estudantes, apesar das maneiras diferentes de discussão do tema, se aproximaram. Por exemplo, alguns estudantes do matutino e noturno apresentaram como relações entre os documentos a falta de educação, respeito, consciência, discernimento e ética. Comparando os 5, 6, 7 e 8, é possível dizer que a ausência destas posturas está presente em todos eles. No documento 5, que trata de uma agressão, o desrespeito, a falta de educação e todos os outros elementos citados estão presentes em relação à vítima da agressão.

No documento 6, que trata de vandalismo, também é possível perceber os elementos citados pelos estudantes em relação à escola, como a falta de educação, respeito, consciência e ética. Nos documentos 7 e 8, que tratam, respectivamente, de porte de armas na escola e de vandalismo, os mesmos elementos também estão presentes. Uma hipótese para as relações estabelecidas pelos estudantes é a de que eles entenderam que dentro do espaço escolar e também em relação as pessoas existem certos padrões de conduta e comportamento que devem ser respeitados e cumpridos. Na ausência destas posturas de conduta consideradas como adequadas, surgem a violência e os comportamentos considerados como incorretos e que não devem ocorrer.

Alguns estudantes do matutino, também disseram que algumas ou a maior parte das práticas de violência causa mortes. Acreditamos que a fala presente em um dos documentos levou alguns estudantes a pensarem na finalidade do porte de tal arma e a relacioná-lo com os outros documentos. Como já dissemos, não temos conhecimento de casos de violência nas escolas participantes que levaram à morte, apesar de ter ocorrido em outras escolas do Brasil e pode ter servido de referência para a construção das relações.

Outra relação apresentada por um estudante do noturno foi a utilização da violência para a autoafirmação. Para o estudante, os jovens não buscam mais a conquista de direitos, através dos quais poderiam ter melhores e mais dignas condições de vida. Para ele, atualmente, os jovens estão interessados em conseguir poder através da violência. Ainda na perspectiva do estudante, muitos jovens fazem ou querem fazer parte de uma facção ou gangue, pois tal pertencimento gera poder e status. Tal poder e status são demonstrados através da imposição da autoridade.

O estudante que escreveu estas palavras é um sujeito adulto, entre trinta e quarenta anos, estudante do noturno, trabalhador e que está retornando a escola depois de muitos anos fora dela. É possível dizer que por todos esses aspectos, a visão que ele possui da escola não é a mesma que os demais estudantes mais jovens. Ele entende de forma mais profunda as relações que ocorrem no interior da escola, tanto entre estudantes quanto entre estudantes e professores. Também cita que alguns estudantes, por pertencerem a certos grupos, tentam impor sua vontade e autoridade aos outros estudantes, tanto pelo simples fato de pertencer a certo grupo quanto pelo uso da

violência. E realmente, enquanto professores, percebemos que isso ocorre. Alguns até tentam intimidar os professores, funcionários e direção, argumentando que é perigoso enfrentar o estudante o grupo ao qual ele pertence.

Inclusive, o estudante faz uma crítica a estas posturas, dizendo que os jovens se esqueceram da busca pelos seus direitos, mas apenas se preocupam com poder e status adquiridos através do uso da violência.

TABELA 176		
VI- Sugestão		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Presença policial	3,44%	23-G.C.-M "Mais policiais nas saídas das escolas..."
Educação familiar	3,44%	23-G.C.-M "...educação dos pais para os filhos..."
Discussão da violência dentro dos conteúdos escolares	3,44%	23-G.C.-M "...e mais ensino dos professores para os alunos sobre esses tipos de coisas que os documentos mostram."

TABELA 177		
VI- Sugestão		

TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Respeito aos indivíduos e às regras estabelecidas	10%	32-M.M.-F “Ter mais respeito uns com outros. Respeitar as regras enfim...”

Além de estabelecer diversas relações entre os documentos, alguns estudantes ainda sugeriram algumas medidas para se extinguir, ou pelo menos amenizar as práticas de violência nas escolas. É o caso dos estudantes inseridos nesta categoria.

Não houve semelhanças entre as sugestões indicadas pelo matutino e pelo noturno. Um estudante do matutino indicou que a presença de mais policiais nas saídas das escolas poderia inibir a violência. Percebe-se que o estudante pressupõe que já há houve policiais na porta das escolas.. Na escola onde ele estudou o Ensino Fundamental, frequentemente a polícia ficava na saída esperando os estudantes irem embora para evitar possíveis brigas entre eles. Dessa forma, o estudante relembra uma ação que para ela deu certo, e a sugere como possível solução. Pode ser que dessa forma, conflitos e brigas sejam inibidos, mas a presença policial poderia causar outra série de problemas.

O mesmo estudante dá outra sugestão para a diminuição da violência. Para ele é importante que os estudantes tragam de casa a educação familiar, aquela dada pela família. De maneira geral, é consenso que alguns problemas de indisciplina, respeito ou até mesmo de violência que ocorre na escola tem por contexto a ausência desta educação familiar, aprendida em casa desde a infância. De fato, uma parte dos estudantes que recebemos nas duas escolas pesquisadas não possui a estrutura familiar ideal. Muitos são filhos de alcoólatras, dependentes químicos, outros tem pais envolvidos com práticas criminosas, alguns estão presos, entre outros.

Assim, todos esses são problemas que de uma forma ou de outra, aparecem na escola, seja na forma de mau rendimento e aproveitamento ou num comportamento inadequado e até mesmo violento. Assim, a educação advinda do âmbito familiar é de grande importância. Mas, o que fazer quando a família é totalmente desestruturada e deixa os filhos numa situação de abandono? Frente a esse desafios, é difícil para a escola

trabalhar seus conteúdos curriculares, ao mesmo tempo em que não consegue lidar com os problemas apresentados e enfrentados pelos estudantes.

O estudante ainda sugere uma terceira forma de evitar a violência na escola. Para ele, os professores deveriam usar um tempo de suas aulas para tratarem das práticas de violência apresentadas pelos documentos do instrumento de pesquisa. Dessa forma, a conscientização e a discussão do fenômeno da violência, através de seus usos e finalidades ao longo da história, talvez, poderiam melhorar a convivência entre os estudantes dentro da escola e evitar que a violência ocorra.

Consideramos como importante a sugestão apresentada, pois, como já dissemos, os estudantes estão num contato constante com a violência, seja nas escolas, na rua, no seu cotidiano ou através da mídia. Mas essa violência não é discutida em seus elementos fundantes, ela é simplesmente presenciada e assistida. Concordamos, então, que discussões sobre o tema em sala de aula poderiam contribuir em muito para sua diminuição.

Uma estudante do noturno também fez a sua sugestão para o fim da violência nas escolas. Para ela, deveria haver mais respeito entre os indivíduos e às regras estabelecidas. Dentro do espaço escolar, sua organização, tudo é pensando, pelo menos em teoria, de forma que não ocorram conflitos violentos entre os estudantes e que, caso eles ocorram, sejam eventos raros. Para tanto, existem as regras da escola que geralmente são conhecidas dos estudantes. Reconhecemos que as regras tentam uniformizar os comportamentos, sem levar em consideração as individualidades e as diferenças de cada um. Entretanto, também reconhecemos que, para que a convivência pacífica seja possível, regras comuns, dentro de certos espaços precisam existir e ser respeitadas.

Provavelmente, a estudante entende que certas regras da escola ou quase todas são desrespeitadas, seja na sala de aula, no pátio, no refeitório, entre outros. É possível que a partir dessas constatações realizadas pela estudante, ela considere que o cumprimento das regras e o respeito aos outros trariam a diminuição ou mesmo o fim da violência nas escolas.

TABELA 178		
VII- Exceções		
TURMA M		
Subcategoria	%	Sujeitos
Não houve incidência		

TABELA 179		
VII- Exceções		
TURMA N		
Subcategoria	%	Sujeitos
Movimento estudantil	10%	38-P.P.S.-M "Movimento dos estudantes."
Cumprimento da lei	10%	39-W.D.-M "Não pode nenhuma!! É a lei eles procurol (sic) e achou."

Consideramos como exceção os escritos de dois estudantes que fizeram relações difíceis de serem enquadradas nesta questão, pois podem estar relacionadas aos documento 1, 2, 3 e 4, que não eram os referentes a questão 9.

Um dos estudantes relacionou os documentos ao movimento dos estudantes, o que poderia estar correto caso a questão remetesse aos documentos 1, 2, 3 e 4. É possível que ele tenha se confundido ao reportar-se aos documentos, apesar de estarem enumerados. Não acreditamos que ele tenha se referido a violência na escola como um movimento dos estudantes, apesar de também ser possível.

Outro estudante, disse não ser possível estabelecer relações entre os documentos. Entretanto, ele faz uma relação ao dizer que os documentos representam a lei, e que quem está sendo punido, é justamente por ter procurado, ou seja, desafiado e descumprido tais leis. Para que a relação esteja correta, ele deveria estar se referindo aos

documentos 1, 2, 3 e 4, pois nos restantes não há aplicação de leis, mas sim o total desrespeito por elas. Também não é possível saber qual o resultado ou qual a punição dos que a descumpriram, visto que em alguns casos os culpados permaneceram desconhecidos.

Se tomarmos a relação feita pelo segundo estudante como relacionada à violência do Regime Militar brasileiro, apresentada nos documentos 1, 2, 3 e 4, o estudante permaneceu se posicionando da mesma maneira. Ele não vê importância nas manifestações sociais e não as vê como uma forma e uma estratégia de luta, de expressão e de conquista de direitos, novos ou antigos que lhes foram negados. Em todo caso, o estudante vê a lei, no caso do Regime Militar brasileiro, a violência, como a ação correta frente a estas manifestações. Não é possível dizer a partir de quais referências o estudante construiu essa perspectiva onde os movimentos sociais são marginais e ilegais. Entretanto, foi comum nos últimos anos e ainda o é, que a mídia, principalmente a televisão, criminalize os movimentos sociais, os tratando como bagunça, arruaça, vandalismo e desrespeito aos outros cidadãos. A partir disso, o estudante pode ter criado uma visão que marginaliza e condena os movimentos sociais.

Pensando no instrumento de pesquisa e nas análises realizadas sobre os escritos dos estudantes, podemos dizer que os estudantes compreendem de maneira bastante diversa as manifestações da violência presentes em cada um dos momentos e espaços que utilizamos como referência. Identificam também diversas práticas violentas que ocorrem na escola, bem como suas motivações.

A partir das análises aqui realizadas, seria pertinente, também, retornar à sala de aula com estes estudantes, para uma discussão e um debate em relação aos conceitos apresentados, pois como ficou claro nos escritos dos estudantes, a violência é um mal que é frequente nas escolas e que precisa ser combatido. Tal combate, poderia se dar, a partir destas discussões, iniciando-as a partir do que disseram os estudantes. Dessa forma, poderíamos estar contribuindo com a desconstrução de certas práticas de violência, às vezes justificáveis na perspectiva de alguns estudantes, e também para a diminuição de sua ocorrência.

Entretanto, como os estudantes participantes dessa pesquisa pertencem à 3ª Série do Ensino Médio, não é possível, no espaço escolar, discutir tais questões. Para que tal tarefa pudesse ser realizada, deve-se trabalhar com a 1ª ou 2ª Série. Assim, nada impede que, futuramente, venhamos a desenvolver esta possibilidade com outras séries.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos, a título de considerações finais, retomar sucintamente alguns dos principais elementos deste trabalho, bem como retomar a discussão sobre a importância de se estudar temas relacionados ao fenômeno da violência.

Num primeiro momento, traçamos um sucinto panorama sobre algumas definições do conceito de violência encontradas em diversas áreas e disciplinas. Para tanto, foram utilizados dicionários de Sociologia, Direito e Direito Canônico. Também tecemos algumas considerações, a partir de alguns teóricos da área de Psicologia sobre a violência.

Apresentamos também algumas considerações sobre a violência ocorridas no espaço escolar. Preocupamo-nos com o aumento dos casos de violência que estão mais frequentes nas escolas, os grandes ou pequenos centros urbanos. E as relações existentes entre os estudantes de nossas escolas e o fenômeno da violência. Pode-se dizer que a violência banalizou-se entre as diversas formas de entretenimento: cinematográfica, jogos de videogame e computador, filmes, séries, novelas, propagandas e toda a gama de veículos e estratégias de difusão. Entretanto, ao mesmo tempo em que a violência tornou-se banal, frequente e exageradamente difundida, a sua existência e suas práticas não são pensadas, não são discutidas, muitas vezes nem questionadas.

Dessa forma, através da coleta de conceitos e conhecimentos prévios dos estudantes, da interpretação de documentos escritos e iconográficos sobre o fenômeno da violência, pretendíamos atingir alguns objetivos: identificar quais as definições de violência dos estudantes; identificar quais conceitos, na perspectiva dos estudantes, caracterizam a violência no Regime Militar brasileiro (1964-1985) e dentro do espaço escolar que também é histórico; entender como a violência nestes dois momentos e espaços distintos é percebida pelos estudantes; e, se possível, perceber o posicionamento dos estudantes sobre a violência ocorrida no Regime Militar no Brasil e a que ocorre dentro da escola.

Pensando nestes objetivos, é possível fazer algumas considerações a respeito do trabalho e das análises realizadas sobre os escritos dos estudantes. Em primeiro lugar,

podemos dizer que os estudantes possuem diversos conceitos sobre violência, como violência física, violência verbal, violência psicológica, violência moral, violência sexual e violência contra o patrimônio. É importante dizer que a violência física foi o que mais apareceu, tanto em relação aos estudantes do matutino quanto dos estudantes do noturno. Apenas dois estudantes não se enquadraram nestas categorias por indicarem conceitos de “violência virtual” e “tudo aquilo que desagrade o indivíduo”.

No que se refere aos conceitos de violência caracterizadas no Regime Militar brasileiro, novamente apareceu uma grande diversidade de conceitos e palavras-chave. Optamos por categorizá-los segundo os pressupostos da Análise textual qualitativa, proposta por Roque Moraes. Ou seja, as categorias foram construídas a partir dos conceitos e palavras-chave apresentados pelos estudantes.. Dessa forma, as categorias elencadas pelos estudantes como primeiros conceitos de violência são: violência física, violência verbal, violência psicológica, violência moral, violência contra a liberdade individual e de imprensa, outros e exceções. As categorias abrangem os conceitos e palavras-chaves indicados pelos alunos.

Quando convidados a caracterizar a violência na escola, o esquema das categorias permaneceu quase idêntico no que se refere ao Regime Militar no Brasil: violência física, violência verbal, violência psicológica, violência moral, violência contra o patrimônio, violência sexual, outros e exceção. É importante lembrar que o bullying foi a prática de violência que mais apareceu nos escritos, considerada por nós como física e, ao mesmo tempo, psicológica.

A interpretação dos estudantes sobre os documentos escritos e visuais sobre a violência ocorrida no Regime Militar brasileiro e na escola, nos possibilitou perceber as práticas de violência nestes dois momentos e espaços históricos distintos. Vale lembrar que os documentos mostravam, em relação ao Regime Militar brasileiro, a violência contra as manifestações e a tortura. Sobre a escola, tratava de práticas de vandalismo, agressão e porte de arma branca. O uso de tal variedade de documentos e formatos deve-se a mecanismos de verificação de compreensão do público alvo.

A partir da análise e interpretação dos documentos, os estudantes entenderam que a violência existia e que era frequente no Regime Militar brasileiro, nas suas mais

diversas formas e manifestações. Uma parcela dos estudantes, também entendeu que esta violência tinha fins práticos e bastante específicos. Ela não era usada aleatoriamente, mas sim contra aqueles que de alguma forma contrariavam o governo e que eram levados a interrogatório, ou contra aqueles que se manifestavam publicamente contra ele.

Uma parte dos estudantes também entendeu que, apesar de toda a violência utilizada contra a oposição e para a contenção das manifestações, a população e alguns setores sociais, como o dos estudantes, continuava na luta contra o Regime Militar no Brasil. De maneira geral, parece que os estudantes compreenderam as relações que se estabeleceram entre o governo e a população brasileira entre os anos de 1964 e 1985, concebendo-a como de grande violência para com a população e àqueles que não pensavam como o governo. Alguns estudantes até se referiam ao Regime Militar brasileiro como um período em que o Estado cometia práticas criminosas, outros chamam o período de injusto e insano.

Apenas um estudante, do período noturno mostrou-se favorável as situações de violência tratadas nos documentos. Para ele, as leis estabelecidas no período deveriam ser cumpridas e a violência era a punição para os que não as respeitavam. Os indivíduos que sofriam violência, na verdade estavam apenas sofrendo aplicação da lei pelos seus atos incorretos e inadequados. Nesse sentido, a violência era justificável. Não acreditamos que o estudante defenda o Regime Militar brasileiro, mas apenas houve uma associação entre o cumprimento da lei como dever daquele período. Assim, como hoje existem punições para desacatos e descumprimento da lei, na concepção do estudante, na época também existiu.

Com relação a escola, podemos dizer que os estudantes, a partir dos documentos escritos e iconográficos apresentados, entendem que no espaço escolar as diferenças individuais estão presentes, assim como a violência, em suas diversas formas e manifestações. Na perspectiva dos estudantes, a violência na escola ocorre desde as formas mais sutis, como brincadeiras de mau gosto até agressões graves, inclusive armadas. Ademais, uma parte dos estudantes declarou já ter presenciado diversos tipos de violência nas escolas pelas quais passaram, desde situações vexatórias, bullying, agressão e até esfaqueamento. É interessante lembrar que diversos estudantes

também consideraram como violência e como sua causadora, atitudes racistas e preconceituosas.

Observando e analisando os escritos dos estudantes, pelas formas como entendem a violência na escola, percebe-se que houve rejeição de tais práticas. Um aspecto importante de ser lembrado, é que alguns dos estudantes do noturno foram protagonistas de práticas de violência grave, em outros momentos de sua vida, contra outros estudantes. Mesmo esse estudante, ao se reportar a violência na escola, parece rejeitá-la. Não sabemos se o estudante repensou seus valores em relação à violência ou se ele acreditou que a rejeição da violência era a esperada no instrumento de pesquisa e se sentiu “coagido” a assim se posicionar.

Além de conceber a escola como um local onde estão presentes as diferenças individuais, a violência, e se posicionarem contra a sua ocorrência, também fizeram sugestões para a sua diminuição ou mesmo extinção. Alguns disseram que a presença policial na porta das escolas seria útil para a inibição das práticas violentas; outros, apontaram que a educação familiar seria de grande ajuda na diminuição dos casos de violência nas escolas; outros disseram que os professores deveriam utilizar um espaço em suas aulas para a discussão e reflexão do fenômeno da violência..

Acreditamos ser importante, depois de termos voltado aos escritos dos estudantes, retomar a discussão sobre a importância deste trabalho. Em primeiro lugar, trabalhamos com conhecimentos prévios, como defendem algumas das teorias de ensino e aprendizagem e autores, entre eles David Ausubel. Em segundo lugar, o foco de coleta dos conhecimentos prévios é o fenômeno da violência ocorrida no Regime Militar brasileiro e dentro do espaço escolar, e que está constantemente presente na vida de todos os estudantes e de toda a sociedade, sendo raramente discutido, principalmente dentro das escolas.

Faz cinquenta anos que o golpe elevou ao poder os militares e diversas correntes passam a ser difundidas, pedindo uma nova intervenção militar ou criticando-a. É importante saber o que os estudantes pensam sobre a violência característica desse período. Em terceiro lugar, esta pesquisa pode contribuir para a discussão destes fenômenos e das práticas de violência ocorridas no interior das escolas, possibilitando,

através do conhecimento, de questionamentos e reflexões, uma postura crítica em relação à violência ocorridas no contexto social em esses estudantes que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- AGUDELO, Saul Franco. *Violência y/o Salud: Elementos Preliminares Para Pensarlas y Actuar*. Washington, DC: PAHO/OMS, 1989
- ALEGRO, Regina Célia. *Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no Ensino Médio*. 2008. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis. 2001.
- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. *Etnografia da prática escolar*. Editora Papirus: Campinas, 2005.
- AQUINO, Júlio R. Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. Summus Editorial: São Paulo, 1996.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.
- ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. Editora Vozes: Petrópolis, 1985.
- AUSUBEL, David P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Editora Plátano: Lisboa, 2003
- BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely. (Orgs.). *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. São Paulo: Artmed, 2008.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2002.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Editora Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1992.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Revista Educação e Pesquisa*. 2001, vol.27, n.1, pp. 123-140. ISSN 1517-9702.
- CASIQUE, Leticia. *Violência perpetrada por companheiros íntimos às mulheres em Celaya – México*. 2004. 167 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
- COSTA, Jurandir F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- COSTA, Maria Emília; VALE, Dulce. *A violência nas escolas*. Lisboa: Ciências da Educação, 1998
- DADOUN, Roger. *A violência: ensaio acerca do "homo violens"*. Trad. de Pilar F. De Carvalho e Carmen de C. Ferreira. Difel: Rio de Janeiro, 1998.

- DINIZ, Maria Helena. Dicionário Jurídico. Editora Saraiva: São Paulo, 2005.
- FERRARIL, Ilka Franco. Agressividade e violência. Revista Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, n. 2, v. 18, 2006, pp. 49-62
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Escolas da Língua Portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2011
- FREUD, S. (1914). Narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. História da violência nas prisões. Editora Vozes: Petrópolis, 1983.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- GUIMARÃES, Áurea Maria . Escola: espaço de violência e indisciplina. Revista Eletrônica do Lite. Campinas, v. 1, 1999, pp. 1-9
- LIMA, Leilane Patrícia de. *A Arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de público em Londrina-PR*. 2014. 295 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- LORENZ, K. A agressão: uma história natural do mal. Tradução de Maria Isabel Tamen. Editora Moraes: Lisboa, 1979
- MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. *Violência Escolar: um estudo de caso sobre a percepção dos atores escolares a respeito dos fenômenos de violência explícita e sua repercussão no cotidiano da escola*. 2004. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- MEICHES. Mauro Pergaminik. A travessia do trágico em análise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MELO, Maria do Céu. O conhecimento tácito histórico dos adolescentes. Braga: Universidade do Minho, 2003.
- MICHAUD, Yves. A violência. Editora Ática: São Paulo, 1989.
- MINAYO, Maria Cecília de S.; SOUZA, E.R. de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. Revista História, Ciências e Saúde. Manguinhos, n. IV, v. 3, Nov. 1997/fev.1998, pp. 513-531.
- MONTEIRO, Ana Maria F.C; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, n.1, v. 36, 2011, p. 191-211.i

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Revista Ciência & Educação*, Bauru, n. 2, v. 9, 2003, p. 191-211.

MOREIRA, Marco Antônio. *Teorias de Aprendizagem*. Editora EPU: São Paulo, 1999

NORONHA, C.V., CHAVES, E.S., RISTUM, M.. Estratégias para o controle e a prevenção da violência: uma experiência em saúde que integraliza ações, a partir da atuação de diferentes segmentos. *Resumos do III Congresso Nacional da Rede UNI-IDA*. Salvador, 1997

PAIVA, Márcia de. Crime e castigo: as civilizadas práticas jurídicas de uma Idade Moderna. *Revista Acervo*, Arquivo Nacional: Rio de Janeiro, jan./jun 2002, v. 15, nº 1, pp. 79-94

PALMA, Moacir Dalla. *A violência nos contos e crônicas da segunda metade do século XX*. 2008. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. Summus Editorial: São Paulo, 1996.

SALVADOR, Carlos Corral. EMBIL, José Maria Urtega. *Dicionário de Direito Canônico*. Edições Loyola: São Paulo, 1993.

SANTOS, Mayara L. Calisto dos. D'ONOFRIO, Eliete Marly. Linguagem no período da Ditadura. *Revista das Faculdades Integrantes Claretianas*. Rio Claro, vol. 1, jan./dez. 2008, pp. 51-67

SÊGA, Rafael Augustos. "O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici". **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n.:13, julho/2000.

SIMAN, Lana Mara de Castro. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, Paulo A. e outros (orgs.). **Ensino de História e Educação**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2004.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. D'ARAUJO, Maria Celina. PINTO, Almir Pazzianotto (orgs). 21 anos de regime militar: balanços e perspectivas. Editora Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1994.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Revista Educação e Pesquisa*. USP: São Paulo, 2001, v.27, nº 1, pp. 87-103

VIANA, Nildo; VIEIRA, Renato Gomes. *Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola*. Edições Germinal: Goiânia, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1

INSTRUMENTO DE PESQUISA – PÁGINA 2

Documento 3



JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, Junho de 1968, Ano LXXVIII, nº 45

A violência na escola

Documento 5- Atualmente, a violência nas escolas aparece cada vez com mais frequência. Seja na forma de vandalismos, depredações, agressões verbais e/ou físicas entre estudantes e até mesmo em relação a professores. Estas manifestações de violência podem estar relacionadas ao aumento geral da violência em nossa sociedade, que acabam por criar problemas, também, dentro do espaço escolar.

“Uma estudante de 13 anos foi espancada na saída de alunos de uma escola estadual em Sorocaba (interior de São Paulo), na tarde de ontem (9), por uma menina de 16 anos, que não estuda na mesma instituição de ensino. A vítima teve lesão craniana, perdeu três dentes e está internada no Hospital Unimed, mas não corre risco de morrer. O caso foi registrado no Plantão Policial da zona norte da cidade. Segundo o pai da vítima, a agressora tinha inveja da menina e já havia demonstrado comportamento agressivo.

O caso aconteceu por volta das 12h de ontem, quando os alunos saíam da Escola Estadual Hélio Del Cistia, no Jardim São Guilherme. Segundo relatos de testemunhas, a garota de 16 anos abordou a vítima na rampa de acesso às salas e iniciou a agressão. Ela desferiu uma série de golpes contra a aluna de 13 anos e, em determinado momento, teve a ajuda de outras adolescentes para realizar as agressões. A menina mais nova caiu desacordada e a agressora pegou a cabeça dela e bateu seguidas vezes contra o chão, fazendo com que os dentes caíssem.

Ainda segundo uma testemunha, que estuda na escola, outros alunos fizeram uma espécie de cerco e impediram que os demais estudantes que passavam pelo local interferissem para evitar as agressões. Segundo o pai da vítima, o microempresário Jairo Pereira Apocalipse, a agressão durou cerca de dez minutos. ‘Me contaram que a menina que bateu na minha filha gritava que ela nunca mais iria gostar de se olhar no espelho de novo. Que a beleza dela ia acabar ali’, conta.

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/09/10/aluna-de-13-anos-e-espancada-na-saida-da-escola-e-perde-tresdentes.htm>

Documento 6- No período de recesso escolar, os vândalos não pararam as atividades. Desta vez o alvo foi a Escola Estadual Antônio Cassimiro, localizada na Vila Mocó em Petrolina. De acordo com informações da gestora, Eliane Tavares, os quadros negros foram retirados e várias carteiras foram queimadas.

A ação aconteceu na última quarta-feira (10) e na ocasião a Polícia Militar (PM) e o Corpo de Bombeiros (CB) foram acionados. Ainda segundo a gestora, a direção aguarda o laudo do CB para enviar a Gerência Regional de Educação – GRE Sertão do Médio São Francisco – Petrolina para solicitar mais segurança para a escola.

Documento 4



JORNAL MOVIMENTO, São Paulo, 09 de outubro, 1978

ANEXO 3

INSTRUMENTO DE PESQUISA – PÁGINA 3

Além disso, professores que atuam na escola, a exemplo da docente Solange Cavalcanti, afirmam que os profissionais que trabalham na escola também são alvo de vandalismo. “Eles riscam os carros dos professores e funcionários”, relatou. As aulas da rede estadual serão retomadas na próxima segunda-feira (16).

<http://www.danielnoblog.com.br/index.php?post=2469>

Publicado em: 13/07/2012

Documento 7



Documento 8



1- Em relação aos documentos 1 e 2, quais seus principais elementos? Do que os documentos tratam?

2- É possível perceber semelhanças ou relações entre os documentos 1 e 2? Quais?

3- Em relação aos documentos 3 e 4, o que está sendo apresentado em cada imagem? O que tais acontecimentos significavam no período em que aconteceram?

4- Que relações podemos estabelecer entre os quatro documentos apresentados sobre o Regime Civil Militar?

5- Qual o tema tratado nos documentos 5, 6, 7 e 8? Em seu cotidiano, você já presenciou alguma dessas situações? Explique.

6- Quais as relações que podem ser estabelecidas entre os documentos 5, 6, 7 e 8? Justifique.
